



Giovanni Boaes (Org.)

# Homem Velho dos Santos

**Memórias sobre a formação do campo  
religioso afro-brasileiro na Paraíba**



A iniciativa de publicar histórias de vida dos líderes religiosos deste campo religioso, inclusive dos que já faleceram, inspira-se nos estudos de memória realizados no seu estado de origem pela Comissão Maranhense de Folclore sob a coordenação de Sergio Ferreti, Mundicarmo Ferreti e Maria Michol de Carvalho em torno dos velhos moradores de São Luís. O empenho de Giovanni foi direcionado para o levantamento da memória dos velhos e velhas da comunidade do povo de santo da Paraíba. Seu compromisso com esta comunidade vai além do saber acadêmico colonializante, de modo que busca uma decolonialidade do saber acumulado por estes velhos sábios, com o intuito de devolver a ela sua história recente. Este senso de responsabilidade e de justiça se reflete na generosidade com que Giovanni compartilhou a autoria deste livro com três dos seus interlocutores de pesquisa, assim como por sua postura diante do diálogo realizado, sem a habitual superioridade acadêmica dos pesquisadores com seus títulos e graus.

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maristela Oliveira de Andrade**  
Antropóloga, professora titular aposentada da UFPB



editora *fi*.org



**HOMEM VELHO DOS SANTOS**



# HOMEM VELHO DOS SANTOS

MEMÓRIAS SOBRE A FORMAÇÃO DO CAMPO  
RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO NA PARAÍBA

Organizador  
**Giovanni Boaes**



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Lucas Margoni



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

BOAES, Giovanni (Org.)

Homem Velho dos Santos: Memórias sobre a formação do campo religioso afro-brasileiro na Paraíba [recurso eletrônico] / Giovanni Boaes (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

147 p.

ISBN: 978-65-5917-660-1

DOI: 10.22350/9786559176601

**Disponível em:** <http://www.editorafi.org>

1. História; 2. Paraíba; 3. Religião afro-brasileira; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 344.09

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura e religião            344.09

*In memoriam a*

pai Moraes

pai Cardoso

pai Moisés

*e ao*

professor, amigo e mestre, José Erasmo Campello.



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>11</b>
<i>Maristela Oliveira de Andrade</i>	
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1</b>	<b>27</b>
<b>DO MARANHÃO À PARAÍBA: UMBANDA, JUREMA, MINA</b>	
<i>José Raimundo Moraes Araújo (pai Moares)</i>	
<b>2</b>	<b>49</b>
<b>“O BOCA DE PRAGA”</b>	
<i>Francisco Cardoso da Silva (pai Cardoso)</i>	
<b>3</b>	<b>87</b>
<b>“MIL VOCAÇÕES”</b>	
<i>Moisés Soares (pai Moisés)</i>	
<b>4</b>	<b>107</b>
<b>HOMENS VELHOS E MULHERES VELHAS DOS SANTOS: UM CAMPO EM FORMAÇÃO</b>	
<i>Giovanni Boaes</i>	
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>145</b>



## **PREFÁCIO**

*Maristela Oliveira de Andrade*<sup>1</sup>

Recebi muito honrada o convite para prefaciar o livro “Homem velho dos santos”, organizado por Giovanni Boaes, pesquisador de grande sensibilidade, e seus coautores, sábios em espiritualidade e na arte da cura dos males da vida. Livro que constitui o primeiro volume de uma série de publicações relativas a um projeto ambicioso sobre a memória do povo de santo da Paraíba. Ao longo de anos, Giovanni reuniu um valioso material de pesquisa com inúmeras entrevistas com pais e mães de santo que tiveram uma participação marcante na formação do campo religioso afro-brasileiro na Paraíba.

A iniciativa de publicar histórias de vida dos líderes religiosos deste campo religioso, inclusive dos que já faleceram, inspira-se nos estudos de memória realizados no seu estado de origem pela Comissão Maranhense de Folclore sob a coordenação de Sergio Ferreti, Mundicarmo Ferreti e Maria Michol de Carvalho em torno dos velhos moradores de São Luís. O empenho de Giovanni foi direcionado para o levantamento da memória dos velhos e velhas da comunidade do povo de santo da Paraíba.

Seu compromisso com esta comunidade vai além do saber acadêmico colonializante, de modo que busca uma decolonialidade do saber acumulado por estes velhos sábios, com o intuito de devolver a ela sua história recente. Este senso de responsabilidade e de justiça se reflete

---

<sup>1</sup> Antropóloga, professora titular aposentada da UFPB

na generosidade com que Giovanni compartilhou a autoria deste livro com três dos seus interlocutores de pesquisa, assim como por sua postura diante do diálogo realizado, sem a habitual superioridade acadêmica dos pesquisadores com seus títulos e graus.

Há cerca de dez anos, o pai Morais, o pai Cardoso e o pai Moisés abriram suas portas e seus corações para contar suas experiências desde a descoberta de sua espiritualidade, sua iniciação religiosa com pais ou mães de santo já estabelecidos, e sua posterior prática religiosa nos terreiros que frequentaram, antes da abertura do seu próprio terreiro. Em sua escolha pelos líderes religiosos deste primeiro volume tomou todo cuidado para não negligenciar outros líderes religiosos que tiveram igual relevância na época, daí a continuidade do estudo para dar visibilidade a outros que merecem igual tratamento. O pai Morais, o pai Cardoso e o pai Moisés ganharam notoriedade no campo pelo número de filhos iniciados e pelo número de terreiros abertos por aqueles que conquistaram novos filhos no campo. Esta capacidade de disseminar a religião parece ser um valor de grande importância.

Estas narrativas individuais, lidas em conjunto, permitem uma leitura do campo religioso dentro do recorte temporal de duas décadas em que os três líderes religiosos desempenharam um papel marcante. As narrativas revelam como o campo se configura na Paraíba, apresentando quatro tradições religiosas que se interconectam, às vezes num mesmo terreiro, sendo executadas pelo mesmo agente religioso: catimbó, jurema, umbanda e candomblé. Os relatos demonstram a presença mais antiga do catimbó e jurema praticados de forma frequente e livre, embora no período de maior atuação desses líderes religiosos, a umbanda foi relatada como a mais praticada na Paraíba, enquanto a tradição africana do candomblé adentrava pouco a pouco.

Apesar do quadro atual de africanização do campo religioso, e da assimilação por esses líderes religiosos em seus terreiros, eles revelaram um apego à jurema, cuja continuidade era justificada por ser considerada de grande eficácia. Porém a jurema foi sendo colocada na retaguarda, mas não abandonada, em favor da umbanda que assumia a linha de frente no campo. A jurema era praticada sem a necessidade de uma iniciação comprovada, bastando para tanto a ligação espontânea com as entidades e a fé dos que demandavam a elas. A tradição dos orixás (candomblé), com sua estrutura hierárquica e elaborados rituais de iniciação, parece ter penetrado no campo como forma de legitimar as práticas e rituais dessas religiões, a partir da ligação estreita com pais de santo de Pernambuco e da Bahia. Estes rituais eram valorizados e estimulados pela Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba como forma de legitimar o pai de santo ou mãe de santo para o exercício de seu ofício perante a sociedade, especialmente os políticos e a polícia.

Com este livro, Giovanni, ao lado dos seus coautores, consegue ir aos poucos desvelando a dinâmica do campo religioso afro-brasileiro da Paraíba, no período de duas décadas (1960-1970), colocando em evidência as alianças e as disputas entre os agentes internos e externos, que estiveram em ação no momento de institucionalização do campo, com o reconhecimento oficial da liberdade de culto e o fim das perseguições policiais.

No último capítulo, com relatos biográficos mais breves, fornece o perfil de outros pais e mães de santo, em que se visualiza uma rede de alianças entre agentes e terreiros e federações formando um primeiro desenho do campo com suas peculiaridades. Nesse contexto, foi possível entrever o papel marcante da FECAEP, na pessoa do seu primeiro presidente — Carlos Leal —, como organização que contribuiu para instituir

o campo afro-brasileiro da Paraíba, ao assumir a função de registro e controle dos terreiros por meio de autorização de funcionamento. Além disso, a FECAEP assumiu o papel de mediadora entre os terreiros, a sociedade e autoridades constituídas. Contudo houve rupturas que levaram ao surgimento de outras federações, cuja motivação não foi explorada dessa vez neste estudo.

Como reflexão final, Giovanni, com a colaboração dos seus narradores, sugeriu que a formação do campo religioso significou o surgimento de uma força invisível acima dos líderes religiosos, que estabeleceu uma nova ordem com o poder de disciplinar e classificar, tendo a partir daí constituído um capital, a ser acessado mais por uns do que outros. Convido os leitores a enveredarem pelos caminhos da memória dos velhos homens de santo, guiados por Giovanni, para aprenderem com eles um pouco dessa sabedoria que vai se apagando.

João Pessoa, setembro de 2022.

## INTRODUÇÃO

Homens de vontade. Assim classifico os coautores deste opúsculo. São três pais de santo que viveram na Paraíba, e que, ao fazerem suas vidas tal como as fizeram, ao mesmo tempo, estavam participando e ajudando a criar um contexto no qual a vida de outras pessoas iriam se desenrolar. Suas biografias e as de tantos outros adeptos das religiões afro-brasileiras — a maior parte anônima — ajudam a compor a história religiosa coletiva de um povo — “de santo” —, de um campo, de um espaço social-simbólico estruturado, de uma rede de conversação, de um mercado, no qual circulam mercadorias, símbolos, títulos, pessoas, cargos hierárquicos. São três pais de santo — homens velhos de santo — que há muito deixaram de ser anônimos. Cada qual com seu jeito, seu estilo e sua comunidade de filhos de santos e clientes, mas que, no geral, em suas biografias, encontram-se muitas semelhanças proporcionadas pelo mesmo contexto.

Suas memórias — memórias de velhos — nos levam a visitar os momentos em que as religiões afro-brasileiras se firmavam na Paraíba. Não se trata da origem dessas religiões no estado, mas de um tempo importante, marcado por robustos investimentos realizados pelos seguidores dos orixás e das entidades afro-brasileiras em busca de reconhecimento e legitimidade. Tempo de disputas, perseguições e negociações que se inicia no final da década de 1950. É o momento em que a umbanda vai se consolidando como a principal denominação das religiões afro-brasileiras no estado. Dessarte, as histórias desses três pais

de santo — a exemplo de muitos outros e muitas outras — estão estreitamente vinculadas à história da umbanda na Paraíba, entrelaçada com as federações, a política, a imprensa, a igreja, enfim, a sociedade.

Eles são uma amostra de um conjunto maior de velhos e velhas praticantes das religiões afro-brasileiras que foram agentes e sofrentes de um campo que se estruturava. Infelizmente a maior parte deles já faleceu. São poucos os remanescentes. Os três são homens velhos que falam sobre si, de quando foram jovens, dos seus empreendimentos, suas vontades e desejos. Homens que se veem com exultação, marcados pela força que extraem de seus guias e entidades. Contam-nos sobre a religião que professaram e praticaram. Para eles, como se pode supor a partir das suas narrativas, é religião de negros, de índios, de brancos, mas, principalmente, de brasileiros.

A velhice é uma época em que as potências físicas já não permitem certas proezas; ela nos impõe limites às ações, mas, necessariamente, não limita o pensamento e a criatividade, e a fala se torna o mais potente canal dessas qualidades. A conversa com eles é uma prática que, se alimentada, nunca faltaria. Quanto a isso, fui favorecido por tê-los entrevistado, e agora, depois do desaparecimento dos três, posso oferecer a quem tem interesse pelo tema, o seu conteúdo. Só lamento, por simples descuido, não ter aprofundado essa fascinante conversa em outras entrevistas.

Refiro-me a eles, e a toda uma geração da qual fazem parte, como velhos. O termo em si, na vida profana, vem sendo substituído por outros, supostamente, menos carregados de preconceitos. Porém se o termo carrega preconceitos em alguns contextos, em outros, a situação se inverte. Quando substantivado, pode até se mostrar incorreto; mas quando vem como qualificador (adjetivado), o significado muda. No

terreno da religiões afro-brasileiras, ser velho não é uma ofensa, senão um elogio. Os sentidos do “ser velho” estão conectados a uma rede de significados, e o termo, quase sempre, funciona como um adjetivo. Não é um termo solto, à deriva, à mercê de outros preconceitos. Velho, velha, antigo, antiga e ancestralidade estão relacionados. Representam algo a ser respeitado. Qualifica aqueles e aquelas que carregam sabedoria, conhecimento, reconhecimento, portanto, poder. Soaria um tanto estranho se a eles me referisse como idosos/as pais e mães de santo, ou pais de santo da terceira idade, pois essas expressões estariam deslocadas da rede de significados que compõem a linguagem, a expressão e os rituais sociais e religiosos afro-brasileiros.

A questão da memória é tema importante para as ciências sociais, assim como a velhice. Memória e velhice estão, de alguma forma, relacionadas. São temas explorados pelos/as cientistas sociais como os fazem os estudos exemplares de Ecléia Bosi (2001) e da Comissão Maranhense de Folclore (CMF). Esta, que tendo à frente cientistas sociais, como Sérgio Ferretti, Mundicarmo Ferretti e Maria Michol de Carvalho, produziu quatro volumes contendo depoimentos de velhos e velhas moradores de São Luís (MARANHÃO, 1997a, 1997b, 1997c, 1997d).<sup>1</sup> Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. Vem daí a minha inspiração para organizar este livro e outros textos e pesquisas que o antecederam.

Meu interesse pelas religiões afro-brasileiras se iniciou no começo dos anos dois mil quando passei a frequentar um terreiro de umbanda em João Pessoa. A princípio, não havia um interesse acadêmico,

---

<sup>1</sup> Depois de 1997, ano da publicação dos quatro primeiros volumes, até 2008, foram publicados mais três volumes.

investigativo, ele foi surgindo gradativamente. Eu estava diante de um contexto que ainda carecia de estudos. Poucos pesquisadores, até então, haviam dedicado atenção para o assunto em João Pessoa. Raríssimas eram as teses e dissertações defendidas no âmbito dos programas de pós-graduação existentes na Paraíba que tinham o tema como objeto. A minha principal preocupação se dirigia para a necessidade de compreender como as práticas que compõem as religiões afro-brasileiras haviam se estruturado ao longo da história recente até atingir a feição de um subcampo — à época, esse conceito de Bourdieu (1999, 1996) era o principal instrumento teórico que me guiava — dentro do campo religioso em João Pessoa.

Esse interesse durou — como pesquisador participante — até, mais ou menos, o final de 2012 quando finalizei um estágio pós-doutoral no Departamento de Antropologia da USP. Depois de 2012, continuei a frequentar os terreiros, mas não mais com propósitos investigativos, isso se devia a alguns laços e considerações desenvolvidos em mais de uma década de pesquisa. Com a pandemia de Covid-19, afastei-me do campo.

Cumpridos os requisitos protocolares relacionados à pesquisa do pós-doutorado, restou-me um material a ser mais explorado, do qual as entrevistas que realizei com pais e mães de santo se destacam pela riqueza das informações. Por se tratar de pessoas com idade avançada, a importância se torna mais evidente, considerando que eles e elas estão na iminência do desaparecimento, o que, lamentavelmente, aconteceu com os três coautores deste livro: faleceram poucos anos após as entrevistas. Cataloguei quase duas dezenas de velhos e velhas praticantes das religiões afro-brasileiras em João Pessoa, e cheguei a entrevistar alguns. Do *corpus* de entrevistas, para compor este livro, escolhi os três: pai Moraes, pai Cardoso e pai Moisés. O título do livro surgiu ao considerar que

as diferenças presentes em suas biografias se estruturavam em um contexto de semelhanças. Um jogo entre disposições e contexto como diria o sociólogo francês Bernard Lahire (2012, 2004, 2002). Parti do pressuposto de que a ação humana se elabora e se desenrola a partir de processos de socialização, pelos quais se formam disposições internalizadas para agir, pensar, crer e sentir. Dentro do indivíduo, há uma esquematização do mundo social na forma de um estoque de disposições, apreendido do contexto (conceito mais ou menos equivalente ao conceito de campo de Bourdieu, ou de configuração de Elias). Mas contexto e disposições não são entidades separadas, estão ligados entre si, tal como nomes e sobrenomes se juntam para dar identidade a uma pessoa.

Assim, o título *Homem velho dos santos*<sup>2</sup> foi escolhido a partir das ideias que animam as sociologias disposicionalistas. A primeira parte (*Homem velho*, no singular) representa o específico de cada um, o social dobrado; a segunda parte (*dos santos*) representa o contexto, ou seja, o coletivo-social-desdobrado. Juntos, formam um efeito de sentido que acaba personificando um tipo que, ao mesmo tempo, existe e não existe na realidade.

Pretendo, com o amplo material que ainda guardo, organizar mais alguns volumes sobre homens e mulheres velhas dos santos, reservando para o último deles uma discussão sistematizada — a partir das ideias das sociologias disposicionalistas de Lahire, Bourdieu e Elias — sobre a formação do campo religioso afro-brasileiro na Paraíba.

---

<sup>2</sup> Não há nada de essencial no título; poderia se chamar “Mulher velha dos santos” se eu tivesse escolhido algumas mães de santo que já entrevistei para serem as coautoras. O que não ocorreu porque o material a elas referentes ainda não está totalmente pronto.

Para compreender como as religiões afro-brasileiras se estruturaram como campo em João Pessoa, e em parte, na Paraíba, minha meta não era buscar uma história linear, que se inicia com uma origem e se desdobra sem solução de continuidade até o presente. Foquei-me, principalmente na trajetória de algumas de suas personagens: aqueles e aquelas consideradas importantes, reconhecidas e com destaque em relação a eventos, movimentos, conflitos etc. A partir de suas trajetórias, pude utilizar outros expedientes de pesquisa, como análise documental e observação participante.

Esse objetivo me levou a identificar os primeiros centros, terreiros e nomes importantes no espaço das religiões afro-brasileiras em João Pessoa. Como consequência, deparei-me com a umbanda, pois, inquestionavelmente, ela assume um lugar de destaque no processo de formação e estruturação do campo pesquisado. Dessa forma, metodologicamente, a umbanda se tornou uma chave importante, pois as principais personagens da história das religiões afro-brasileiras na Paraíba estavam inseridas nos quadros umbandistas.

Inicialmente, voltei minha atenção para o final da década de 1950 em diante, pois esse período marca o aparecimento da umbanda como uma força que plasmará o desenvolvimento do campo ao interagir com as formas de espiritismo de mesa (catimbó/jurema), kardecismo e a tradição nagô de Recife, além de algumas influências mais difusas dos candomblés baiano e carioca e do tambor de mina maranhense. Essa confluência levará à afirmação da chamada “umbanda com nagô”, denominação característica das religiões afro-brasileiras em João Pessoa. Além das questões relacionadas aos motivos religiosos em si (simbólicos, ritualísticos etc.), a umbanda está ligada a processos políticos importantes que foram cruciais para o delineamento do campo em

questão. Nesse aspecto, as informações contidas nos depoimentos aqui apresentados — e em todas as outras entrevistas que fiz — são muito pertinentes.

Em relação ao processo de estruturação do campo, a partir do material que tenho recolhido e analisado, elaborei um esquema que descreve o seu desenvolvimento seguindo três momentos principais. O primeiro momento se refere à predominância das chamadas mesas de catimbó/jurema, que se estende até, mais ou menos, ao momento em que começam a aparecer os primeiros terreiros de umbanda na cidade, no final da década de 1950. O segundo momento se inicia a partir do surgimento desses terreiros, e será marcado pela promulgação da lei 3.443/66 (PARAÍBA, 1966), importante por ter tornado legal a prática das religiões afro-brasileiras no estado. É o período de domínio da umbanda — com destaque para a criação e atuação das federações —, importante para a estruturação do campo. O terceiro momento se inicia a partir da década de 1980 com a chegada dos primeiros terreiros de candomblé na cidade. Desenvolvo melhor os argumentos apresentados neste parágrafo em dois outros textos: no relatório final que apresentei ao Departamento de Antropologia da USP para concluir o estágio pós-doutoral e em uma comunicação apresentada em um congresso de antropologia que aconteceu em Cuba (GONÇALVES, 2014, 2013a).

Em relação aos depoimentos dos três pais de santo que ora apresento neste livro, não os posso considerar nem como uma biografia sociológica e nem como estudo de narrativas, pois não fiz várias entrevistas sucessivas, seguindo o protocolo necessário para esses tipos de delineamento. O máximo que cheguei a fazer foram duas entrevistas com um dos entrevistados (pai Moraes). Com os dois restantes, fiz apenas uma entrevista com cada um. Num caso, pude ter acesso a

documentos, fotografias. No outro, foi apenas uma entrevista. Nos três casos, vali-me bastante da inserção de mais de uma década no campo, o que me proporcionou muitas informações sobre os entrevistados; ouvi muitos depoimentos de seguidores da umbanda, jurema e candomblé, filhos de santos ou não dos três coautores, em diversos gêneros: laudatórios, difamatórios, fofocas, acusações etc.

Os relatos foram colhidos na forma de entrevista semiestruturada. Sendo que, para compor o texto deste livro, as perguntas do entrevistador foram suprimidas e, quando necessárias para manter o sentido, foram incorporadas à fala do depoente. Perguntas sempre muito curtas e diretas, o que facilitou as embutir na fala do narrador, sem criar desvios.

Pai Moraes, eu o entrevistei duas vezes: a primeira em 4 de agosto de 2007 na sua residência — a entrevista fazia parte de pesquisa que tinha como objetivo estudar os chamados processos de mistificação nos rituais religiosos afro-brasileiros; seus resultados preliminares podem ser lidos em Gonçalves (2013b). A segunda vez aconteceu em 26 de março de 2011 no seu escritório imobiliário que funcionava em uma dependência da sua casa no bairro Jardim Cidade Universitária. Dessa vez, estava interessado em compreender o processo de chegada e incorporação dos elementos do tambor de mina maranhense ao campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa. Os resultados preliminares foram apresentados em Gonçalves (2011).

No dia da última entrevista, cheguei no horário combinado, e percebi que ele se mostrava um pouco ansioso. Sua condição se devia ao fato de que havia marcado um atendimento religioso a um cliente importante naquela manhã. Alertou-me que poderíamos iniciar a entrevista, mas assim que o deputado chegasse, precisaríamos

interrompê-la, retomando-a depois que findasse o serviço. Tratava-se de uma limpeza espiritual.

Começamos a entrevista às oito horas e trinta minutos. No transcorrer, pai Moares controlava o relógio o tempo todo, mostrando preocupação com a chegada do cliente, para quem, segundo me contou — com certo orgulho —, já “trabalha” há muito tempo. Disse-me que já o havia elegido para o seu mandato, e agora, para presidência do parlamento ao qual pertencia. Com essas palavras, pai Moraes quis demonstrar a força e a importância dos seus serviços religiosos: como seus trabalhos na umbanda e na jurema eram eficientes a ponto de serem requisitados pelo “terceiro homem mais importante da Paraíba”.

Quando estávamos prestes a concluir a entrevista, o cliente ligou, com quem pai Moraes falou com certa intimidade. Perguntou-lhe se ainda estava dormindo, pois há muito que o aguardava. O fato é que terminamos a entrevista um pouco antes das nove horas e trinta minutos, e o político ainda não havia chegado. Apesar da pressa, pai Moraes foi muito receptivo, e se mostrou disposto para as próximas entrevistas. Pai Moraes morreu em 16 de outubro de 2017, por causa de um aneurisma na aorta, aos 77 anos de idade.

No dia 15 de maio de 2012, entrei em contato com pai Cardoso por telefone, e lhe pedi uma entrevista. Ele foi muito solícito e educado como sempre foi desde que o conheci por intermédio de Mãe Marinalva. Marcamos a entrevista para a tarde daquele mesmo dia. Johnatan do Vale, também estudioso das religiões afro-brasileiras, acompanhou-me. Ao chegarmos, de longe o avistamos sentado em uma cadeira na porta da sua casa, a nossa espera. Trajava-se com roupa branca, algo parecido com a chamada roupa de “ração” (expressão utilizada pelos adeptos, especialmente do candomblé): camiseta regata e bermuda brancas.

Recebeu-nos com simpatia, sempre sorridente. Apresentamo-nos e subimos a escadaria que dava acesso ao terreiro; pediu que nos acomodássemos, e disse que estava à disposição para o que precisássemos. Naquela tarde, ouvia-se pai Cardoso narrando sua vida como um grande contador de histórias. Havia uma energia que se desdobrava na força com que articulava cada palavra: ora falava alto e potente, ora suavizava a entonação, falando baixinho como se estivesse cochichando com suas entidades. Pai Cardoso nos deixou em 08 de fevereiro de 2014, vitimado por um derrame, aos 78 anos de idade.

Pai Moisés, no ano em que o entrevistei, vivia em um município perto de Campina Grande, aproximadamente a 200 quilômetros de João Pessoa, chamado Lagoa de Dentro. A entrevista aconteceu no dia 05 de maio de 2012, e foi proporcionada por intermédio de mãe Lane, pai Aurélio e pai Afonso — amigas construídas nos terreiros —, que também me acompanharam na realização da entrevista.

Chegamos à Lagoa de Dentro por volta das nove horas. O lugar é um “bairro retirado”, rua de terra, casas simples. A casa de pai Moisés, também simples, se elevava a quase um metro do chão, e o acesso se dava por degraus resguardados por um corrimão.

Ele nos mostrou a casa: dois quartos, o principal, onde está o banheiro, e outro quarto menor de uso do cuidador, além de outra dependência que não soube o que era (provavelmente reservado à religião). Por todos os lados, via-se muitos objetos antigos, quadros nas paredes, pratos de porcelana pintados. Na cozinha, via-se um belo fogão à lenha com forno e chaminé. No quintal, muitas plantas e muitos cachorros. Sobre a mesa da sala, um telefone fixo, que durante a entrevista tocou três vezes. Ligações de clientes, uma, conforme nos disse pai Moisés, do Rio de Janeiro.

Apresentou-se para nós um senhor com uma bengala na mão, que parecia mais ser usada como um acessório de moda do que como instrumento de apoio, pois aos 86 anos de idade, ele aparentava bastante vigor, embora se queixasse de não enxergar mais como antes. Muito expressivo e sem timidez para pronunciar palavras e fazer jocosidades, permitiu que eu fizesse fotos e gravasse em vídeo a nossa conversa.

Quase às onze horas da manhã, finalizamos a entrevista. Enquanto ele nos acompanhava até a porta, perguntei-lhe se ele não tinha interesse em escrever um livro contando sua história, dei como exemplo o caso de mãe Marinalva. Ele manifestou interesse em escrever um livro, não sobre sua história, mas sobre ebós e outras receitas para se fazer trabalho na religião. Ao nos despedirmos, cobrou minha visita, e disse que eu deveria trazer muita coisa para anotar, pois era muito assunto. Pai Moisés faleceu em 2019, aos 93 anos de idade.

As narrativas dos três compõem o principal conteúdo deste livro — tentei, na medida do possível, usar a grafia da linguagem que mais se aproximasse do jeito de falar de cada um deles, algo difícil de se alcançar —, porém não pude deixar de acrescentar uma parte final, na qual apresento uma lista contendo outros nomes de velhos e velhas praticantes das religiões afro-brasileiras em João Pessoa. E à guisa de considerações finais, dedico algumas linhas à reflexão sobre a formação do campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa, com alcance para a Paraíba.

Este livro não teria se tornado realidade se não fosse a colaboração do povo de santo, que gentilmente me acolheu nos seus terreiros e casas, franqueando-me os espaços para observação e reservando tempo para responder às minhas perguntas. A todos eles e elas endereço os mais sinceros agradecimentos.

Agradecimentos especiais dedico às professoras Simone Brito e Maristela de Andrade por terem lido a versão quase pronta deste livro, e terem me alertado sobre alguns erros, que eu, em minha cegueira autoral, não havia enxergado.

# 1

## DO MARANHÃO À PARAÍBA: UMBANDA, JUREMA, MINA

*José Raimundo Moraes Araújo (pai Moraes)*

*Eu já dividi a terra  
Agora eu vou dividir o mar  
Eu tenho meu compasso de ouro  
Minha pena de arara  
E o meu maracá [...]*<sup>1</sup>



Foto 1: Pai Moraes no seu escritório, no bairro Jardim Cidade Universitária. Créditos: Giovanni Boaes, em 26 de março de 2011.

---

<sup>1</sup> Doutrina (ponto cantado) de mina, utilizado para abrir o ritual do povo das águas, ou povo de mina, no terreiro de Pai Moraes.

Meu nome é José Raimundo Moraes. Nasci no litoral maranhense — baixada maranhense —, numa cidade chamada Bequimão, no dia 26 de janeiro de 1940. É uma cidade que fica perto de Peri-mirim. Fica próxima também de Pinheiro, a terra de Sarney. Até os dez anos de idade, eu permaneci na minha cidade natal. Depois, acometido de uma doença chamada impaludismo, também conhecida como sezão, fui levado para São Luís para ser curado. Desde então fiquei morando na capital.

Eu fiz o ginásio e o científico — era assim que se chamava antigamente — na Escola Técnica Centro Caixeiral, uma escola que se localizava na praça Benedito Leite, no centro histórico de São Luís. Não completei o curso científico por motivos alheios a minha vontade, relacionados ao meu prematuro casamento; me casei muito novo, então ou eu estudava ou eu ia ter mais responsabilidade com a família. Eu optei por ter responsabilidade com minha família, por isso tranquei a matrícula e fui me casar. Eu tinha dezenove anos de idade, e minha esposa tinha dezoito. Daí, fui morar num bairro chamado Monte Castelo, e perto, mas não muito perto da minha casa, tinha um terreiro, como se diz no Maranhão: um tambor. Todo sábado, lá havia batida, e aquilo me perturbava, porque na época eu repudiava essa religião; cheguei até a dar queixa na polícia, mas eles disseram que não podiam resolver nada, porque era um problema de religião. Quando é um certo dia, eu estava deitado, e por lá começou o ritual, de repente eu sentia que aquilo se aproximava de mim. Em dois minutos, aquele toque estava dentro da minha casa, dentro do meu quarto, aí tive um processo de manifestação, de incorporação, saí de porta a fora com minha mulher atrás de mim. Fui bater no terreiro de Jorge Itaci, lá no bairro da Fé em Deus. Ele — hoje falecido — era filho de Ogum, um vodum, pois lá em São Luís não

se cultua orixá, lá se cultua vodum. Daí, então, eu rolei<sup>2</sup> no centro dele, e foi onde começou meu desenvolvimento; foi ele que me deu o meu primeiro *akelê* — lá no Maranhão, é assim que chamamos as guias, *chambetés*. Mas eu nunca queria aceitar aquilo.

Aos vinte e nove anos de idade, eu me transferi para João Pessoa, vim morar aqui, porque a minha mulher era paraibana, foi ela que me trouxe para cá. Aqui, trabalho como corretor imobiliário, tenho o meu escritório já há décadas.

A história de como eu me tornei pai de santo é muito interessante. Eu estava em uma festa de aniversário no bairro do Miramar quando percebi que tinha um cidadão que me olhava insistentemente. De repente eu saí e fui para a outra sala, foi quando comecei a sentir um formigamento nas minhas pernas, elas começaram a ficar dormentes. Foram adormecendo, adormecendo, e depois disso, não me lembrei de mais nada. Quando eu estava me batendo, chegou esse cidadão, botou a mão na minha cabeça, pronunciou algumas palavras que eu não escutei porque eu estava longe, em transe. Eu sou um médium inconsciente, eu não sei o que faço durante a incorporação, eu assumo outra personalidade, a entidade me assume, usa o meu aparelho para poder se comunicar com os vivos. No momento em que a gente entra no processo de incorporação, não se lembra de nada, só depois que a entidade sobe é que se volta ao normal. Depois que eu saí do transe, ele me chamou, estava com a irmã dele, Glória, que era minha conhecida, e me disse: “Olha amigo, eu preciso jogar os *edeloguns* pra você”<sup>3</sup>. Além de ele ser um médium de incorporação, também era vidente. Disse que tinha olhado uma

---

<sup>2</sup> “Rolar no santo”: “ter uma incorporação involuntária”. O mesmo que “estado bruto de santo”.

<sup>3</sup> Jogar os búzios. Processo divinatório.

luz atrás de mim que estava um pouco embaciada, ou seja, era o ectoplasma exterior que nós carregamos, a energia que todos nós temos: uma energia que pode ser filtrada positivamente ou negativamente. Se a pessoa está com algum encosto, alguma coisa atrapalhando a vida, então é preciso procurar um especialista, um médico do espírito — porque tem o médico da matéria e tem o médico do espírito — e saber o que que está acontecendo, por que tudo está dando errado. A pessoa de repente caiu num inferno astral, e tudo está dando errado para ela, sem saber o porquê. Então carece fazer uma limpeza, uma purificação com pipoca — porque pipoca é purificação —, uma descarga de pólvora, um banho de cobertura, um banho de cheiro, coisa mais ou menos desse jeito.

Continuando, o cidadão disse que precisava conversar comigo e que o meu destino era a religião. A partir daquele momento, me convidou para eu ir ao terreiro dele lá em Recife. Eu conhecia mais ou menos a irmã dele, mas eu não o conhecia, estava o conhecendo naquele dia. Aceitei o convite e me dirigi a Recife, eu e minha esposa. Lá, ele deitou os búzios para mim e disse que eu estava precisando de desenvolvimento espiritual, porque minha vida estava toda truncada, exatamente por falta desse desenvolvimento necessário para dar vazão a essas entidades que queriam trabalhar comigo, os orixás que queriam usar meu corpo mediúnico para me desenvolver e fazer a caridade. Então eu comecei a frequentar o terreiro dele todas as sextas-feiras. Entrei numa época de desenvolvimento, as entidades começaram a chegar, os orixás, o mestre, caboco, todos arriavam em mim; eu fumava, tirava ponto, essas coisas. Em pouco tempo fiz o meu primeiro assentamento.

Na época, no desenvolvimento, a gente precisava tomar banhos de *amaci*;<sup>4</sup> eu precisei tomar sete banhos. É uma lavagem de *ori*, ou seja, da cabeça. Às vezes, o *ori* está fechado, e o *amaci* serve para abrir a chácara. Depois desses sete banhos, a gente arria comida para o santo, lembrando que santo não come, ele apenas absorve a energia que sai daquela comida preparada especialmente para ele, e em troca, ele cobre a pessoa. Em seguida, o pai de santo jogou os búzios para saber quem era o meu santo realmente. O meu primeiro santo de *ori*, de cabeça, é Ogum de Malê, o segundo é Iemanjá, e o terceiro é Obaluaíê. Só fui tomar conhecimento certo dos meus orixás depois desse jogo. Feito o assentamento, em seguida veio o bori. Um bori é a metade de um *iaô*,<sup>5</sup> e no sacrifício só entra bicho de pena, só depois de sete anos é que a gente entra para o *iaô*. Este já é um trabalho, uma obrigação completa, se abre cura para tudo enquanto é santo com sacrifícios maiores. Com o *iaô*, se está pronto para se tornar um babalorixá. Dez anos depois, precisei fazer uma renovação, um reforço para dar comida ao santo, uma forma de pegar energia nova.

Com o *iaô* feito, pude abrir casa de santo, na verdade era preciso abrir a casa porque o santo estava pedindo. Mas enquanto não recebi o *decá*,<sup>6</sup> só pude fazer obrigação dos meus filhos com a presença de meu pai de santo, ali ao meu lado olhando tudo. Depois que recebi o *decá*, aí pude fazer filhos sem a anuência dele, ou seja, sem a sua presença. Por isso, “*decá*” quer dizer “liberdade”. E por último, teve a minha renovação de 21 anos. Essa eu já fiz no meu terreiro no bairro da Torre. Hoje, pela

---

<sup>4</sup> Banho feito com ervas maceradas.

<sup>5</sup> Ritual de iniciação. O/a iniciante deixa de ser neófito(a) para se tornar pai ou mãe de santo.

<sup>6</sup> Ritual realizado sete anos após o *iaô*. Representa o momento em que o pai ou mãe de santo atinge a plenitude, a senioridade na religião. É também um “confirmação” da sua ligação com suas correntes (suas entidades espirituais).

Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, eu sou Tata Zinguê — não sou simplesmente babalorixá —, sou um sacerdote espiritual com um posto acima de babalorixá, tanto é que o meu jogo de búzios eu faço com 21 búzios.

Já nem me lembro bem o ano em que abri meu terreiro, acho que foi em 1971. Está registrado nos certificados da Federação. Era na Torre, onde passei 25 anos, depois fui pra Jaguaribe. Não, está errado! Primeiro fiquei em Jaguaribe, época que eu estava ainda em desenvolvimento no Recife — lá eu tinha apenas uma mesa branca, eu fazia apenas sessão de umbanda —, depois que eu dei a obrigação foi que me mudei para Torre, na rua Carneiro da Cunha. Com o tempo, vendi a casa e o terreiro (o terreiro ficava na lateral da casa), e comprei três terrenos aqui no Jardim Cidade Universitária. Então construí o terreiro em dois deles. Resumindo, são 17 anos aqui, com mais 25 na Torre, são 42 anos com terreiro aberto. Quarenta e dois anos lidando com o santo, vivendo para o santo. Faço questão de dizer isso, porque eu tenho minha profissão, sou corretor de imóveis, eu não vivo do santo, eu vivo para o santo. Há muita diferença entre viver do santo e de viver para o santo.

Foi assim que começou a minha vida dentro dos trabalhos espirituais.

E só fechei minha casa por causa de doença, pois quando eu saía do centro, terminava o toque, minha pressão estava muito alta que era preciso ir direto para Unimed. Então eu tive que fechar, porque senão eu ia morrer dentro de um terreiro, e olha que no passado eu já havia tido um AVC dentro de um. Foi no terreiro de Zefinha, quando eu estava tirando uma filha de santo do quarto, chamada Josy. Fui acometido de um AVC, passei trinta dias em coma no hospital São Vicente de Paula. O meu AVC foi de tronco hemorrágico, mas Deus é tão bom para mim, me quer tão

bem, que eu fiquei sem nenhuma sequela; hoje eu trabalho, eu dirijo, eu falo, eu ando, eu faço tudo, não fiquei aleijado nada. Isso, porque eu sempre fui fiel ao santo.

Aí, então, para eu fechar a casa, tive que jogar os búzios pedindo permissão ao meu orixá. Esse jogo se faz cinco horas da manhã, invocando Ogum Matiná que é o orixá das profundezas do mar sagrado. Eu sou filho de Ogum nação Malê, Ogum nação Malê; não é nação de Malê ou Ogum de Malê como falam por aí, é nação Malê. Aí, então, o santo me respondeu no jogo que eu já tinha dado tudo o que eu tinha que dar. Já tinha dado tudo para o santo, eu não estava devendo nada para ele, então Ogum me deu passagem para que eu fechasse a casa, compreendeu minha situação em relação à saúde.

A minha religião, eu jamais irei abandoná-la, jamais, porque é aquilo que eu acredito, é aquilo que eu quero, tanto é que até hoje eu tenho vários filhos de santo que têm terreiros, e eles me convidam sempre, como Beto, Iolanda, Josy, pai Léo e Mãe Dilene. Tenho uma infinidade de filhos de santo aqui em João Pessoa; tenho Bel no Pará; Célio e Silvinha no Recife. No Maranhão, eu tenho uns quatro ou cinco filhos de santo em São Luís. Aqui em João Pessoa, quando eu quero, preciso fazer algum trabalho — porque eu ainda faço alguns trabalhos, devagar, mas faço: jogo búzios etc. —, eu ocupo os filhos de santo.

É! Há quarenta e dois anos atrás eu abri o meu primeiro terreiro, e há um ano tive que fechá-lo. O meu terreiro era generosamente grande, medindo nove metros de largura por onze de comprimento. Tinha seção de banhos, cozinha de santo, os *pejis*, o salão grande. A cozinha de santo é importante, porque a comida tem que ser feita no carvão; não se cozinha comida de santo em gás, se cozinha com carvão. Melhor, o meu pai já cozinhava com a madeira, porque o carvão já foi queimado. Era assim

nos tempos idos dos grandes mestres, quando não existia gás, apenas lenha, e dela fazia-se o carvão. Hoje, está muito modificado, está se fazendo comida de santo como se fosse comida caseira. A comida de santo tem que ser cortada nas juntas. Se faz a farofa de Exu com bastante pimenta. Hoje, não se vê mais farofa de Exu, antigamente era obrigado, porque o primeiro prato é de Exu, em qualquer toque, o primeiro prato é dele.

O último toque que dei foi em maio, toque de preto velho. Aliás, estou enganado, dei o último toque em abril pra Ogum que é o meu pai. Depois disso, eu entreguei a louça para os meus filhos, cada um procurou se dispersar, e eu despachei a minha, só deixei o meu santo de *ori* que até hoje ainda zelo por ele.

Mas conservo meus conhecimentos, minha memória e o amor pela religião. Como pai de santo eu puxo muito o ritual nagô. É um ritual muito difícil, um ritual onde a gente se entrega totalmente. Eu mesclo o nagô com a umbanda, que é genuinamente brasileira. Então eu levo nagô, nação e umbanda, além da mina maranhense que eu trouxe para cá.

O candomblé, quer dizer, nação, são várias nações que existem na África, é o queto, o jeje, o ijexá, o xambá, então são vários rituais diferentes. E a umbanda é genuinamente brasileira, que se apresentou pela primeira vez às margens ribeirinha do rio Amazonas, onde os caboclos a praticavam. É desdobrado, vem da mescla do terecô, da pajelança, coisa que era praticada na beira do rio Amazonas. Hoje, por lá, ela é um pouco enfraquecida, agora ficou muito mais forte no Nordeste, aqui na Paraíba, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte; aqui ela toma força com o culto aos mestres. Os mestres são *eguns*, pessoas que já se passaram e que hoje vêm a terra terminar o seu círculo fundamental. Já o

candomblé cultua os orixás, que é coisa da natureza, sendo que em cada região vibra um determinado orixá. Isto é, nas pedreiras, nos rios, nas matas, no mar, nas fontes, em cada uma dessas localizações vibra determinado santo ou orixá. No sincretismo, existe uma comparação entre o orixá e o santo católico, porque os negros quando vieram para cá, trouxeram a cultura deles, então, para não apanhar, não serem castigados pelos donos de engenhos, compararam Ogum, que na África é um santo guerreiro, a São Jorge que também é um guerreiro. Então houve a comparação de Ogum, Odé, Xangô. Xangô é o orixá do trovão, Iansã a senhora dos *eguns*, a senhora das tempestades. Nanã Buruquê, que no sincretismo católico é Santana, vibra na linha das almas; Obaluaiê que é São Lázaro, no sincretismo católico, vibra também na linha das almas; Oxum, que do panteão africano eu considero um dos orixás mais lindo que existe, no sincretismo católico, é Nossa Senhora Aparecida: para o africano é Oxum e para o católico é Nossa Senhora Aparecida. Tem Cosme e Damiano, Iemanjá, Oxalaguiã, Oxalalufã, Obatalá, Alufã, Olorum que é o nosso pai todo poderoso.

Então a diferença que existe entre a umbanda e o candomblé é porque na umbanda não existe nada disso, e nem na mina-jeje, onde se cultua muito o povo das águas.

O meu pai de santo chamava-se Saulo Guedes Alcoforado da Imbiribeira, em Recife. Foi aquele cidadão que um dia, no bairro do Miramar ficou me olhando insistentemente e me disse que o meu destino era ser pai de santo. Ele era filho de santo de mãe Beata daqui de João Pessoa, que era minha avó de santo. Pai Cecílio da Bahia era o meu bisavô de santo, porque era o pai de Beata. A mãe pequena do terreiro de Saulo chamava-se mãe Bel. Na minha obrigação, quando eu me deitei para o

santo, fiquei em flagelo para o santo, ela foi minha *iabá*.<sup>7</sup> Me dava banho de madrugada, ninguém podia me ver, ninguém podia me olhar, somente ela, porque era a minha *iabá*.

Quando vim pra João Pessoa, eu já tinha vivido um pouco da religião em São Luís, a mina maranhense. E a mina é o seguinte: nos tempos idos, na Bahia, aportou o povo de nagô, o povo do queto, do xambá, de várias nações, mas no Maranhão aportou apenas um povo chamado os minas, vindos do sudoeste da África. Uns negros que não eram totalmente negros, eram morenos, então, eles chamavam-se mina, os minas. Em São Luís, existem duas conexões: mina-nagô e mina-jeje. A casa da mina-nagô fica na rua Cândido Ribeiro, e a de mina-jeje fica na rua de São Pantaleão, perto da Madre Deus. Na nação do mina-jeje só tem mulheres de idade, pois somente são feitas mulheres nessa religião. Lá se venera o cajá do Pará que se chama aqui de cajarana. Essa árvore sagrada é dedicada ao vodum Lissá, que aqui chamamos Oxalá. Esse pé de cajá é cercado, então o povo faz as orações ali. Na época do carnaval ou de alguma festança, festa pagã, todo mundo que vai participar dessas festas tem a obrigação de lavar a cabeça com ervas no pé da cajazeira, pedindo a Lissá que se tenha uma boa festa, que não aconteça nada de ruim, que seja tudo tranquilo. Dos voduns, temos ainda Badé, — que para o candomblé e para umbanda é Xangô. Temos Tombossa que é Oxum, e assim sucessivamente. São vários nomes diferentes; o que aqui é orixá, lá se chama vodum.

Apesar de ter rolado na casa de Jorge Itaci, mas minha iniciação na mina, lá em São Luís, foi feita com a mestra Diquinha, uma mãe de santo

---

<sup>7</sup> Corresponde a um cargo na religião, geralmente ocupado pela mãe pequena, segunda pessoa na escala hierárquica do terreiro.

que tem um tambor muito grande no bairro do Maiobão. Isso foi, se me recordo, minha mulher ainda era viva, há dez ou doze anos; no máximo, uns quinze anos. Isso aconteceu algum tempo depois de que eu já tinha sido feito no orixá e na jurema. Daí, fui me iniciar no encanto.<sup>8</sup>

Além de mim, minha mãe pequena, Mãe Dilene, também foi feita na mina. O meu vodum de cabeça se chama Tapindaré. Lá, como disse, além dos voduns, existem outros encantados: Tapindaré, Légua Boji Buá, Corre Beirada e muitos outros que são caboclos. Orixás são Dom Luís Rei de França, Dom Sebastião. Há duas linhas, a dos voduns e a dos caboclos. Se cultua os príncipes, o povo das águas, os botos cor-de-rosa, que a lenda diz que são príncipes encantados. No Maranhão, se cultua muito o encanto. Quando se vai tocar para os voduns, os *abatás* (tambores) são deitados em cima de um cavalete; quando se vai tocar para caboclo, ele fica inclinado e o abatazeiro — o que bate o *abatá*, e que aqui se chama *ogã* — bate escanchado no tambor. São dois tipos, ou dois terreiros: um nas cidades e outro nas matas. Quando vai bater para vodum é nas cidades, quando vai bater para caboclo é nas matas. Temos as lenda da pedra de Itacolomi, que é uma pedra que vive no meio do mar, só se olha a ponta dela. Outra lenda diz que nos Lençóis existe um touro, e se alguém ferir a cabeça dele no dia de São João, São Luís vai abaixo e uma outra cidade sobe, a cidade encantada, onde moram vários voduns.

Eu sempre dava toque de mina no meu terreiro, porque eu sou original do Maranhão, então eu trouxe também essa cultura para cá. Eu abro uma gira de mina de forma diferente, porque não se faz com a *engira* fechada, a *engira* é aberta — eu chamo de *engira* o que o povo chama

---

<sup>8</sup> “Encanto” ou “encantaria” é outra forma de se referir ao tambor de mina.

gira, porque o nome certo é esse. Em mina também não se bate o *elu* em pé, como eu já disse.

Todo ano eu batia, eu dava um toque de mina. Houve um ano em que eu trouxe um tambor inteiro lá de São Luís para fazer um toque aqui. Isso foi mais ou menos em 1997. Veio um terreiro todinho, um ônibus cheio. O terreiro de Mãe Maria lá do bairro do João Paulo. Ficaram hospedados no meu terreiro. Aí, bateram um toque de mina puro. Além disso, o ano todo eu cantava normalmente para a mina. Eu finalizava os toques de jurema, ou com cigano, a corrente cigana, ou com o toque de mina, porque Dilene precisava receber a sua coluna grande — coluna grande quer dizer mestra, no caso dela, a cabocla Mariana. Eu recebo minha coluna grande que é seu Tapindaré, recebo também seu Légua Boji Buá e seu Banzeiro, e ainda tem algumas entidades que eu não lembro mais o nome. Tapindaré é orixá de materialização, ele materializa a doença de uma pessoa dentro de um ovo. Ele passa o ovo, faz várias coisas, e depois quebra o ovo; a doença que estava naquela pessoa sai de dentro do ovo.

Então os toques da mina ou para o povo das águas, eu fazia no final do toque de jurema. Não fazia nos toques de orixá porque seria outra pancada. Eu teria que invocar Dom Manuel, Dom Rei Sebastião, Dom Luís Rei de França, Tombossa, Badé, Barba Soeira (que é Iansã) e outras entidades, outros voduns. Já na jurema, são só os caboclos. A mina é uma religiosidade a toda prova, porque antes de fazer o toque, de bater qualquer tambor, forma-se uma procissão em volta do terreiro pedindo permissão a Lissá para poder bater, para fazer aquele toque, fazer aquela cerimônia. Bater para os voduns seria muita temeridade minha, uma coisa muito pesada e não tinha quem me acompanhasse aqui para cultuar os voduns. É uma coisa limpa; para bater para eles, todo mundo

teria que entrar no terreiro pela lateral, tomar um banho de cheiro, trocar toda a roupa, e só então entrar no terreiro para fazer o ritual. E aqui o povo não está acostumado a isso.

Essa é a forma como acontece no Maranhão, no terreiro de Mãe Diquinha, por exemplo. A gente não entra no terreiro, arrodeia pelo quintal, vai para seção de banho. Primeiro toma banho normal, depois toma banho de cheiro, depois veste a roupa de santo, e só então entra no terreiro. Antes disso, tem que ir à casa do segredo, que aqui se chama *peji*, abre o ponto do seu caboclo e acende as velas necessárias, bota o cordão no pescoço, que aqui se chama “guia”, lá se chama cordão. Pega a “espada” que lá se chama o pano usado para dar passe. Pronto, pode entrar no terreiro e realizar o ritual.

Aqui em João Pessoa eu não conheço nenhum outro terreiro que faça tambor de mina além do meu. E se alguém fizer, faz sem conhecimento. Aqui, só eu e Dilene temos conhecimento dessa nação, e pai Leo porque já aprendeu com Dilene. Eu me lembro que há alguns anos, me mandaram um orkut, eu não vou falar o nome da mãe de santo, dizendo que ia dar um toque de mina no seu terreiro, aí eu perguntei para ela, qual era o conhecimento que ela tinha para dar um toque de mina. Ela simplesmente não me respondeu nada. A única pessoa que já passou, que teve uma passagem ligeira pelo Maranhão, foi mãe Joana de Bayeux, mas já faleceu. E lá no Maranhão, tem pai Euclides que conseguiu associar o queto com a mina.

Lá no Maranhão, eu tenho um filho de santo que tem dois terreiros: um dos voduns e um dos caboclos. Hoje é vereador de uma cidade chamada Paço do Lumiar. Ele veio aqui em João Pessoa e eu preparei ele na jurema; eu não preparei ele no santo não, no vodum, quem preparou foi outro, eu apenas preparei na jurema, onde eu assentei o caboclo dele

chamado senhor Olho D'Água. Está lá no terreiro dele, a estátua muito grande, fica no Maiobão, perto de São José de Ribamar. Ele, hoje, graças a Deus, está muito bem-sucedido. Passou um mês aqui comigo, fiz a preparação, dei mão de búzio, mão de faca para ele.

Quando eu dava toque de mina, quem realmente recebia os caboclos era eu, Dilene e Léo. Mas na hora que a gente estava cantando, vários filhos se focalizavam com essas entidades, porque a gente estava puxando uma energia diferente. Então, algumas pessoas, com aquele toque, começavam a ter um processo de incorporação, mas não tinham a firmeza, porque incorporação firme, segura, que toma o médium todo, só acontecia comigo, Dilene e Léo. Tem incorporação que toma apenas metade do médium, nesse caso ele fica semiconsciente, mas quando a entidade toma o médium todo ele fica inconsciente. As outras pessoas, vamos dizer assim, eram focadas por essas entidades que a gente estava chamando, ficavam semiconscientes, não tinham uma firmeza de incorporação.

As entidades da mina que vinham no meu terreiro eram Mariana, Tapindaré, caboclo Louro e Léguas Boji Buá. Tinha também um filho de santo que era focalizado por Seu Banzeiro. Lá no Maranhão, “banzeiro”, no linguajar maranhense, se chama ondas do mar, então ele vem numa onda, vem nas linhas d'águas, porque a água tem linha como o céu tem estradas para os aviões trafegarem, voarem; no mar, tem estrada para as embarcações navegarem que se chamam linhas d'água. O povo da mina é o povo da água, da baía. No Pará, tem aquele encantado chamado Boto, quer dizer *pucuxim*, o boto amarelo, o boto cor-de-rosa. Na realidade, nós vivemos em três cidades: cidade de cima que é o céu, cidade do meio que é a terra, e a terceira cidade é o mar, porque o mar é uma

cidade que nos dá alimento e que faz tudo, onde tem verdadeiras criaturas.

Outra entidade que arria<sup>9</sup> no meu terreiro é Chica Baiana, arria em Dilene. Chica Baiana é uma entidade que o nome não quer dizer que ela veio da Bahia, é cognominada Chica Baiana em relação à baía, uma entrada no mar. Não é Bahia estado. Ela mora na entrada do mar, por isso é que se chama Chica Baiana. É uma cabocla que trabalha, que faz caridade, que dá passe, que ajuda, que faz magias.

Aqui eu não fiz ninguém na mina porque eu não tenho os ingredientes necessários para se fazer. Aqui não tem coisas que se tem no Maranhão. Os axés daqui são diferentes dos axés de lá. Por exemplo, aqui não tem rosa [de cor] verde. Mas lá tem. Por outro lado, aqui tem *lelecu bejerecu* (anis estrelado), mas lá não tem, ninguém nem conhece essa raiz, e assim por diante.

As entidades da mina que arriam não têm assentamento no *peji* — na verdade, o nome correto é casa de segredo —, onde guardamos as roupas e os acessórios que eles usam, mas não têm assentamentos. Lá no Maranhão também eles não têm assentamentos. Porque lá se trabalha com príncipes e princesas, representados por taças virgens de cristal com água de cheiro. Qualquer pedido que queira fazer, bote no príncipe, se for para homem; se for para princesas, é mulher. Diferente da jurema, na mina não se mata animal, não se faz sacrifício. O processo de feitura se dá com um lençol branco muito bonito, estendido no meio do terreiro, arrodado das três águas: chuva, rio e fonte nas bacias de ágata com as velas. Lá a pessoa é deitada, e a mãe de santo começa o ritual com os filhos do terreiro todos em volta do filho, batendo o

---

<sup>9</sup> “Baixar” no terreiro, ou seja, incorporar nos médiuns.

maracá e o ferrinho. E ali ele toma banho — banhos que eu não posso revelar —, e depois é recolhido, dorme no chão puro, nada de lençol nem travesseiro. Deita-se no chão puro. Bota algodão no ouvido para não escutar nada que vem de fora. Aí é que se processa a feitura, que não posso comentar, porque posso ser castigado.

No dia em que dava toque de jurema, às vezes, eu encerrava com os ciganos, outras vezes, eu abria para o povo das águas, ou seja, para mina. Eu cantava para caboclo, depois eu abria para mina. Começava mais ou menos assim: “Eu já dividi a terra, agora eu vou dividir o mar”. Já dividiu a terra com o caboclo, agora vai dividir o mar, trazer a mina. Fazia-se a *engira* aberta, andando de um lado para o outro, não é girando, arrodado. Conforme se canta alguns pontos, é que se dá umas voltas, gira um pouco, mas depois abre. Por exemplo, quando canto para o povo da Turquia é para fechar a gira, quando canta para os botos cor-de-rosa, a gira deve ser aberta. Assim, depende da doutrina que está sendo cantada — doutrina é como se chama a turimba, o ponto, o canto. Eu procurava fazer do mesmo jeito que se faz no Maranhão, só não cantava para vodum, que é o povo branco.

Fora dos toques eu também cultuo o povo da mina. Faço afirmações quando eu estou muito aperreado, ou que o meu negócio está dando meio errado, aí eu invoco eles. Às vezes, também eu trabalho com povo da mina para algumas pessoas. Por exemplo, uma vez, há um mês, eu fiz para uma senhora o jogo das agulhas. Para o orixá se joga búzios, búzios africanos, para a jurema se joga o alobaça, que é o jogo da cebola, e para o povo da mina se joga as agulhas na água: a agulha fica flutuando, vai correndo, formando nome, formando, encostando, separando. Joguei porque ela queria muito uma pessoa, e acabou conseguindo. A gente também passa banhos de flores no tempo, banho de rosas. Faço poucos

trabalhos na mina, e procuro não misturar o que é de lá com o que é da jurema ou do orixá. A forma de cultuar o povo da mina é diferente de como se cultua a jurema. Há diferenças demais. As doutrinas são diferentes, as roupas são diferentes, se hoje você vai bater para Tapindaré, a roupa é uma; vai bater para Légua Boji, a roupa é outra, é um ritual muito caro. Tem diferença nos instrumentos, o tambor é inclinado, tem o ferrinho para dar o compasso, e tem o cabaceiro que toca a cabaça. O toque é diferente, é compassado.

Eu sou um pai de santo muito conservador. Eu conservo meus princípios. Hoje, o que se vê é muita invenção, muita gente inventando muita coisa. No meu tempo não tinha essa história de vestir pombagira, homem vestido de mulher, não existia isso. Tanto é que eu nunca admiti no meu terreiro que homens saíssem com pombagira vestido de mulher, nunca admiti. Outra coisa, eu acho que pombagira é juremeira, vem da linhagem dos caboclos, das baianas, dos pretos velhos, das pretas velhas, ela não cabe no orixá; orixá é santo. Mas tem gente que, cantando para orixá, toque de santo, canta para pombagira. Para ela, se canta quando se abre uma jurema, aí ela cabe, ela tem saída, tem tudo. Pombagira não pode sair coroada, ela tem que sair com o *adê*. O único orixá, o único santo que sai de coroa é Xangô que é o padrinho do candomblé, mas nenhum outro tem direito de sair de coroa, tem que sair de *adê*, assim como pombagira não cabe dentro de um toque de santo.

Eu tenho quarenta e dois anos de santo e nunca me afastei dos meus princípios. Tem gente que arriou<sup>10</sup> dois bichos no pé de Exu e já se acha muito poderoso. Comigo não é assim. Quando eu fazia um *bori* de filho, eu só dava para ele mão de faca para bicho de dois pés; ele não

---

<sup>10</sup> "Arriar" significa aqui sacrificar animais para as entidades.

recebia mão de búzios. Só depois de sete anos é que eu fazia o *iaô*, aí eu dava mão de faca completa e mão de búzio. O que se está vendo hoje é que a pessoa corta um bicho, faz um *bori*, aí já se acha poderoso a ponto de viver nas encruzilhadas cortando bicho. Não é assim. Tudo tem seu tempo, tem seu limite.

Eu estou com 72 anos, vivi minha vida somente para terreiro, para religião. Graças a Deus, ainda tenho bastante energia para outras coisas, agora para terreiro eu não tenho mais, porque é muita responsabilidade, a gente se entrega demais, a gente tem muita responsabilidade com filhos e filhas de santo. Eu tenho vergonha de chamar atenção a uma mãe de casa, mãe de família, pai de família, então eu fico meio constrangido. Deixei meu terreiro, mas jamais deixarei de ser umbandista, jamais eu irei para outra religião. Jamais. Minha religião é essa.

Meu terreiro tinha, primeiramente, respeito, disciplina e responsabilidade. Eu não admitia fofoca, quando aparecia uma, eu chamava logo os envolvidos, botava frontalmente os dois para resolver aquele impasse, eu jamais gostei de fofoca. Tinha gente de bem, era frequentado por autoridades, gente de responsabilidade, e eu jamais irei manchar o nome do meu terreiro.

Eu nunca trabalhei por dinheiro; trabalhei por dedicação. Nunca cobre nada de ninguém, o pessoal levava o material e eu fazia limpeza. Se alguém disser que eu cobre dez reais por um trabalho feito, eu processo essa pessoa. Ele vai ter que me provar que me pagou por um trabalho. Eu tinha terreiro porque Deus quis assim, que eu fosse um paranormal para vim aqui ajudar, tanto é que quando eu tive o AVC, que eu pedi para morrer, uma voz me disse: “Você não vai morrer porque Deus ainda tem um propósito para fazer na sua vida.”

Terreiro é lugar sério. Não é lugar para mistificação. Coisa que se vê muito por aí. Mistificação é como se fosse um mediunismo, quer dizer, é e não é a mediunidade. A mistificação varia diante da personalidade de cada um. Se a pessoa tem uma personalidade frágil, aí vai existir muito a mistificação. O babalorixá experiente como eu, sabe quando a pessoa está mistificando pela forma de arriada do santo, pelos passos que o santo dá, como se mexe, pelo pé de dança, eu conheço quando a pessoa está mistificando. Tem orixá que arria e não gira, não rola, não roda o médium, ele só faz no pé de dança, só no ritmo do tambor. Tem outros que rodam. Se o médium está dizendo que está com determinado santo, e esse santo está rodando quando não deveria rodar, não é santo de verdade, está mistificando.

Mistificação é “impressionalismo”, ou seja, é feito para impressionar outras pessoas, dizer que é isso, que é aquilo. O verdadeiro médium é aquele que quando está em transe com determinado santo, perde o controle do corpo, não consegue controlar ele. A incorporação se inicia conforme o médium. No corpo do homem há vários campos em que a incorporação atua. Tem gente que recebe entidade diretamente na cabeça, ele fica tonto, começa a perder a noção das coisas; e tem outros que a incorporação inicia pelos pés, de baixo para cima: as pernas vão ficando dormentes, como é o meu caso. Minhas pernas começam a ficar dormentes, formigar, até tomar o corpo todo. Tem outros que é uma energia muito forte, pega pelas costas, por isso é que dá aquele impacto do espírito com a matéria.

A verdadeira mistificação é aquela em que a pessoa quer impressionar alguém. Por exemplo, alguém que quer amenizar um problema familiar com marido ou com a mulher, fazer com que aquela pessoa pense que os erros que o sujeito cometeu não são dele, é culpa de um

espírito. Isso está errado. Espírito não veio aqui para prejudicar ninguém, apenas está completando um círculo incompleto. Ele pode ter morrido de repente, de um desastre, de uma bala perdida, e não sabe que morreu, o tempo dele aqui na terra não tinha se acabado, aí ele vai ter que voltar para completar o ciclo da vivência aqui na terra.

Tem muitas formas de se desmentir quem está mistificando. Se a pessoa está se fazendo que está com um espírito, por exemplo, com Exu, a gente, então, faz um ponto de pólvora bem próximo da matéria da pessoa, e risca, aquela faísca de pólvora vai pegar no corpo da pessoa, se ela puxar o braço, é mistificação, se não puxar, é uma incorporação verdadeira. Quando o médium está incorporado, ele não sente absolutamente nada. Se eu pegar uma vela e passar no braço da pessoa, e ela puxar, não está incorporada. Essa é uma maneira muito prática de saber. São os testes que muito se fazia antigamente.

Havia um teste que era assim: a pessoa incorporou, o pai de santo levava ela para a porta do terreiro e colocava um pouco de pólvora na sua mão, e daí riscava o fósforo, se ela não aceitasse, era uma mistificação. Eu mesmo já me submeti a esses testes. Lá no Maranhão, utiliza-se as folhas de uma palmeira chamada tucum que são cheias de espinhos. Então quando uma pessoa está com encantado, o pai de santo estende várias folhas no chão do terreiro e manda o médium incorporado rolar em cima daqueles espinhos. Se ele tiver com entidade, com encantado, ele rola, se não tiver não rola não, dá uma desculpa, arroteia e sai. É um espinho pequeno, mas que fura bastante. Eu fui submetido a essa esteira de espinho, tanto é que minhas costas, antigamente, eram furadinhas, hoje não, já desapareceu pelo tempo. Tem muitas fórmulas da gente saber, testar o médium. Se está com mestre, manda ele acender três velas

e passar na pessoa que está tomando passe, pede-se que apague as velas na boca, se ele apagar, é verdade.

Essa história da mistificação serve de vantagem para quem vive do santo. Fazem de tudo para impressionar as pessoas para que elas façam trabalhos com eles. Agora quem vive para o santo não tem necessidade de provar nada a ninguém, de mostrar nada a ninguém.

Não vou dizer que os iniciantes são os que mais fazem mistificações, eu diria até que não são mistificações. Quando ele está iniciando, está num processo de purificação. É semiconsciente, só vai perder a consciência com a preparação. Agora tem também aqueles já feitos, e que não têm a capacidade, o dom dado por Deus para ser um paranormal, ou seja, não é uma pessoa que tem condição de receber uma entidade, um espírito, uma luz, aí eles forçam, querem fazer o que não devem fazer. O pai ou mãe de santo quando é preparado mesmo, não tem necessidade de fazer mistificação.

Quem faz mistificação está sujeito ao choque de retorno, hoje ele engana um aqui, amanhã ele será enganado pelo próprio Deus, terá um castigo; tem que ter uma punição, é o choque de retorno. Quando eu noto que uma pessoa está mistificando, eu chamo a entidade que supostamente está incorporada num canto reservado, e digo assim: “Olha você vai deixar disso porque não vai dar certo para você. Você pensa que está incorporado, mas não está”. Ou, simplesmente, não dou assistência nenhuma àquela pessoa, nem lá eu vou, porque eu sei que ali é perda de tempo. Não vou perder tempo com uma coisa que não existe. Não boto a mão na cabeça. Agora quando a pessoa está incorporada, minha obrigação é ir lá fazer subir aquela entidade fechando a energia frontal e a occipital, ou seja, boto a mão na frente, na testa, e atrás para fechar a corrente, aí a entidade sobe, ele sublima.

Essa história de mistificação é antiga, vem dos tempos primordiais, vem de muitos anos. Tudo que tem hoje é herança do passado. Ninguém pode ficar impotente diante da realidade da vida. Você vê que o homossexual é desde o tempo da Bíblia, vem desde Nero. Então tudo que se faz hoje é herança do passado, só que hoje é mais lapidado, é um negócio mais sofisticado, mas é herança do passado, isso vem desde as épocas, dos tempos remotos.

Eu acho que é uma obrigação minha esclarecer as coisas que estão encobertas, porque infelizmente essa nossa religião é marginalizada, porque ninguém se preocupa em tomar opiniões de uma pessoa que tem conhecimento. Muita gente, outros segmentos religiosos, diz que odeiam a nossa religião, e fazem escada em cima dela. Para se dizer se uma coisa é boa, é preciso conhecê-la. Como você pode dizer se um peixe é bom ou ruim se não provou? Então frequente um centro de candomblé, fale com um babalorixá, converse para você ver a realidade da vida. Muita gente diz que nós cultuamos Satanás; nós cultuamos a Deus. Eu só acendo uma vela, e essa vela é branca, não é preta.

Agradeço essa oportunidade para desabafar um pouco, falar aquilo que eu sei, que eu tenho, e agradeço a todos vocês por terem me aturado. Quem discordou de mim, que Deus o ajude, quem concordou, que Deus o ajude também. Obrigado. Que Deus, Orixalaguia, Oxalalufã, Obatalá e Olorum iluminem e abençoem todos vocês. Axé.

# 2

## “O BOCA DE PRAGA”

*Francisco Cardoso da Silva (pai Cardoso)*

*Vou tirar uma obrigação...*

*Mas de lá para cá, somente obrigação pequena.*

*É coisa pequena.*

*Muito calor né, tá quente?*

*Verão é isso mesmo.*

*Pronto, em que posso servi-lo?*



Foto 2: Pai Cardoso diante da sua “mesa” de santos.

Créditos: Giovanni Boaes, em 15 de maio de 2012.

Meu nome se chama Francisco Cardoso da Silva. Sou filho Natural do Brejo de Areia, onde mora toda a minha família. Sou de uma família

simples de agricultores. Minha mãe é Júlia Maria da Conceição e meu pai é Antônio Cardoso da Silva.

Eu nasci num sábado de Santana em 1935, no dia 25 de julho de 1935. Vou fazer 77 anos neste ano, e nesse dia vou fazer uma festa maravilhosa.

No Brejo, eu morei até os 20 anos. Nasci e me criei lá. Quando eu saí do Brejo, fui para Salvador, onde passei três anos e seis meses. Fui trabalhar, depois vim direto para o Rio Grande do Norte também para trabalhar, e de lá foi que vim para João Pessoa, isso faz “setenta e poucos anos”<sup>1</sup> que eu moro aqui.

Eu não tenho estudo. O meu estudo é o estudo de Deus e dos meus guias. Para nossa religião, esse que é o verdadeiro estudo. O estudo, é o seguinte: ele ajuda muito, adianta a pessoa, forma a pessoa, mas tem uns que não têm o dom de ter leitura. A minha leitura foi o cabo da enxada. Eu me criei na enxada, e quando se falava em ir para a escola, levava um cabo de enxada na cabeça. E naquilo a gente se criou, a trabalhar, a puxar cobra para os pés. Mas aí eu tive esse dom espiritual. Quando criança, fui coroinha, não me lembra bem, acho que eu tinha 12 anos de idade. Eu era coroinha da igreja do Brejo de Areia, onde fui batizado.

Ali começa minha história. Naquela época, Frei Damião estava pregando numa cidade chamada Lagoa do Remígio, cidade que tem próximo a Areia. Eu estava na missa como coroinha, ajudando o padre, isso em Brejo de Areia, aí eu tomei a bíblia da mão do padre e fui celebrar a missa. A igreja cheia de gente. O padre me conhecia, eu era menino

---

<sup>1</sup> Na época da entrevista Pai Cardoso estava com 77 anos incompletos, a expressão, então, pode parecer incoerente, mas para ele, é como se tivesse vivido a sua vida toda em João Pessoa.

com doze anos, ele via que eu não tinha costume de fazer aquilo, ele notou que era uma coisa estranha. Aí eu comecei a pronunciar a missa em latim. Veja só, para quem não sabia nem do “o”, imagina falar em latim. Só podia ser coisa do Satanás, era o que o pessoal achava, coisa do Demônio. Me botaram num jipe, me lembra bem, eu meio lá e meio cá, e me levaram para Lagoa do Remígio, onde Frei Damião estava pregando a missão.

O padre foi junto. Chegamos lá — Frei Damião pregando a missão —, o padre me levou para falar com ele. Nada mais, nada menos, ele botou a mão na minha cabeça, falou comigo, e nisso, eu acordei, voltei ao meu normal. Frei Damião me benzeu e, provavelmente, deve ter arretirado aquele guia que estava comigo. Então ele disse para mim: “Filho continue com a sua missão. Nunca procure praticar o mal, não faça o mal a teu próximo. O que você tem é um dom inspirado por Deus”. Pronto! Foi assim. Me benzeu, e daí me pegaram e me trouxeram de volta no jipe, e ele continuou a missão.

Só que eu fui afastado da igreja por causa da ignorância daquela época. O padre não me quis mais porque o pessoal da igreja não aceitava aquilo, lá não se tratava desse negócio de espírito. Aí fui para casa. Minha mãe revoltada — a minha avó, que eu considerava minha mãe porque fui criado por ela —, com desgosto porque eu que era um coroinha exemplar na igreja, agora estava afastado. Pronto!

Quando é um dia, eu estava sentado debulhando feijão verde, com a bacia no chão, aí aquilo disse em mim: — Vai haver um acidente de avião em pouco momentos”.

Vai a minha vó e diz: — Começou a doidice de novo.

Eu ainda tenho isso gravado dentro de mim. Naquele ano, estava havendo uma campanha política aqui em João Pessoa e Campina Grande

do candidato chamado Argemiro de Figueiredo. Aí eu disse, vai haver uma explosão no avião e ele vai morrer. Aí a minha vó vai e diz assim para um tio meu: — Quer ir pra cadeia.

Não deu 15 minutos, a notícia se espalhou dentro do Brejo de Areia que o senador Argemiro de Figueiredo candidato ao governo tinha morrido, o avião tinha explodido com ele. Minha mãe disse: — Ave Maria, esse cara tem parte com o Diabo.

Entendeu?!

Eu ficava assim olhando pra ela e começava a chorar. Era abastalhado né, naquela época, a gente criado em sítio.

Bom, aí continuou. Quando é um dia, eu estava assim limpando — eu morava na rua<sup>2</sup> — o mato, e tinha uma tia minha que morava no sítio, numa fazenda chamada Mundo Novo.

Minha vó lavando roupa.

Eu disse: — Ô mãe! Ela disse: — O que é?

Eu disse: — Tia Severina tá com espírito lá em cima da casa por nome Zé Rosário. Aí minha mãe pegou o pano e veio de lá e danou assim nas minhas costas: — Já vai começar com as tuas doidices é, menino?

— Mas eu tô vendo. Eu disse.

Mas eu via mesmo. Ela em cima da casa — eu ainda tenho isso na visão —, com o corpo em cima da casa, com a cabeça da banda de fora e o corpo dentro. Não deu quinze minutos e chegou um tio meu, filho da minha vó, montado numa burra, nas carreiras.

— Mãe, Severina — que era irmã dele — tá lá com espírito por nome Zé Rosário, e eu vim chamar Francisco pra tirar.

---

<sup>2</sup> A expressão “morar na rua” significa morar na área urbana do município, em oposição a quem mora no sítio.

Aí minha mãe disse assim: — Valha-me Nossa Senhora da Conceição!

Nisso, eu passei a perna em cima da burra e me agarrei com meu tio, eu ainda lembro o nome da burra, se chamava Caneta. A distância de onde eu tava, da rua para o sítio, era 3 léguas. Chego lá, ela tava com a cabeça da banda de fora e o corpo dentro, por cima das telhas. Veio uma pessoa e me tirou da burra. Eu não fiz nada mais nada menos, eu lembro tudo como aconteceu. Eu disse: — Saia deste corpo, Zé Rosário, que essa matéria não é sua; saia agora, eu lhe ordeno! Parecia gente.

Naquilo, a minha tia se estremeceu e acordou. O sacrifício que deu para tirar ela de cima da casa, aquela “casona” de sítio. Botaram uma escada, tiraram ela toda arranhada, toda coisada. Foi!

Assim começou a minha vida espiritual, é longa. Isto apareceu, se espalhou dentro do Brejo de Areia, e lá em casa era gente como um bicho de ruma. Os espíritos me diziam as coisas, assim como eu tô conversando com vocês aqui. Parece uma mentira, mas era uma verdade. Hoje eu não tenho mais isso. Aquilo chegava e dizia: “pá, pá, pá, pá” é assim e aquilo, vai acontecer isso, vai acontecer aquilo”.

Aí pronto, era gente! Minha família xingava muito, né? Não acreditava, ficava com medo daquelas coisas. O que eu dizia aconteceu. Eu tava fazendo uma coisa, de repente eu dizia: “Aconteceu isso”. Aí com poucos minutos chegava a notícia: “Fulano morreu, mataram fulano”.

Teve um ano que houve uma festa lá no Brejo. Existiam umas festas, chamava boi do rei, agora é muito difícil ter, sai mais no carnaval. Tinha dama, Catirina, aquilo era uma tradição que se chamava boi do rei. Então, estava havendo um boi do rei no sítio, e eu tava na rua, isso foi num sábado. Era umas quatro horas, e de noite ia ter a festa. Era muita gente para ir pro boi do rei. Era um bocado de gente, tudo

fantasiado. Eu tava emendando a linha de um anzol para pescar piaba, aí eu disse assim: — Olhe, quem vai no boi do rei hoje, pro sítio, pra Mundo Novo? Eu não vou, porque vai haver uma morte lá, uma briga, vai morrer nove.

Minha vó disse: — Pai, meu Jesus de misericórdia. A boca de praga já começou!

— Vai haver uma briga e vai morrer nove pessoas, tudo esfaqueado. Vai sair nove redes pra rua.

Todo mundo se benzeu.

Quando deu seis horas, desceu todo mundo pro sítio. Fechamos a casa. A casa nossa da rua era grande. E “lá, lá”; “tá, tá, tá, tá, tá, tá”, começou a festa. Quando foi dez horas pra onze horas da noite, houve uma briga, morreram oito, e um ficou vivo, todo esfaqueado.

Foi uma correria lá no sítio. Olha eu aqui todo me arrepiando com o caso.

Naquela correria, aquela agitação, ninguém olhava pro acontecimento, olhava pra mim, porque eu tinha dito aquelas palavras na rua e de noite aconteceu. Aí viemos embora, fomos pra casa. Como eu disse, saíram nove redes pra rua — porque lá nessa época, tiravam os corpos em rede. Hoje tá mudado, mas antes no Brejo, na entrada da cidade, tinha um campo assim com dois ganchos que era de botar as redes. Lá se pendurava a rede com os defuntos pra ir apanhar o caixão da prefeitura, que se dava o nome de “quebra-queixo”. Então levava o defunto e enterrava, depois voltava com o caixão e colocava lá no canto da prefeitura que era já para outra pessoa.

Quando foi terminar esses enterros já era umas nove horas da noite de tanta gente. O outro que foi esfaqueado, em poucos dias morreu.

Bom, aí eu disse, eu vou sair daqui, vou me embora. E pronto, começou minha história. É essa.

Eu fui pra Salvador. Lá eu passei três anos e seis meses. Na época, eu tinha uns 19 anos de idade. Trabalhava num hotel. A dona se chamava Maria Rosário. De dia eu tava bem, trabalhava tudo bem, mas de noite me dava uma coisa que eu ficava doido, abestalhado, caindo e quebrando as coisas. Eles acharam que aquilo não era normal. Ela frequentava uma casa de macumba, que por lá dá-se o nome de “roça”. Aí me levaram lá nesse patrão, que seria o meu primeiro pai de santo, se chamava Luís França, eu era um rapazinho novo. Ele fez lá um trabalho, explicou e tal. Pra resumir a história, pra não prolongar muito, eu deixei o emprego e fui morar lá com ele, que virou meu pai de santo. Ele me ofereceu tudo, e lá eu morei três anos e seis meses. Me tornei axogum de Exu, e tomava conta de lá, era muita gente no barracão. Foi, então, que houve uma quizila comigo, porque ele era muito pegado a mim — eu não sei que diabo eu tenho que as pessoas são muito fácil de se atrair comigo. Toda vida eu fui assim. Então ele era muito pegado a mim, até porque o que ele mandava fazer, eu estava sempre pronto: “Sim senhor, vou fazer, vou fazer, pera aí que eu vou.” E eu sabia lutar muito com Exu, eu tinha um imã que ele não tinha, eu gritava e Exu me obedecia.

Quando havia gira grande — dava-se o nome de gira maior —, eu ficava com um fogareiro grande, remexia, e levantava dois garfos. De hora em hora a gente levantava pra cima e soprava álcool pra sair fogo. Foi nisto que se criou uma quizila dos irmãos de santo dele, um despeito, mais ou menos, vocês devem imaginar que eu tô dizendo. Eles achavam que eu tinha um envolvimento com meu pai de santo, ele, nessa época, tinha uns 40 anos, eu lá com meus 18 pra 19 anos. Mas não era isso. Ainda não tinha acontecido nada, era uma atração que talvez ele tivesse, mas

não tinha brecha. Eu brincava muito com ele, ele brincava comigo, ele me beliscava, ele me mordida, aquela coisa toda, mas dentro da diplomacia, não tinha nada demais. Os outros criaram quiproquó, por isso eu vim me embora. Disse: — Vou me embora.

— Mas você Chico Brejeiro, você vai se embora?

— Vou me embora!

Ele foi lá dentro do quarto dele e trouxe um jogo de carta. A única coisa que ele me deu. Hoje, eu não tenho mais essas cartas, faz muitos anos. Pegou as cartas e me disse: — Pronto, isso aqui, já que você quer ir se embora para a sua João Pessoa, aqui vai ser a sua felicidade.

Pior que foi mesmo, graças a Deus. Quando eu vim me embora, já vinha dizendo as coisas dentro do ônibus pro povo. Em João Pessoa, fui trabalhar num restaurante na praia, restaurante de uma pessoa conhecida minha de Solânea. Eu era o cozinheiro de lá, uma restaurante grande, chamava-se AFRAFEP, ficava perto de um hotel chamado Elite Bar que acho que ainda hoje existe. Lá eu trabalhei uns quatro anos, até que peguei uma pneumonia, uma tosse.

Lá no restaurante, muita gente ia me procurar e eu consultava o povo. O meu chefe dizia: — Ou você trabalha, ou vai fazer suas consultas. Eu dizia: — Trabalho nas duas coisas, trabalho na cozinha e trabalho pro povo.

Também quando eu dizia que ele não ia vender nada, não saía nem uma parede. Eu só dizia aquilo quando tava com raiva dele, mas não ia ali um pé de gente.

Ah, eu botava carta! Era pá, pá, pá.

Como disse, peguei uma pneumonia, uma tosse braba por causa de abrir a freezer, eram quatro freezer. Comecei a tossir, a tossir, aí ele me levou ao médico e o médico disse que eu estava com começo de

pneumonia, e tinha que me afastar do serviço. Me afastei, e vim morar aqui na rua Palmares em Cruz das Armas. Fiquei na casa de um pessoal lá do interior, morei lá um ano. Tava me tratando. O meu chefe vinha com o motorista, trazia o medicamento. Eu fiquei bom, graças a Deus. Tomei o medicamento, tomei muito lambedor de mastruz, e os espíritos me diziam o que eu tinha que fazer, foi e fiquei bom.

Comecei a botar carta aqui na Palmares, numa mesinha. Está ali a Nossa Senhora da Penha que ainda hoje ela me acompanha. Essa santa tá com mais de 60 anos na minha mão.



Foto 3: Imagem de Nossa Senhora da Penha. Créditos: Giovanni Boaes, em 15 de maio de 2012.

Na época, eu morava com um compadre meu e uma moça velha. Era *geeente*, era assim, olha, muita gente pra consultar.

Nessa época, tinha Campineiro aqui, onde tá aquele prédio velho caído ali embaixo, e aqui tinha uma agência chamada Zé Gomes. Eu tinha duas propagandas. Dizia assim: “Acabou de chegar o cartomante Francisco Cardoso da Silva, lendo o presente, o passado e o futuro.”

Esses rapazes que faziam as minhas propagandas ficaram meus amigos porque um dia foram pra eu botar carta, eles tinham brigado com as namoradas, aí eu disse que elas iam renovar; mas foi só o que deu. Eles se apegaram a mim, aí faziam a minha propaganda de graça.

Como eu disse, tinha o Campineiro, a sede era ali embaixo. Era uma agência, tinha um banho, isso aqui era tudo no barro. Tinha até uma brincadeira que chamava angolinha, tinha banheiros, um bar, uma feirinha, isso faz uns sessenta anos. Então eles faziam minha propaganda. Era muita gente pra eu botar carta. Era lindo! Nisso, o dono da casa, que se chamava Geraldo, meu compadre, eu era padrinho de um filho dele, começou a brigar comigo, a dizer coisa por causa da minha comadre que se chamava Lindalva. Achava que eu tinha alguma coisa com minha comadre, mas não era nada disso.

Nessa época, a mãe de Gilberto<sup>3</sup> morava aqui do lado numa casa de palha, Dona Vitória — faz uns dois ou três meses que ela morreu —, e ela ficou sabendo que tinha um cartomante na Palmares. Quando eu vim morar aqui nesta casa que estou hoje, Gilberto tinha sete anos de idade, e Ronaldo, outro filho dela que já morreu, tinha seis anos. Ela foi botar cartas comigo. Quando ela chegou lá, encontrou o compadre Geraldo, que bebia uma cachaça da moléstia, bêbado. Ele não queria deixar que eu botasse as cartas.

A mãe de Gilberto disse assim:

— Seu Cardoso, perto de mim, desocupou uma casa e o dono é meu amigo. Se o senhor quiser eu arranjo pro senhor, agora.

E eu disse: — Quero!

---

<sup>3</sup> Gilberto da Pedra, importante pai de Santo de João Pessoa, representante da “nação” Moçambique.

Aí, de lá mesmo da Palmares, ela foi bater na Porfírio Costa, chegou lá falou com o dono. Então ele alugou na hora, por quinze mil Réis, era mil Réis na época. Ela mesmo pagou, e quando chegou já veio com a chave na mão.

Era uma casinha de palha, aí onde é essa garagem.

Aí, a gente se mudou, eu e uma moça velha chamada Ada. Varremos, tinha uma ruma de areia enorme, cheia de formiga de roça, aquela coisa. Lá vamos nós. De repente juntou foi gente, encheu pra ajudar. Era uma casa de palha, mas ficou um brinco.

Eu, só com o jogo de carta — essa história dá um livro — e minha bolsa, mudei pra essa casinha. A minha bolsa era daquelas que existiam na época, chamava pau de arara, feita de tábuas cobertas com papel de saco de cimento, uma mala forrada, ainda hoje vende-se delas nos interiores. Com dois dias, eu me mudei pra cá.

Foi Vitória que mandou ligar minha água, ligar minha luz, fez tudo. A primeira colher, a primeira comida veio da casa dela, ela era minha vizinha. E haja a chegar gente. O pessoal vinha tudo de lá pra cá, a casa nova.

Aqui eu continuei minha vida, e ela era o meu balaio de feira. Nesse tempo, nós fazia a feira no mercado central. A gente vinha de pés de lá trazendo o feireiro, o balaio. Na época, não se fazia feira no carro de mão, era no feireiro, ia comprando e botando no balaio. Às vezes, a gente vinha de ônibus. A história é longa.

E nisso nós tinha uma amizade maravilhosa, e aqui eu vivi. Naquele tempo, eu tinha uma cabeleira que “fechava a rua”, a pele limpa parecia pele de ouro, usava um perfume chamado lancastro, que onde eu passava o pessoal já sabia: — Cardoso passou aqui.

Existia a escola de samba Noel Rosa e, no carnaval, se tinha o lança-perfume, eu saía com duas delas. Calça branca, uma camiseta azul, um boné azul e duas lança-perfume, perfume mesmo, onde eu passava o povo dizia: — Cardoso passou aqui.

Com o decorrer dos tempos, as coisas vai mudando.

Sei que vinha muita gente pra eu atender. Aí um dia, eu inventei de aumentar a casa, eu botei abaixo a cozinha e aumentamos a cozinha. Este terreiro aqui foi inaugurado, construído, quatro vezes. A última vez, foi até Marinalva que veio inaugurar. Tem uma foto mostrando isso, é a prova, quem quiser pode perguntar a ela. Marinalva foi quem cortou a fita, ela e uma mãe de santo que já morreu, por nome mãe Beata. Eu era um rapaz novo, solteiro. Marinalva, naquele tempo, era bem nova, muito bonita, bonitona, um tipão de mulher. Muita gente, às vezes, ficava pensando que eu tinha alguma coisa com ela. Não era isso, a minha amizade com ela sempre foi linda, muito segura, sem aborrecimento, sem problema. Outro dia, eu tava dizendo que em outras encarnação eu acho que eu fui alguém de Marinalva. Então houve essa inauguração, e eu continuei meu trabalho. A minha primeira *iaô*, tirada na Paraíba, foi de uma filha minha, ela mora no Rangel, por nome de Rita. Isso faz muitos anos. Foi muita gente por aqui, aquela coisa toda.



Foto 4: Inauguração do Terreiro Caboclo Aruanda. Feita em 20/03/1967. Acervo de Mãe Marinalva. Pai Cardoso ao centro; à esquerda, mãe Marinalva; ao fundo, Carlos Leal.

E aí eu permaneci. Esse menino aí, foi filho de santo meu. Gilberto da Pedra. Fooooiii! Nesse tempo, ele recebia uma entidade, uma cabocla chamada Gidinha. Ela pulava dentro do tambor d'água, começava a pular, pular, aí, a mãe dele e o povo tirava ele — garoto, com sete anos de idade — e trazia pra cá. Aqui, onde é esse terreiro, tinha um pé de manga, ele subia no pé de manga, amarrava um pano na cabeça e ficava se balançando no galho de lá e pra cá, espiritado com essa entidade. Olha, esse nego tem espírito. A mãe dele ficava doidinha com a situação. Eu vinha e dizia: — Desça, vai! Eu tenho uma prática danada pra essas coisas. Ela descia.

Depois levaram ele pra outra banda, na época eu não tinha terreiro, dava só uns desenvolvimentos, depois que eu comecei aquela coisa toda. Levaram ele pra mãe Naninha — nesse tempo existia mãe Naninha lá no Cristo. Por lá, houve um problema, e ele foi afastado do corpo mediúnico. Depois disso se envolveu com uma pessoa por aí e inventou de botar terreiro. Ele construiu esse terreiro aí, e de lá pra cá só foi

crescendo. Quando já tava rapaz, houve um problema sério comigo, espiritualmente, por causa da pessoa com quem ele estava envolvido. Era gente lá e gente aqui, foi sufoco, muita gente envolvida. O resultado é que eles se deixaram, por causa disso, ele ficou brigado comigo. Mas eu continuei aqui, e cá estou. Essa que é a história deste terreiro.

Digo todo dia, não adianta fingir porque se machuca. É preciso saber. Muitos pais de santo dizem que eu sou orgulhoso, sou misterioso, só quero ser. Não é isso! Ninguém, não importa quem é a pessoa, procure se corrigir, olhar onde está, o que é que fala, o que diz, ou o ambiente que está, porque, às vezes, nós temos hora pra brincar, dizer agrado um com outro, mas tem lugar que você não pode tirar uma graça, você tem que levar sério aquilo, porque, senão, bagunça os ossos, e eu sou contra isso.

O meu primeiro terreiro mesmo eu considero aquele que está escrito no estatuto, que foi inaugurado por Marinalva. Já funcionava aqui, mas de tradição mesmo, escriturado é naquele ano. A gente esquece das coisas que se passam, não sabe, mas eu digo a todo mundo, eu tenho uma história contada pelos meus trabalhos aqui na Paraíba, eu sou pai de santo, o meu terreiro foi o primeiro a se organizar na Federação.

O Terreiro de Umbanda Africo Brasileiro "Cabeleto Arruda" fundado em 12 de outubro de 1966 e uma sociedade com personalidade jurídica de caráter religioso organizada de acordo com a lei n.3.443 de 6 de novembro de 1966 do Exm<sup>o</sup>.senhor Governador do Estado.

Trecho de abertura do estatuto do terreiro de pai Cardoso. Fonte: acervo de pai Cardoso.

Eu tinha 140 filhos de santo entre homens e mulheres, cento e quarenta filhos de santo eu tinha aqui. Era duas giras: a de dentro era uma gira de homem, e a de fora era a gira das mulheres. Graças ao meu bom Deus, nunca aqui teve problema, nunca. Nunca meu terreiro foi

denunciado, nunca houve morte, nunca houve cacete, briga, não senhor! Isso, porque eu sempre procurei escolher pessoas de responsabilidade pra tá aqui.

Até então, eu era solteiro, aí inventei de me casar. Me casei e construí família, tive cinco filhos: quatro filhos homens e uma filha fêmea, já tudo casado. Tenho 12 netos e seis bisnetos. O filho mais velho mora aí nessa casinha da frente. A minha casa é mais pra cima nesta rua. Os meus filhos não são do santo, mas aceitam. Não sei se é porque é meus filhos, mas acho que não. Eles vêm pra aqui quando eu dou uma obrigação, me ajudam. O mais velho é *ogã*, ele bate aqui.

A minha casa é aqui perto. A quarta casa depois desse muro de Gilberto, aquela casa grande de telha. Lá mora uma filha minha, duas netas e três genros. Depois que a minha esposa morreu — houve o acidente —, então eu botei ela pra morar lá. Atrás da casa, eu tenho uma vila, casas de aluguel, minha filha é quem toma conta. Hoje, ela está no hospital, deu uma dor nela e foi pra lá, mas tá bem.

A minha esposa era a mãe de santo daqui da casa. Ela não era do santo, ela era do interior, depois que casou comigo entrou para a religião. Se eu for contar essa história, é longa.

Então, foi assim. Eu era solteiro, morava aqui com uma moça velha.

A que seria minha esposa veio de Mulungu resolver os problemas da mãe dela aqui no INSS porque o pai dela tinha morrido fazia um mês, veio tratar da aposentadoria, da pensão. Ela se hospedou aqui na Palmeiras, numa senhora que era conhecida minha. E ela era noiva de um rapaz lá de Mulungu.

— Tia Zefinha, a senhora não sabe onde tem um cartomante, alguém que bota carta por aqui? — Ela perguntou pra senhora onde tava hospedada.

— Ah, aqui na avenida da Pedra tem um rapaz que bota carta muito bem!

— Me leva lá!

Aí ela veio, uma hora dessa, nessa hora. Eu tava atendendo um pessoal. Zefinha chegou, falou comigo e disse: — Eu trouxe essa moça pra botar umas cartas, mas ela tá com pressa que ela mora em Mulungu.

Olhei pra ela e disse: — Quem se avexa cansa, pera aí.

Botei as cartas lá pra outra pessoa, quando terminei fui botar pra ela.

Nas cartas eu disse: — Olhe, você está noiva, mas não vai casar.

— Ave Maria, não me diga isso!

— Não vai casar. Este rapaz está lhe enganando, ele já é pai de dois filhos lá em Mulungu, numa cidadezinha que tem por nome Lagoinha, ele tem lá uma mulher, e tem dois filhos, um macho e uma fêmea, e ele tá te enganando. E você não vai casar com esse rapaz, você vai casar com um rapaz daqui de João Pessoa.

— Ave Maria, nem diga isso que eu vou morrer, eu me suicido.

— Não! Nem você vai suicidar-se, você vai casar-se com um rapaz daqui de João Pessoa.

Era a coisa que eu tava vendo nas cartas. Continuei:

— Pra começar, você quando chegar em casa, no outro dia, uma amiga sua vai lhe dizer tudo, abrir o jogo com você.

Nesse tempo, vinha aí na rua do Rio, o ônibus que se chamava baratinha. Eu disse que ia deixar ela no ponto do ônibus. Lá vamos eu, ela e a velha que veio com ela. Chegou em frente a uma padaria chamada Celestina, ainda hoje tem essa padaria, eu parei e perguntei: — Você gosta de raiva? Naquele tempo, existiam aquelas broas que desmanchavam na boca, chamava-se “raiva”.

— Gosto. Ela respondeu.

— Ah, eu vou comprar um pacote aqui enquanto a baratinha não vem.

Fui na padaria e comprei um pacote de raiva desse tamanho. Lá vinha a baratinha, na Zé Tavares, fui e dei parada. Entreguei a raiva, e ela entrou dizendo “muito obrigado”, “muito obrigado”.

— Ah, eu vou lá. Falei pra ela.

— Pode ir. Ela respondeu.

Pronto. Quando é de noite, eu tinha um amigo que era motorista da Bonfim; não, da Transparaíba, morava aqui perto. Eu disse pra mim mesmo, eu vou escrever uma carta pra aquela moça. Aí vai aquela moça velha, que já morreu, e disse: — Tu tá doido Francisco, a moça é noiva.

— Mas eu vou assim mesmo.

Chamei uma amiga minha, chamada Socorro: era eu ditando e ela escrevendo. Botei dentro do envelope — pá, pá, pá —, não me lembra mais o que botei na carta, corri e fui levar pra esse meu amigo que chamava-se Cícero, era muito meu amigo.

— Cícero.

— Oi Cardoso, o que que há?

— Tu vai pra Guarabira amanhã?

— Vou!

— Tu me leva uma carta pra deixar lá em Mulungu?

— Deixo.

— Olha, você me leva esta carta e deixa lá na parada do ônibus, lá tem uma barraca de tábuas, e você me entregue a carta pra dona da barraca que conhece esta moça. Diga a ela que de tarde eu quero a resposta, ou sim ou não, resposta ao que vai aí.

No outro dia, parou o ônibus na barraca. Cícero foi entregar a carta.

— Olha, aqui tem uma carta que veio pra senhora. Qual é o nome da senhora?

— Ceci.

— Pronto, foi um rapaz que mandou pra entregar a uma moça chamada Dindin — o nome dela era Hilda, mas era conhecida por Dindin.

— Ah, eu conheço, ela mora aí nessa rua, rua do Quadro.

Ela só fez subir lá e disse:

— Dindin, aqui tem uma carta que o ônibus deixou de um rapaz de João Pessoa.

Ela pegou a carta e leu. Mas só foi o que deu. Ela leu a carta, pegou um caderno e “pá, pá, pá”, escreveu a resposta. Eu perguntei se eu podia ir lá, pedir ela em namoro. Pronto, namorei, noivei e casei com três meses. Pois é, namorei, noivei e me casei com três meses.

Quando ela chegou lá — voltando a história atrás —, veio uma amiga dela pra abrir o jogo, e ela acabou o casamento na hora. Esse cara, o noivo dela, já morreu também, de um acidente de carro.

Ela me respondeu a carta dizendo que eu podia ir no domingo. No domingo, eu fui. Nesse tempo, eu tinha um grande amigo chamado Dr. Frutuoso, ele era médico, morava na praia de Tambaú, vinha muito na minha casa. Ele tinha um carro que era uma beleza. Fui bater lá.

— Dr. Frutuoso, eu vim aqui...

— Chico, o que que há?

— Eu vim aqui lhe pedir uma coisa.

— O que é?

— Olhe, eu amanhã eu vou pra Mulungu, vou noivar, e queria que você me emprestasse seu carro.

Aí ele disse: — Você dirige?

— Não, eu não dirijo, mas o seu motorista vai me levar. Chamava-se Antônio o motorista dele.

— Tá certo. Ele disse.

Quando foi no outro dia, de seis horas da manhã, o motorista chegou aqui: pipite, pipite. Era um carinho branco, um opala que chegava voando. Eu já tava tomado banho, pronto pra ir, parecia uma dondoca, de sapato e uma aliança, fui embora. Cheguei lá, pedi ela em casamento. Vai que a minha futura sogra disse que não podia por que...

Eu nem deixei ela terminar de falar:

— Eu banco tudo! Naquela época, as coisas não eram como hoje.

De Mulungu pra lá, tem uma cidadezinha chamada Alagoinha, onde tinha uma feira. Na mesma hora, fomos pra feira comprar panela. Foi aquela bagunça de rapaz: compramos muita panela, tigela, pronto, já era a arrumação da casa. Sei que quando eu saí de Mulungu, deixei ela já com a aliança. Com três meses, namorei e casei.

Então foi aí que ela veio morar comigo, depois foi entrando na religião até se tornar mãe de santo.

Fiz na Bahia toda obrigação de santo, mas não pra dirigir terreiro. Lá eu recebi iniciação pra trabalhar com a jurema também. A minha jurema foi feita no mato. Toda a obrigação foi feita no mato, dá-se o nome de caboclo, não dá o nome como aqui não. Lá, em nome de Óxossi, todas as oferendas foram levadas pro mato. Foi dado o toque no barracão por meu pai de santo, e as oferendas foram depositadas todas no mato. Lá se cultuava preto velho, preta velha, caboclo, Óxossi, Pena Branca, os mestres, é a mesma coisa daqui. Se cultuava tudo isso, mas só que lá, na minha época, não se fazia obrigação de caboclo e nem de mestre dentro de casa, chamava-se oferendas na mata, fazia tudo lá; as nossas irmãs iam na frente, limpavam, não me lembro o nome da árvore, não é iroco;

era uma árvore de tradição. Todos iam, quem fosse fazer a oferenda lá, limpavam e lá deixavam as oferendas, enfeitava a árvore de fita, aquela coisa toda. O povo dava gira lá e trabalhava. Pronto!

Na minha obrigação para o orixá, eu não fui raspado porque tinha medo. Fiz obrigação de santo pra Orixalá por doença, não foi pra abrir terreiro, nem raspei nem catulei.<sup>4</sup> Eu disse pro meu pai de santo: — Pelo amor de Deus, você não vai fazer isso comigo! Aí, ele fez minha obrigação normal sem raspar a cabeça.

Aí, vim pra cá e comecei a trabalhar como já contei. Foi quando eu resolvi botar barracão, isso por influência de um filho de santo meu, ele era o meu pai pequeno. Então ele botou na minha cabeça, porque era gente demais, e eu tinha tendência pra aquilo, tinha jeito pra aquilo e aquela coisa toda, aí eu enfrentei. Antes de abrir barracão já tinha muitos filhos, a gente não fazia gira, apenas usava bata. Nenhum era feito, até porque a feitoria no santo tá em você. Nós fazemos feitoria de santo por uma tradição e nome, mas o que você tem ninguém tira. É um dom que Deus lhe deu e ninguém tira, só ele. Você pode não ter um pinto no pé de Exu, você pode não ter uma lavagem de cabeça, mas você tem ciência, você tem saber, um dom dado por Deus. E, às vezes, você faz uma obrigação, esse dom vai se embora. Foge tudo de você. Também existe isso dentro do santo. Você é uma coisa antes de ninguém mexer na sua cabeça, e passa a ser outra coisa quando alguém bota a mão na sua cabeça. Mas depende das pessoas também. Nesse instante, eu volto atrás: depende da pessoa!

---

<sup>4</sup> Catular é uma expressão utilizada para se referir a procedimentos ligados aos processos iniciatórios. Para alguns, significa o mesmo que raspar a cabeça, para outros, refere-se a cortar os cabelos dos postulantes com tesoura.

Se você tem um guia, se se determinar fazer alguma obrigação, faça por confiança, fé e amor. Não faça por fantasia, porque você se afoga. Faça a voz do seu coração gritar e falar, não pela vaidade, mas porque você acha que pode. Pode acontecer isso: você vai assistir uma festa e vê uma saída de Iemanjá linda de morrer, como sempre é, e aquilo te faz sentir uma atração. Assim você decide que vai fazer o teu santo. Ou como também se impressionar com a saída de Oxóssi que é muito comum aqui na Paraíba. Vai fazer por uma questão de simpatia, porque gostou daquilo. Mas, às vezes, você não sabe nem o que está fazendo.

Voltando. Eu tava trabalhando no santo, sem feitoria de santo, mas tinha sabedoria. Foi quando eu fiz a minha primeira filha. Era a época da perseguição da política: a polícia entrava nos terreiros e botava abaixo, quebrava, levava preso, era aquela confusão, uma polêmica danada.

E eu aqui, continuei. Uma que eu tinha conhecidos muito grandes. Aqui vinha muita gente grossa: deputado, ministro, Abelardo Jurema, Pedro Gondim, Wilson Braga, o Diabo. Pois é, até Pedro Gondim, o que perseguia nossa religião. Eu conheço aquela granja da Santana até mais do que eles mesmos. Eu convivi ali quatro anos, dentro daquela granja, conheci tudo ali, aquele palácio eu conheci por dentro e por fora. Eu vivia ali dentro na época da campanha dele a governador da Paraíba. Foi ele que veio aqui falar comigo. A minha entidade disse pra ele: — Olha moço, cada esquina você bota um garrafão pedindo ajuda. Na praça Pedro Américo, ali e acolá tinha um botijão, era uns botijão de vidro desse tamanho, o povo passava botava os real dentro. Foi voto assim.

Aí, passou-se, ele ganhou. Eu vivia lá na granja do governador. Eu que tomava conta. Eu sei da pacotilha desse povo todo.

Eleito, ele mandou me buscar. O motorista dele chamava-se Chico, Francisco também:

— Seu Chico, o governador está lhe chamando lá na granja.

— Mas o que ele quer comigo?

Aí, entrei no carro — na época, já era casado. Cheguei lá, foi aquela alegria.

Aí, ele disse: — Olha Cardoso, irmão Cardoso — ele me chamava irmão Cardoso —, eu tenho uma proposta pra você.

— Pois não, estou aqui pra servir, pra ajudar.

— Olha, eu vou colocar você como diretor do porto de Cabedelo.

Eu acho que eu ainda tenho esse documento em casa, o convite.

— O quê? Me diga uma coisa Dr. Pedro — eu não chamei ele de governador —, olhe Dr. Pedro, isso é uma piada? Ou o que é? — Disse mesmo assim, lá no escritório dele na granja.

— Mas por quê? Ele perguntou, com a esposa dele do lado.

— Porque eu não tenho leitura, Dr. Pedro. O que é que eu vou fazer no porto de Cabedelo como diretor? Se o senhor quiser me ajudar, me ajude de outra forma, mas eu não posso ser diretor.

Aí, parece que ele já amaciou, já criou mais intimidade.

Vai, a esposa dele, e diz assim:

— Pedro, faz o seguinte: você arranja um cargo lá no palácio de servir cafezinho às pessoas. Vai tá ali com você, e você deixa ele num cargo que quando um dia você sair do palácio, deixe ele seguro.

Ele olhou pra mim, bateu no meu ombro e perguntou se eu queria isso. Eu disse: — Quero! Até hoje eu espero. Embolou, amizade vai, amizade vem, e nisso passou a questão de governo. Acredito que foi as minhas entidades que trancou para não acontecer. Continuamos com a amizade, mas ele calou a boca, e eu também nunca falei no assunto.

Quando eu precisava dele, era tiro e queda, tudo, tudo. Passou o tempo e acabou. Depois veio o governo de João Agripino. A mesma coisa, a mesma luta, aquela preocupação. Ele já tinha informação de que eu era um cabo eleitoral muito forte, era muita gente aqui, gente demais. Se atrai muita política. Nisso ficou.

Depois, lá vem o governador Ernâni Sátiro. Ele tomou muito uísque sentado naquele sofá ali. Além dele, eu trabalhava pra Teotônio Neto, Soares Madrugá, Edinaldo do Egito, Bonifácio Lobo que era um grande advogado. Dr. Carlos Gondim, que hoje é juiz de direito, vivia lá em casa, tudo na bagunça, e lá vai.

Você sabe, na época de política esse pessoal faz tudo pra ganhar a eleição.

O governador Ernâni Sátiro me deu o restaurante da AFRAFEP, associação dos agentes fiscais do estado, para eu administrar. Estava indo tudo muito bem, mas minhas entidades não aceitaram. O mesmo restaurante que eu já tinha trabalhado antes. Ainda trabalhei bem um ano lá, até que as entidades trancaram. Eu tinha que escolher ou lá ou aqui. Aqui, o povo vinha a minha procura, não me encontrava, ia pra lá, e ficava naquela polêmica. Isso foi naquele ano que houve aquelas mortes na Lagoa, no dia 24 de agosto. Houve aquele acidente com a barca dentro da Lagoa, que o povo morreu, foram vinte e sete, vinte e cinco ou vinte e oito afogados.

Então, lá eu abandonei o restaurante e fui enfrentar meu campo espiritual até hoje. E aí botei pra fazer meus filhos dentro do meu ritual, e assim vai, graças a Deus, até hoje.

Só que aí teve uma questão. A falta de um pai de santo. Carlos Leal Rodrigues exigiu que eu procurasse um pai de santo, não acreditava bem

na feitoria que eu tinha feito em Salvador porque eu não tinha comprovante.

Nesse tempo, foi quando veio um pai de santo de Recife, com quem Gilberto — nessa época, já era rapazinho — estava envolvido. Era Mário Miranda. Ele vinha muito de Recife pra cá, e eu me dava muito com ele. Então eu disse: — Vou convidar Mário Miranda pra ser meu pai de santo! Eu já era casado. Minha mulher disse: — Se você convidar Mário Miranda pra ser teu pai de santo, Cardoso, é ele entrando por uma porta e eu saio pela outra! Ela não gostava dele porque era muito efeminado.

Pois é, ele usava umas japonas, eita! E a minha esposa via aquilo, que ele vinha aí, andava por todo canto. Ela não quis.

E agora? Eu não podia ir buscar um pai de santo em Salvador. O de lá já tinha morrido. Ninguém vem, é muito dinheiro.

Lembrei que tinha um pai de santo em Campina Grande, meu conhecido, chamado Vicente Mariano. Eu já conhecia ele lá da rua Maciel Pinheiro. Ele era muito amigo de um filho de santo dele chamado Marlene, que tinha um restaurante, uma boate, só de mulher, gay e sapatão. Era ali na subida, como quem chega perto da delegacia, eu acho que ele já morreu. Vicente Mariano tinha um centro em Campina Grande, e nós já se conhecia. Eu tralhava pra uma dona de pensão chamada Laura Dantas, e naquele sobe e desce, cada um querendo ser mais forte do que outro pra abrir a casa de comércio, pra entrar mulher, ele chegou a me conhecer. E nós nos demos a conhecer. Ele me convidou pra eu ir na casa dele, mas eu nunca tinha ido. Até que decidi: — Eu vou! Fretei um ônibus e fui numa festa na casa de Vicente Mariano. Lá, o meu orixá virou, meu santo virou, se ajoelhou e botou minha cabeça nas pernas dele, e fez um sinal com as mãos. O santo não falou, mas veio e fez o sinal. Aí, todo mundo bateu palma, pê, pê, peperepê. Quando eu acordei, veio o recado.

Tá certo! Eu aceitei. Minha mulher também tinha ido prá lá, gostou muito, ficou muito satisfeita, porque ele, naquela época, era um pouco desmantelado, mas se comportava, ele não dava manchete. Então fiz a obrigação com ele. Foi, então, que ele convidou Malaquias do nagô de Recife para ser meu padrinho. Isso foi uma confusão, porque na verdade, seu Malaquias veio pra ser meu pai de santo. Só que Vicente vai pra Federação de Carlos Leal Rodrigues, e lá botou o nome dele como pai, Malaquias que era o pai dele, como meu padrinho, mãe Lia, que é a minha mãe de santo, como mãe, e botou Virgínia como *iabá*.

Quando chegou o pessoal, dois carros do Recife, pra aqui, que quando pegaram a lista da federação, tava o velho Malaquias como padrinho. Ele, com uma toalhinha dessas nas costas, deu um bocado de grito em Vicente Mariano, chamou de cabra safado, aquela coisa toda. Não deixou ele tocar em mim. Eu sentado ali no banquinho, não deixou ele tocar em mim. Vieram 14 pessoas do Recife, tudo pai e mãe de santo pra compartilhar da minha obrigação. Foram 12 bichos de pelo: eu dei de Exu a Orixalá, tudo de pelo. E ele não deixou que o Vicente pusesse a mão, porque Vicente, no lugar de vir pra aqui, foi pra Maciel Pinheiro, pra casa de Marlene. Eu sei que foi aquela polêmica através da minha obrigação. No sétimo dia de obrigação, eu botei pra morrer, tive um começo de infarte, uma espécie de trombose, que antigamente chamava assim. Morreu uma banda do meu corpo, ficava a boca troncha.

Passei mais sete dias recolhido. Fui pra o hospital todo raspado, catulado, foi aquela confusão. Isto foi uma polêmica maior do mundo. Aí, todo mundo foi se embora, mesmo assim, ainda saí de iaô. Foi gente, gente, que essa rua tava de uma ponta a outra pra me ver. E eu saí, no salão deu *dijina*, deu presente a todo mundo. Mas eu fiquei doente. Fiz o

tratamento, passei um ano me tratando pra eu acordar. Todo mundo botou o dinheiro no bolso e, olha, foi se embora.

Eu me revoltei. Quis quebrar tudo. Tinha me revoltado com o santo porque eu tinha feito a coisa com tanto gosto, com tanto amor, com tanto carinho. Eu era jovem, como um touro, saúde que tinha de pegar um touro, e de repente me achei com uma banda morta, todo troncho. Não é brincadeira. Isso foi mais ou menos em 1966. Os meus filhos eram pequenos.

Ainda hoje eu tenho o banquinho ali de Iemanjá. Me levaram pra casa depois da obrigação. Tinha hora que eu perdia os sentidos, não sabia se tava morto, se tava vivo. Quando eu acordei mesmo, eu disse, com a boca toda troncha: — Hilda me leve pra Iemanjá!

Acudiu todo mundo, e me botou lá no quarto do santo. Aí eu fui chorar. Pedi a Iemanjá que não me levasse agora, deixasse eu criar meus filhos porque eles ainda não sabiam comer pela boca deles. Palavras foram ditas e salvas. Me levantei, fui nos pés dessa preta velha, que tá bem aí, chorar. Aí ela desceu assim mesmo, e deu uma lição de moral em todo mundo aqui, que era assim de gente, todos aqui pra ver meu estado. Veio polícia, veio reportagem, veio Carlos Leal, que veio pra saber se foi pela obrigação, pra prender meus pais de santo. Mas eu disse que não tinha nada a ver.



Foto 5: Preta velha de pai Cardoso. Créditos: Giovanni Boaes, em 15 de maio de 2012.

O que aconteceu comigo, aconteceria com qualquer outro, todos nós somos seres humanos, acontece isso. Aí, eu pedi nos pés da preta velha, e ela arriou na minha pessoa, ensinou, deixou muito carão, muito grito:

— Eu não disse a ele que ele não fizesse essa bendita obrigação, que ele não precisava disso.

Então, pediu pra eu tomar um purgante de nove qualidade: meio quarteirão de azeite de carrapateira e oito ervas; uma colher de sopa de cada erva: manjeriçom, arruda, hortelã, peão branco, tudo. Tirei uma

colher, botasse no copo com meio quarteirão de azeite preto, um copo desse tamanho. E eu lá em cima da cama depois da obrigação. Era pra bater até unir. Começaram a bater às quatro horas da manhã, um bocado de gente: um batia, quando esse cansava, outro batia. Que só me desse esse purgante quando unisse, que olhasse no copo e não tivesse mais uma bola. Depois que eu tomasse, me trancasse por nove dias pra ninguém me ver, porque eu tinha ficado com a visão trocada; pra eu ver direito, eu tinha que baixar e subir a cabeça, eu via duas pessoas, via dois buracos. Quando foi cinco horas da manhã, que levantaram o copo, tava completo. Me levaram pro banheiro, eu com uma chave na mão, porque ela tinha dito que era pra botar uma chave virgem na minha mão. Nesse tempo, o banheiro não era aí, era ali embaixo... aí pô, pô, pô, não tomei o gosto, só engoli: pum, pum, pum. Tomei o copo de azeite todinho, aí me botaram embaixo do chuveiro, me molharam e me enrolaram com um lençol, e me jogaram em cima da cama. Mas não deu quinze minutos: o que vinha de dentro era preto da cor dessa bolsa, podre, que o povo passava tapando o nariz. — Vixe Maria! Eu tanto obrava como vomitava, trancado dentro do quarto. Quando deu umas nove horas, eu agarrei no sono. Eram dois penicos pra levar as fezes pro banheiro, porque era direto. Quando eu acordei, era uma hora da tarde. Acordei bom, bonzinho, bonzinho como eu estou aqui hoje. Eu quis correr na rua — que não podia — de tão contente que eu tava. Eu olhava assim, era tudo normal.

Eu impliquei tanto que eles acabaram me tirando do quarto, me enrolaram a cabeça — nesse tempo, aí tinha uma escadaria —, coloquei a cabeça pra fora, mas eu queria correr na rua gritando de alegria, é como se você se livrasse de uma pedra que tivesse no seu pescoço, eu queria gritar na rua: — Eu tô bom! Aí voltei pra dentro. Tirei os nove dias de resguardo. A preta velha disse que era pra eu tomar, com sete

dias, outro purgante com sete ervas; com mais sete dias, pra tomar outro de três ervas, que aí eu tava curado.

Disse também — eu ainda tenho o rebenque dela —, depois de bater o rebenque, que era pra eu caminhar. Graças a Deus, eu me levantei. Até hoje tô bem. É a minha avó. Pronto, minha história é essa. É preciso tempo pra contar.

Foi aquela polêmica. Malaquias foi cem, não, dez por cento. Ele era filho de Iemanjá, de Ogunté. Já era velho, ainda não tava com as pernas amputadas, mas ele foi legal comigo, fez direitinho, só que cobrou muito dinheiro pelo pé.

Ele chegou aqui na porta do quarto, olhou e me disse:

— Cardoso, por que é que você vai fazer essa obrigação tão pesada? Tô olhando aqui, tá tudo pronto, de Exu a Orixalá.

— Oh meu padrinho — eu disse —, é porque a Federação está exigindo um pai de santo.

— Eu vou fazer meu filho, tá tudo pronto aí como manda o nagô.

Quando ele terminou de fazer, que eu saí do quarto, que eles foram se embora, ele me disse que eu estava pronto para o resto da vida, com meus santos assentados, de Exu a Orixalá. Feito por seu Malaquias, e nunca mais eu precisaria fazer isso novamente. Na Paraíba, ele veio de Recife somente fazer minha obrigação, e foi embora. Era um negão alto, naquela época devia ter uns sessenta e tantos anos, era um negão alto da cor dessa bolsa. Fez o meu santo, não mexeu nada de jurema. Ele disse que não entendia nada de jurema, estava ali só pra fazer minha obrigação de santo.

Voltou pra Recife; com um tempo eu soube que ele tinha amputado as pernas. Eu ainda fui lá visitar ele, morava em Beberibe, bem com uns três meses depois, ele foi se embora, morreu. O ritual que ele fazia era

nagô, ele era irmão de santo do finado Zé Romão, tradição lá do Pernambuco, lá nós temos um sítio grande, tem igreja, tem barracão, tem tudo só pra aqueles pais de santo, mães de santo velhas. Só entra lá quem tem nome. Meu dedo aqui — Gilberto — sabe disso. É essa minha história.

Na minha época, eu conheci muitos pais e mães de santo. Me lembro muito bem de Sebastião Gama, foi muito meu amigo, era gente muito boa, pai de santo, ele era umbanda. Quando eu vim de Salvador, o primeiro terreiro que eu visitei foi o dele. Eu morava na Palmares, me lembro, eu tava namorando uma moça por nome de Bibi. Aí ela disse assim: — Cardoso, lá na Cruzeiro do Sul, tá havendo uma festa espiritual, tu gosta? Ela não sabia que eu era espírita, só sabia que eu botava carta. — Tu quer ir? Eu disse: — Vou! Ela tinha uns 24 anos. Aí, foi eu, a irmã dela e essa moça velha que já morreu. Era, na verdade, lá na Zé Tavares. Chegamos lá, era um terreirão de palha, e tava aquela festa. Eu entrei mais minha namorada, né, a gente ficou de pé encostados na parede, que tava cheio de gente. Nisso, lá vinha ele com Oxum, e eu aqui encostado na parede, ela fazendo “ieiei”, “ieiei”. E eu calado com medo de que ele viesse pro meu lado. Aí ela rodou, deu um rodeio no meio do salão e veio direto onde eu tava. Aí disse — me lembra, me lembra, me lembra como se fosse hoje — olhando pra mim, com as mãos nos quartos: — Filhote que estás fazendo aqui? Eu fingi que não sabia, porque a minha namorada olhava para o santo e olhava pra mim. Eu dizia: — Nada! Ela me deu um abraço, e aí, disse: — Cadê as cartas que o teu pai te deu? Respondi pra Oxum, não pra Sebastião Gama, disse pra Oxum de Sebastião Gama: — Tá comigo! Ele era filho de Oxum Pandá, e eu também sou filho de Oxum Pandá. Ele bateu no meu ombro e disse: — Eu Pandá, e tu Pandá. Eu vi essa cena nessa época, chega me arrepio, vi essa

cena nessa época. É a Oxum do finado Sebastião Gama, que onde tiver me ouça. Eu fiquei calado, não dei nenhuma palavra, com vergonha, pra namorada não saber que eu era da bagunça. Ela sabia que eu era cartomante.

Quando eu chego em casa, aí ela vai me perguntar que carta é essa.

Eu não sei de quem Sebastião Gama era filho de santo, não me lembro quem era o pai de santo dele. Eu sei que quando cheguei aqui na Paraíba, ele já existia. Conheci ele muito bem, ele já tinha a tradição, tinha seu barracão. Naquela época, era ele, Cleonice — uma mãe de santo nagozista —, Maria Grande e Zefa Corcunda. Marinalva conheceu esse povo todinho, nesse tempo, ela era mocinha.

Não ia muito no terreiro dele; a gente se via porque eu ia muito para o bairro do Cristo. Sei que a esposa dele deixou ele, chamava-se Hilda também, e foi-se embora para o Rio de Janeiro. Ela pegou ele com assuntos de tal, que eu não posso pronunciar, por isso deixou ele. Depois se juntou com uma senhora por nome de Maria do Cabelão com quem brigava muito. Sei que ele era um macumbeiro tampa. Era muito conhecido dentro da Paraíba.

Esses terreiros que eu falei, Maria Grande, Cleonice e Zefa Corcunda e Sebastião Gama davam toques batidos. Eram os terreiros que tinha na Cruzeiro do Sul. Aqui nessa região pra cá, Cruz das Armas. O primeiro terreiro que bateu foi o meu. Foi na época que o governador liberou a umbanda.

Sebastião era um macumbeiro tampa. Fazia Jurema. Dentro do rito dele, ele raspava, catulava, tudo ele fazia. Ele ainda tem filho de santo vivo por aí, que passou pela mão dele, mas que não tem barracão. A maioria dessas mãezinha de santo que tem por aqui, passaram pela mão de Sebastião Gama, um bocado delas. Desse povo mais novo, muitos

passaram pela mão dele, mas que arranjaram outros pais, e aí esqueceram de Sebastião Gama. Porque inventam uma história que diz o seguinte: é preciso tirar o egum de morto, a mão da cabeça. Isso tá errado. Não tem quem tire. Se você é um babalorixá, e você botar a mão na cabeça de um filho de santo, raspar, pintar, catular, aquilo que você botou em cima daquele filho, não tem quem tire, só Jesus Cristo. Porque, naquela época, quando você foi fazer aquele filho, você botou por amor, com carinho, com dedicação, pedindo, implorando pra aquele filho ou aquela filha crescer e se multiplicar, realizar tudo de bom. E não tem o que duvidar, a reza que você reza na cabeça de um filho ou filha só Deus tira, meu filho, o resto é besteira.

Outro que conheci muito foi Moisés. Esses pais de santo velho, Moisés, Dudu, Dedo Duro, Biu Tutano, Ivete Farias, Valdivino, Luís do Varjão, todos eu conheci.

Izete Farias ainda é viva. Hoje não tem mais terreiro. Quando conheci Izete Farias ela era umbanda. Tinha um terreiro ali na descida do bairro do Novais. Marinalva sabe dessa história. Houve uma morte lá nesse terreiro. Houve uma briga lá entre duas mulheres, e uma matou a outra. Izete era cantora na rádio, trabalhava na Rádio Tabajara e tinha terreiro. Depois do acontecido, abandonou a religião; hoje, dizem que ela é evangélica. Também não sei quem era o pai de santo de Izete Farias, porque era o tipo da coisa, eu vivia aqui, não vivia pela casa desse povo, conhecia sim, mas a gente não tinha a causalidade de tá procurando entrar na vida de ninguém, só via — ah, “aquele é um pai de santo”, “aquela é mãe de santo” —, e era coisa muito pouca. A gente não ia especular: quem é seu pai, quem é sua mãe, você é filho de quem? Se você se dava com uma mãe de santo, um pai de santo, você não ia entrar em detalhes, ou em particular pra saber quem era os pais dele, hoje já tá existindo

isso pelo desenvolvimento da vida, mas anteriormente, há uns quarenta anos atrás, era como bicho do mato.

Outro conhecido é Gilberto de Ogum, que era meu conterrâneo, nós ainda chegamos a ser parentes. Foi o primeiro pai de santo de Gilberto da Pedra. Ele carregou ele daí, ele tinha uns catorze anos. Ele era bem simpático, um moreninho simpático. Gilberto de Ogum simpatizou dele, e ele simpatizou Gilberto de Ogum. Eles passaram bem uns quatro meses no Rio de Janeiro. Gilberto de Ogum morava no Cristo. Eu ia muito pros toques, festa na casa dele. Foi, então, que houve essa morte pra lá, mas ninguém sabe contar o que aconteceu. Dizem que foi por causa de envolvimento — que eu não vou puxar em detalhes, pois que ninguém sabe — com um *ocó*. Foi um *ocó*<sup>5</sup> dele que matou ele. Ele era uma pessoa muito boa. Solteiro, nunca casou. Ele curtia, como diz a história, pelos dois lados, ele voava com as duas asas — não vou entrar na vida particular dele —, mas ele curtia homens, nesse tempo, era com rapazinhos novos. Quem matou ele foi um cara que convivia com ele. A gente já morava aqui, nós fomos todos pro enterro. Lá no Cristo, ele morava pertinho de um pai de santo chamado Nilson. Pois é, era umbandista, filho de Areia também.

Ele veio de areia aí ficou, morou um tempo em frente da minha casa com os parentes dele e depois foi para o Cristo, alugou casa pra lá e tocou o barco pra frente né, porque é o tipo da coisa, no campo espiritual depende da simpatia, ter um jeito como já falei, não importa se você tem feitoria, que tenha raspado ou que tenha pintado ou catulado, é importante que você dê conta do recado. Se você chega na minha casa em busca de uma consulta, você tá com um problema:

---

<sup>5</sup> Homem.

— Seu Cardoso — essa história de chamar pai Cardoso, pra mim é fora de moda —, eu vim aqui, que eu tô passando por isso, isso e isso. O senhor trabalhava pra mim?

Eu vou olhar pra você e vou dizer: — Tá certo! Você vai me perguntar: — Por quanto o senhor me faz isso seu Cardoso? E eu vou dizer: — Tanto! Você vai e me paga. Eu recebo, e digo: — Vá se embora.

Aí eu vou catucar. Pê, pê, pê, pê, e no fim da história, aquilo que você queria, você conseguiu. Por que você veio? Veio atrás de minha pessoa, não veio atrás de feitoria de santo; não te interessa se eu tenho santo feito, se eu fui raspado, se eu fui catulado. Você veio à procura do meu saber espiritual. E isso eu explico a várias pessoas que vêm aqui.

Aqui, sempre vem gente me perguntar:

— Seu Cardoso o senhor reza?

— Eu rezo.

— O senhor cura?

— Não. Eu não curo. Eu rezo sim, e tenho o dom de cura.

Eu rezo, mas quem cura é Jesus Cristo. Nas reza, eu uso as palavras de Deus, eu vou pedir a Ele que socorra aquela pessoa, e que aquela pessoa obtenha, seja merecedor pra aquela reza que eu tô rezando, pedindo a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Olha, eu rezo olhado, espinhela caída, peitos abertos, dor de dente, dor de cabeça tudo isso eu rezo.

Eu viajo muito pro interior. Um dia, fui numa fazenda de um grande amigo meu, lá em Serra Branca. Quando eu cheguei, fazia oito dias que a sobrinha dele tava com a cara desse tamanho de inchada.

— Graças a Deus, seu Cardoso chegou. Disse ele quando me viu.

— Traz Maria pra cá. Seu Cardoso, Maria tá com oito dia com dor de dente, olha como tá o rosto inchado.

Eu olhei assim pra ela, vi aquele botão que tava pra estourar. Eu disse pra ela: — Bota o dedo onde é o dente, Maria. Bote o meu dedo em cima do dente. Ela abriu a boca, não podia abrir muito, mas conseguiu, aí botou o meu dedo em cima do dente. Ela com a cara inchada.

Eu disse pra ela: — Olha, o dente não vai estourar por fora, o olho dele tá pra dentro e ele vai cair. Mas não deu quinze minutos, esse foi o tempo. Até hoje, às vezes, eu me lembro disso. Lá vem o esposo dela: — Seu Cardoso, seu Cardoso, venha cá! Eu fui. Quando cheguei lá, tava ela numa cadeira com a boca aberta botando pus pela boca, e o dente no chão, o dente estava preto da cor dessa bolsa.

Olha, pra eles, era como se eu fosse um deus. Mas não foi eu, criatura de Deus, foi a fé na minha reza, nas palavras de Deus, a reza que eu rezei ocupando Jesus Cristo, pedindo a ele que tenha pena. O santo recebeu minha reza, e ela foi valida. Ainda hoje o povo conta por lá essa história.

Vocês vão pensar que eu converso demais: — Cardoso conversa mais que o homem da cobra.

No meu terreiro, eu tinha muitos filhos. Hoje não tenho mais, porque, no correr do ano, expulsei a maioria. Eu perdi a minha esposa, perdi meu pai pequeno, perdi mãe pequena, isso me desestimulou. Faz seis anos, agora em maio, no dia 6, que minha esposa morreu de acidente de carro. Fiquei revoltado, mandei todo mundo embora. Hoje só tenho mais ou menos seis ou sete filhos. Mas ainda dou toque, faço jurema. Sábado passado eu toquei pra preto velho. E agora eu vou tirar uma iaô, uma renovação de santo de 33 anos de uma filha que mora no Conde. Ela fez feitoria de santo comigo, tá doente, aí me procurou. Eu não queria fazer, mas como é questão de saúde, eu vou fazer. E eu vou convidar mãe Marinalva pra representar a mãe de santo dela. O padrinho vai ser Erinaldo

— Naldo —, um filho de santo meu. Faz seis anos que tá aqui comigo, é um bom menino, todo mundo gosta dele. Ele só tá aqui comigo porque ele é uma pessoa que aonde vai não se envolve em briga de ninguém, não pergunta nada pra ninguém, por isso todo mundo gosta dele. Então, ele vai ser o padrinho dela, tá feliz que só menino novo quando começa falar.

Ainda tenho coisa pra contar.

Particpei muito daquelas representações no Teatro Santa Roza. A primeira abertura quem fez foi esse velho aqui. Não lembro mais o ano. Na verdade, na primeira abertura do Teatro Santa Roza quem se apresentou, a primeira pessoa foi Izete Farias, que ela era muito ligada a Carlos Leal Rodrigues. Eu fui a segunda pessoa, terceiro lugar foi Valdivino e depois vêm os outros. Era assim, cada dia tinha um terreiro pra fazer a representação. Fazia o toque, a representação, cantava, incorporava, tudo.

É, a vida de santo é essa. Agora que é uma vida muito espinhosa. Antigamente, quando se ia fazer uma obrigação, a gente ia pedir a ofrenda do santo na mão, e era sentado no chão, lavava as mãos pra poder receber. A obrigação era outra, com muita dedicação, muito respeito. A pessoa pra bater *elu*, era preciso ter mão lavada, ser preparado — tinha tudo isso —, mas hoje não tem mais, a maioria é batendo *elu* no terreiro e a garrafa de cerveja do lado, cada toque tem que pagar cinquenta, sessenta ou setenta Reais. Bagunçou. Pombagira tomou conta do mundo, é mais pombagira hoje. Naquela época, tinha pombagira, mas não como hoje. Ninguém dava rum pra ela como hoje, né?! Só se tocava pra ela de ano em ano, só chamava por ela no toque de exu, em agosto. A gente cantava pra exu e cantava pra pombagira. Não existia obrigação de

pombagira, não. Se dava comida a ela, oferenda, isso se dava. Mas, hoje, o povo sai raspando, dá coroa, brinco e pulseira.

Naquela época, não existia isso de vestir pombagira, eles que inventaram isso, e se você for combater, você vai pra porrada. É! Chamam você de cafona. Então, a maioria é de brinco, de sombra, de peito, cada uma que rebole mais bonito, e o povo gosta de olhar. Eu não gosto, porque, com isso, o santo foi lá pro pé de parede.

Você me perguntou o que é o candomblé. É o seguinte, é uma nação, um nome tradicional do candomblé, mas significa uma palavra só. Eu, na minha opinião, o candomblé, chamado queto, jeje, tudo é espírito. O santo é o mesmo, vem da mesma coisa. Quando eu cheguei aqui, na Paraíba não tinha candomblé, era só umbanda. E era debaixo da peia, era muito escondido, porque a macaca rolava aqui em João Pessoa, era muito pai de santo preso, debaixo de peia.

Isso aconteceu no governo de Pedro Gondim, o mesmo que vinha aqui. Mas é o tipo da coisa, quando a pessoa é candidato, encara até o Diabo. Mas quando passa, que é eleito, aí, muda.

Você me perguntou se eu conheci Severina Chico Diabo. Conheci demais, muito minha amiga. Era uma catimbozeira forte aqui dentro da Torre, falada demais. Ela era uma juremeira tampa, indo e voltando. Eu era jovem, ia muito no terreiro dela. Naquela época, ela gostava de um agente da polícia, e ele era despeitado comigo porque pensava que eu tinha alguma coisa com Severina. Porque quando eu chegava lá, a gente se abraçava, beijava, aquela coisa. Se você tem uma mulher, aí, chega um cara, e vai lá beijar ela, é pra desconfiar, vai pensar que o cara é arroxado, fora de série. Mas eu sou assim com todo mundo. Quando eu vejo Marinalva, é aquele abraço, oi pra cá, oi pra acolá. Um dia desses, Damião — filho de Marinalva — disse a Erinaldo:

— Mas menino, eu fui à casa de Cardoso, e ele prestou mais atenção à mãe do que a mim.

Eu dei atenção a ele, mas Marinalva estava em primeiro lugar. Damião é filho de Marinalva, eu já não tenho aquele xodó que eu tenho por ela. Eu conheci os filhos dela meninos pequenininhos. Se eu fosse dar mais atenção a ele — eu sou macaco velho, criatura —, Marinalva podia estranhar. Eu sou professor nessa história.

Essa é minha história. Pronto!

A vida é curta, mas é boa.

# 3

## “MIL VOCAÇÕES”

*Moisés Soares (pai Moisés)*

*O senhor quer saber de tudo? Olha só, tá ca-  
çando, tá cavando o buraco do tatu...*



Foto 6: Pai Moisés em sua residência. Créditos: Giovanni Boaes, em 05 de maio de 2012.

Meu nome é Moisés Soares, só. Não tem frescura de fulano de tal da Silva e não sei o que mais. Meu pai que era Inácio Soares da Silva. Agora eu sou só Moisés Soares, eu mesmo que quis botar só isso. A minha mãe era Rita Florinda do Carmo.

Não sei pra que essa frescura toda, de querer saber do meu pai, minha mãe. Meu pai era militar e minha mãe era doméstica, cuidava de casa.

Os dois eram do candomblé. Eu já nasci na religião, eu sou raiz. Eles eram do candomblé mesmo.

O senhor me pede para falar da minha história, ih, vai bulir com muita coisa.

Olha, na minha infância, eu nasci em Feira de Santana, mas eu me considero Paraíba, porque meu pai veio transferido pra aqui, aí, minha mãe ficou na maternidade comigo, e ela me trouxe pra cá, aqui eu sou naturalizado. Sou Paraíba, fui registrado aqui e, graças a Deus, que eu não pertenço, por incrível que pareça, à Bahia, porque eu não tenho aquele instinto ruim daqueles moleques da Bahia, não sabe?!

E foi tempo que meus pais morreram, morreu tudo de desastre de avião na baía de Guanabara. Acharam o corpo de papai em Natal, e o de mamãe ficou lá na baía de Guanabara mesmo. Acho que depois de morta ela não queria mais ele.

Sobre a minha infância, eu fui uma pessoa muito inteligente — Afonso sabe que eu sou muito inteligente<sup>1</sup> —, porque tudo que o senhor estiver vendo aqui dentro de casa sou eu que faço; fazia, agora não faço mais porque os olhos não dá mais. Mas esses crochês, esses quadros, esses pratos, tudo, tudo.

Dá licença aí viu, deixa atender o telefone que tá tocando. O senhor vai me orientando porque eu sou um velho caduco.

— Alô, alô. Bom dia. Oi, Ângela, oi, querida. Oh, querida, eu tô gravando aqui pra umas coisas, tá cheio de gente aqui, depois eu falo contigo.

Sim. O senhor vai me perguntando, e eu vou lhe dizendo. A minha infância, eu não vivi em Campina não, a minha infância eu vivi em João

---

<sup>1</sup> Refere-se a pai Afonso do candomblé angola em João Pessoa que nos acompanhou na entrevista.

Pessoa. O senhor quer saber de tudo? Olha só, tá caçando, tá cavando o buraco do tatu.

Eu vivi muito tempo na casa de uma senhora que — era bom se o senhor fizesse uma visitinha a ela — foi minha mãe, foi tudo na minha vida. Eu sofri muito depois que perdi meus pais, sofri muito! Vim me embora pra Alagoa Grande, porque minha vó morava em Alagoa Grande, e lá tinha aquele trem Maria fumaça que ia pra João Pessoa toda cinco horas da manhã. Então, no meio da semana, eu ia pra João Pessoa encontrar com meus amigos: um me dava uma coisa, outro me dava outra, e eu voltava pra cá. Aí, comecei ficar maior, mais forte, daí, comecei confeitar bolo de noiva pra fora, porque toda vida fui inteligente; eu fazia cada bolo que o pessoal dizia assim pra mim: — Não foi você que fez não. Uma coisa dessa não foi você que fez.

Eu fazia bolo pra fora, de casamento, de aniversário; costurava pra fora, isso pra homem, mulher e criança. Bordava na máquina pra ganhar o dinheiro; eu engomei pra fora; cozinhei pra fora, porque, na cozinha, ninguém vai comigo não, sabe? Faço tanto pratos antigos como pratos modernos. Tudo que o senhor quiser, perguntar ou quiser, eu digo na hora. Depois da cozinha, aí, eu disse, bom, agora eu vou seguir a religião dos meus pais. Aí, comecei.

Eu tinha... hum, hum.

Uns vinte e três anos. É, eu tinha uns 23 anos já.

Se eu estudei? Estudei nada. Eu estudei um pouco, mas eu era muito vadio. Eu não ligava pra estudo não, eu só ligava pra... A minha vontade só era arte, arte, sabe? Olhe, naquela ceia larga que tá ali pendurada na parede, tá todo o meu pensamento bom. Quando eu tava pintando aquela ceia larga, eu tava com o pensamento maravilhoso, e tudo que eu visse, eu queria fazer. Olhe, eu saía daqui pra aprender

renda turca no sertão do Ceará, dentro de umas grotas, onde umas velhas estavam fazendo renda turca. Cheguei lá, não falei nada, pedi um copo d'água, e pedi a ela pra me sentar um pouco pra descansar um pouquinho. Ela mandou me sentar, e eu fiquei só olhando como ela fazia a renda. Quando eu cheguei em casa, peguei um lápis, enrolei a linha como ela tava enrolando, puxei, depois amarrei com um pauzinho e um arame. Hoje, eu faço cada coisa linda, cada coisa bela de renda turca.

Eu estudei até aquela série que termina pra fazer vestibular. Até o segundo grau.

Se me casei? Eu me sujei, isso sim.

Eu me casei, moço, mas não foi um casamento bom, porque a — Deus que dá tuas graças, minha velha — a raça da minha mulher era ruim. Por exemplo, a mãe dela, se ela morasse aqui nesta casa, era intrigada com o povo deste lado, intrigada com o outro lado de cá; era um povo assim que só queria ser o que não era, entendeu? A velha — Dona Miroucha —, que fique pra lá, não gostava de nego, não gostava de pobre. Ela tinha um ódio de nego que só faltava morrer. Eu não sei o que é que tem o nego pra ela não gostar dele, porque a coisa melhor do mundo é o nego, desses negão bem grande. Não posso falar mais por que tem uma senhora presente.

Eu tive três filhos. Um é médico. Por falar nisso, minha filha ligou essa noite pra mim. Olhe, meu filho, formou-se, hoje é juíza. Mora no Canadá, está muito bem lá. Me pediu o CEP daqui e o endereço pra mandar uns negócios pra mim, não sei que diabo ela vai mandar. Tem outro filho que é médico e mora em João Pessoa, é cirurgião-dentista; o outro era jogador de futebol, jogava em Portugal. De lá, mandava dinheiro pra o irmão para ele guardar, só que o irmão estava fazendo uma mansão com o dinheiro dele. Quando ele viu que não podia mais jogar por causa

de um problema na perna, procurou o dinheiro, cadê? Não tinha nem um tostão, por causa disso, ele meteu a cara na cachaça e na maconha. Hoje, é maconheiro e cachaceiro.

Graças a Deus, dois formados e um que não deu muito certo, mas é tão bonzinho, tão educado, é uma maravilha de gente. E criei outra, uma menina, mas ela não foi por mim, se ela tivesse sido por mim, ela não tinha morrido, ainda estava viva, mas ela começou a namorar com um cara que, além de casado, era cachaceiro. Eu disse pra ela: — Beta, não vai dar certo esse namoro teu com esse homem. Num vai dar certo de jeito nenhum! Ela disse: — Não, pai Moisés, é porque ele me chamou pra almoçar num bar hoje. Eu disse: — Não vá minha filha, eu estou lhe pedindo, implorando que não vá, porque não vai dar certo. Eu estou vendo muitos escuros no seu caminho com ele, vendo coisas perigosíssimas, não vá.

Aí, ela saiu escondida, pá, foi almoçar com ele num bar; quando vinha, ali naquela ladeira do Altiplano, ele subiu ali na contramão, e deu de cara com um ônibus, foi uma pancada que a moto caiu em cima do ônibus, e caiu um pra um lado e outro pra o outro lado, os dois mortos.

A minha religião? Eu sou católico. Porque quase todas as pessoas do candomblé é católico, vai à missa, vai à igreja. Agora quem não quer ser, vai — o senhor sabe pra onde, né? — se...

Eu era do nagô, mas passei para o candomblé. Nagô é uma religião. Uma religião muito complicada. A diferença entre o nagô e o candomblé é porque candomblé, oia, ele tem muito fuxico, o candomblé tem muito fuxico, e é roça, o terreiro chama-se a roça, “eu vou pra roça”, né, ou então barracão. E o nagô, o terreiro é em casa mesmo, sabe. Mas são um povo que só querem puxar dinheiro, o negócio só é dinheiro; se o senhor for fazer um serviço no nagô, o senhor faz o serviço, o senhor paga bem,

aí, espera, espera, espera e não vê resultado. Aí, volta e vai falar com o pai de santo, ele diz que precisa de mais dinheiro além do que você deu. Um cliente meu teve aqui ontem, e me disse que foram lá num pai de santo famoso de Campina — eu não estou falando dos outros, Deus me livre, eles, pra mim, tudo é bom, cada qual que cuide da sua vida. Ele foi tirar o dinheiro pra pagar o jogo, ele tava com 300 reais, foi e afastou pra tirar o dinheiro pra pagar o jogo, o pai de santo avoou em cima e tomou o dinheiro todinho. É, mas isso é coisa deles, não é meu, eu não tenho nada com isso.

Quando eu resolvi seguir a religião de meus pais, eu tava com 23 anos. Meu primeiro pai de santo, eu procurei um de Recife, mas era nagô. Chamava-se Maria Aparecida, era Mário Miranda. Depois daí eu fui lá pro Pátio do Terço que tinha duas africanas que tinha terreiro lá, um barracão grande, aí eu fiquei com essas mulheres no barracão delas. Uma era Diduá e a outra era Xagá. As duas eram do candomblé, mas esse era o nome de batismo mesmo delas.

Em João Pessoa, eu fui iniciado por Mário Miranda. Fui iniciado com ele, mas não deu certo. Olha, meu senhor, não adianta perguntar por que eu não me lembro mais de nada, eu já tô caducando. Oitenta e seis anos não é brincadeira não, e eu tô me achando duro pra oitenta e seis anos. Então, eu fui feito no meu terreiro que primeiro foi na Torre, depois eu comprei a casa na barreira do Cabo Branco. Depois, aquele governador mandou acabar com os terreiros tudo da Paraíba. Aquele infeliz do Pedro Gondim. Aí, eu fui embora pra Recife. Tava um revolução no caminho que eu não sei o que era, eu saí de manhã de João Pessoa com a mudança, fui chegar no outro dia, de meio dia, porque o caminhão foi desarrumado três vez no caminho. Era um negócio que tava passando, sei não, um negócio do... eu sei que desmancharam. Aí, tiravam

os troços todinho do caminhão pra revistar, aí, botava em cima de novo, aí, ia embora, chegava lá na frente, de novo. Sei que cheguei no outro dia de tarde em Recife.

Nunca tive problema com polícia, de ter que sair correndo com as coisas dos santo na cabeça. Eu sofri assim, um acontecimento, mas não foi parte do terreiro não. Quando o governador deu a ordem, foram lá em casa, levaram os elus, as minhas contas todas, só isso, mas não maltrataram, não disseram nada. Eu fui embora para o Recife. Foi quando eu entrei no candomblé das tias — era as mulheres da cabeça tudo pelada, não tinha cabelo. Eu dizia assim: — Vou ficar com essa mulher da cabeça de cobra.

Elas sabiam se a gente falasse qualquer coisa, elas sabiam. Na hora do toque, ela dizia: — Olha, você tá me chamando isso, isso e isso, cuidado com sua vida!

Nessa época, eu me afastei de Mário Miranda, até porque ele morreu. Eu gostava muito dele, mas ele fez coisa errada. Olhe, quando eu fiz o santo; fiz não, que aquilo não foi feitura. Eu me misturei com ele no mingau da ração dos cavalos, como se diz. É assim, ele fez meu santo, olha, Ogum Beira-mar, Oxum Ceci, mas eu não tenho nada com Oxum Ceci, nem com porra de Ogum Beira-mar, nem com porra de nada na vida. O meu santo mesmo é Oxum, é Oxum Apará, Obaluaiê e Orixalá, e Xangô como herança. Aquilo que ele fez não foi feitura, eu sei o que é feitura hoje. Por ele, não fui raspado, não tive nada de obrigação como o que as tias fizeram: o fuxico de Nanã, o segredo da seita, o batismo das almas e outras e outras coisas que elas fizeram.

O senhor me pergunta se tive terreiro em Tambaú, na rua Monteiro Lobato. Não. Não tive. Espera aí, tive sim, pai Afonso me lembrou aqui. Foi quando eu morava com minha esposa, dona Lourdes, mas esse

terreiro foi depois do daqui de Campina Grande. Repara como eu tô, eu não me lembrava mais desse da Monteiro Lobato.

Eu tinha a memória boa, na verdade eu ainda tenho, porque me lembro de coisas de quando eu tinha cinco anos de idade. É, mas não venha catucar não, viu. Pode ficar aí. Lembro de alguns pais de santo antigos de João Pessoa, mas eu não me lembro do nome do povo mais, não me lembro. Tinha Maroca das Tranças, tinha um que morava nos Expedicionários, aquele outro que eu fiz o santo dele, Valdivino. Ainda é vivo? A poi, é ele mesmo. Tá velho, caducando, não tem mais terreiro, vocês estão dizendo. É, pra que gente velho com casa de santo? Só pra ter que lutar com cabeça de gente burra.

Eu fiz o santo de Valdivino na umbanda, porque o santo dele era da umbanda, e eu entendo da umbanda muito bem.

Outro que fiz foi Gilberto de Ogum, também na umbanda, ele morava na ladeira do Varjão, e foi assassinado dentro do terreiro dele. Tinha também Luís, meu filho, que foi o pai de santo de Tatinha.

Lá em João Pessoa, eu fiz Marinalva, uma que morava na Torre, e parece que hoje ela mora pra banda do Varjão. Eu não sei direito, não tenho comunicação mais com esse povo, faz muitos anos isso, muito anos.

Como é o nome daquela mãe de santo que é muito falada lá? Não é mãe Beata, não. Mãe Beata até falou comigo pra fazer o santo dela, mas depois ela fez pra Bahia. É outra. Outro dia tava falando o nome dela na rádio, que ela joga búzio, essas coisas tudo muito bem, que ela mora lá. Lembrei, mãe Renilda. Aquela ali foi outra que fiz. Se é a Renilda que eu estou pensando, que morou na Torre, também foi feita por mim.

Sobre os juremeiros, na época de 1960, havia muitos na Paraíba. Lembro de Tilha. Tinha também uma juremeira muito forte lá no

Biauí, ali perto do Acais. Era uma juremeira muito forte, e ela se acolheu comigo, meu filho, parece que ela queria namorar comigo, eu disse: — Minha senhora, olhe, não dá. Caiu tudo! Mas eu, com vinte anos, vinte anos. Ela se chamava Iraci.

Eu também fui feito na jurema, mas a minha mãe de jurema já subiu. Mãe Menininha do Gantois foi quem fez a minha jurema. Maria Aparecida também fazia jurema, mas as coisas dele era tudo atrapalhada, ela num, ... sei lá como era. Era uns toques tudo doido, tudo, mas assim mesmo era muito famoso que a televisão ia sempre pra lá filmar os toques dele. Mas era uma criatura boa, sabe, ele era uma criatura boa, agora ele, sei não.

Vou contar como Mãe Menininha fez minha jurema. Olhe, lá tem a cabana, como um chalé, para os caboclos, assim como no terreiro de Estela, onde tem a casa dos orixás, lá em Mãe Menininha também tem a casa dos caboclos, o povo da jurema, é lá pra baixo dentro da mata, não é cá em cima no Gantois. Lá eu fui cortado, e, vez em quando, eu vejo a semente da jurema que ela plantou em mim. Pronto! Aqui oh, no meu punho esquerdo: a semente da jurema que ela plantou. Pegue aqui pro senhor ver. Tá vendo, essa é a semente da Jurema que mãe Menininha plantou.

Pois é, ela botou nesse cortezinho que tem aqui na palma da minha mão esquerda, a semente se deslocou. Assim, ela me preparou. Eu fiquei quase um mês de camarinho, e ela cortou, e fez os bate-sacode dela lá todinho comigo, e preparou minha jurema. Pra saída, a gente vestia saia de pena, saiotê de pena por cima de um short. Ela preparou mestre e caboclo. Preto velho, eu tenho, mas acho que veio por ele mesmo, desceu porque quis, de enxerido, eu não chamei, me pegaram, assim, à força. Eu tinha 24 anos quando fiz minha Jurema.

Na feitura, se dava sangue também, cortava, a mesma coisa de hoje, porque o candomblé da Bahia nunca muda, é uma coisa só. Tinha assentamentos, tudo, tudo que pertence ao santo tinha. A feitura do santo no candomblé não tem muita frescura, não sabe? É raspar já para o fim, perto de sair; é raspar e preparar o resto das coisas. Mas não tem coisas que o pessoal faz hoje. Por exemplo, eu fui assistir uma, agora há pouco, festa de saída lá num caboclo, mas eu não quero falar sobre isso não que eu não gosto de falar das coisas dos outros. Cada um faz como sabe, cada qual que trabalha como sabe e como quer, eu não posso falar de ninguém que trabalha porque eu vi as coisas erradas, eu não vou dizer nada.

O senhor me pergunta como é que eu fui feito na jurema na Bahia, se o povo fala que a jurema é da Paraíba. Olhe, é porque o povo, o pessoal conversa muito, conversa muito. E jurema é de todo canto, e onde a pessoa está, tá com sua jurema, seus mestres, seu... — só na hora de trepar que eles não tão, mas o resto.

Voltando a falar dos pais de Santo de João Pessoa que eu conheci, tinha Zé Bambolê, que foi meu filho, quer dizer, mas não foi filho mesmo. Ele frequentava lá em casa, era filho de santo mesmo, mas não fez nada de serviço comigo. Ele foi se embora para o Rio, morou em Queimadas no Rio, e quando voltou já foi abrindo casa. Não tenho mais contato com ele, porque é muito difícil eu ir pra João Pessoa, e principalmente no bairro que ele mora, eu não vou lá não, o bairro São José. Se vocês falarem com ele, leva meu telefone, o endereço eu não dou, pra que endereço, pra mandar a polícia aqui?

Conheci Mãe Beata, ela morou pertinho de mim, três casas depois da minha, lá na Beira-rio, na barreira.

Conheci Carlos Leal, ele era muito meu amigo também. Fui filiado à Federação dele. Naquela época, ninguém podia trabalhar sem ser

filiado. Me filiei à federação dele, ele veio à minha casa em muitas festas, porque eu fazia muitas festas, ele vinha pra cá, passava dois, três dias comigo em Campina Grande; não demorou, ele morreu do desastre de carro, acho que, nesse tempo, eu estava morando em João Pessoa, com o terreiro em Tambaú.

Por falar nisso, eu vou dizer com toda sinceridade, eu fui em Tambaú outro dia, não soube ir na casa de nenhum amigo meu, de ninguém, não soube, fiquei tetéu... Olhe, vamo voltar, vamo logo pra cá que nesta porra eu não tenho mais nada, entupiu tudo. Ninguém sabe, Tambaú ali cresceu muito. Mudou. Mudou demais.

O senhor quer saber se eu conheci Chica Diabo. Severina Félix. Ouvi falar, mas eu não conheci. De dizer que eu fui no terreiro tal, não, aí eu estou mentindo se eu falar uma coisa dessa, num conheci esse povo não. Conheci Zé Satanás, que era um juremeiro perigoso. Ele não tinha terreiro não, ele tinha só a casa dele na rua Amário Coutinho em Campina Grande. Afonso se lembra dele, e tá dizendo que ele tinha um mestre que comia brasa de fogo, mas também era conhecido como Zé dos Índios porque ele tinha uma tribo daqueles de caboclinho que saía na rua.

Sebastião Gama, eu conheci demais, ele ainda é vivo? Ele morava pras bandas de Cruz das Armas, depois se mudou pras bandas do Varjão, pra acolá. Fui várias vezes no terreiro dele. Ele levava o ritual nagô. Eu não sei se o pai de santo dele era do Recife. Não. Peraí. Ele me falou uma vez que era Maroca das Tranças, uma mãe de santo do Recife. Esse pessoal do Recife já se foi todo, se foi Mário Miranda, se foi Edu, e o velho (eu) tá aqui. Sebastião Gama fazia os toques pra orixá e pra jurema também. Na quinta-feira ele tocava pra jurema, e às vezes, ele tocava no domingo ou nos sábados para os orixás. Era toque com elu batendo. No

meu terreiro, lá na Barreira, eu também batia; aí é que tinha elu mesmo, que fechava e jogava a chave, apesar da perseguição do governador.

Mas um dia, olha, ninguém sabia, os pais de santo nenhum sabia disso, aí, eu estava me preparando pra tocar, chegou dois policiais e quatro homens, aí entrou pegou o elu, deu uma facada assim no elu e botou em cima do caminhão, e aí, ele foi onde tava meus braços, minhas guias, pegou as guias e botou no pescoço e subiu no caminhão, e foi embora, dizendo que não podia mais tocar que era ordem do governador. Pronto, aí, o que é que eu podia fazer? Arrumei o caminhão e fui embora pra Recife. Eu não vi com meus olhos, mas meus colegas me falavam que quebraram terreiro tudo completo, quebraram, entraram, prenderam gente, o pessoal que era afoito que ia contra eles; mas lá em casa não teve isso.

O senhor está me dizendo que dizem lá em João Pessoa que uma vez eles entraram no meu terreiro e me encontraram trabalhando com caveira de defunto, essas coisas, e por isso, fui levado pra delegacia pra esclarecer o que tava acontecendo. Mentira! Nunca aconteceu isso comigo, que colete é esse?! Dá onde veio esse colete? E ainda dizem que eu fiquei um dia preso na delegacia por causa disso.

Realmente eu fui preso uma vez. Naquela situação, você ia, ele ia, todo mundo ia. Porque eu tinha um amigo muito íntimo, a família era muito meus amigos, então esse rapaz foi pra Cabedelo e por lá matou uma pessoa, e eu nem tava sabendo de nada, aí, ele chegou lá em casa de tardezinha e disse:

— Pai Moisés, deixa eu ficar aqui até à noite, porque eu vou pra o Recife.

Eu disse:

— Pode ficar, eu vou cuidar da janta pra gente jantar.

Aí, ele jantou, pegou um taxi e foi embora pro Recife, dizendo que ia pra Limoeiro. Quando foi de noite, já tarde da noite, a polícia bateu na minha porta, e me disse que eu tava preso porque acotei um criminoso. Eu contei a história pra eles, mas não teve jeito. Qualquer um cairia nessa armadilha. Olha, se eu sou seu amigo, o senhor chega na minha casa, eu vou lá saber se o senhor matou ninguém. Fui preso uma noite, e isso deu um bolo tão grande, porque a minha esposa tava grávida desse menino meu que é médico, já em dias de descansar, olhe, ela ficou sem saber onde eu estava. Mandaram ela pra Cabedelo, disseram que eu tava lá em Cabedelo, mas eu num tava; botaram pra Tambaú, eu não estava lá também, e ela andando à toa; botaram pro bairro de Cruz das Armas, eu não estava lá. Ela voltou pra casa, aí, a minha sogra disse: — Eu vou resolver esse problema . Saiu levando logo um advogado, e quando chegou lá era... eu me esqueço do nome do delegado, que era um velho. Era... não sei o nome do cara, eu tô muito esquecido. O advogado falou com ele, aí, ele disse:

— Ele tá preso aqui incomunicável. O advogado perguntou: — Incomunicável por quê? Ele matou alguém? Por que que ele está incomunicável? Não tem por que, pois pra prender a pessoa incomunicável é preciso que tenha feito um ato muito grave.

Nisso, ele pediu desculpas. Disse que não estava nem sabendo por que eu tinha sido preso e colocado incomunicável. Tomou conhecimento naquela hora, e já ia me soltar no outro dia.

Minha esposa disse pra ele:

— Doutor eu sou apenas uma enfermeira, mas eu tenho muito conhecimento das coisas; por que o senhor me viu nessa situação e me botou pra andar pra todo canto, e ele estando aqui? Não era nada de mais que o senhor dissesse que ele está aqui, está incomunicável, porque

eu tomava as providências de outra maneira. Agora, o senhor me diga, ele matou alguém pra o senhor prender ele incomunicável?

Olha, eu sei que foi um rolo danado. No final, fui solto. Pronto! E até hoje eu tô aqui, nunca mais eu fui em delegacia.

O senhor está perguntando se foi por causa disso que eu fui pra fora do Brasil. Quem foi que lhe falou isso? Eu fui sim, viajei muito, mas não por causa disso. Eu conheço Milão, conheço a Itália, conheço Portugal, conheço a terra santa, Palestina, conheço Jerusalém, e conheço a Indonésia, Uruguai e Argentina.

Não fui fazer turismo. Eu trabalhava pra aquela família Matarazzo de São Paulo, eles têm escritórios em todo canto do mundo, aí, eu trabalhava com eles.

O que eu fazia?

A minha profissão era macumba, porque eu nunca botei água a pinto... Se eu dissesse: — Vou matar aquele fulano, só bastava ir no pé do santo.

Eu trabalhava pra eles; eu fui contratado porque eles eram muito perseguidos, e eu fui contratado pra cuidar dos escritórios deles. Aí, eles me levavam. Fui muito bem recebido, ganhei muito dinheiro, e tô aqui pra contar.

Era assim. Todos os meses vinha passagem de avião pra tal canto, aí, eu ia, chegava no aeroporto eles já estavam esperando. O doutor Expedito Matarazzo já estava me esperando, eu entrava no carro e ia pra o hotel, depois, no outro dia de manhã, a gente ia comprar o que precisava, o que o orixá determinava, aí, eu fazia aquele trabalho de limpeza. Lá já tinha os quartos de deixar os trabalhos tudo feito pra, no outro mês, eu tirar e botar outro novo, era assim.

Além da macumba, eu tenho milhares de profissão. Milhares de profissão, porque eu pinto telas, é uma profissão, não é? Como essa que está aí atrás do senhor, e essa outra, tudo foi eu, todos os quadros aqui têm meu nome, pode olhar que tem. Eu pinto porcelanas; toda essa porcelana que tá nas paredes foi eu que pintei, inclusive eu pintei o retrato da minha filha nesse prato aí. E tenho a profissão de alta costura. Eu fui treinado na alta costura em Paris, onde tenho um colega que mora lá. Então eu passava meses lá me aperfeiçoando. Tenho a profissão em linhas, de tricô artístico, de renda irlandesa, renda portuguesa; toda qualidade de renda seu sei fazer; bordar em pedrarias, sei fazer todas, tudo em pedrarias eu faço. E ainda tenho outra profissão que é, como se diz, fazer crochê, faço de todo tipo.



Foto 7: Interior da casa de pai Moisés, Lagoa de Dentro. Créditos: Giovanni Boaes, em 05 de maio de 2012.

Voltando pra conversa anterior. Eu fiz Valdivino porque ele era muito doente e precisava de feitura, mas como ele era umbanda, porque eu não entendia muito bem da umbanda, aí, eu fui pra Bahia, falei com mãe Menininha, ela me explicou como era que fazia, me explicou como era a umbanda, aí eu fiz, e deu certo, e ele ficou bom, até hoje ele ainda tá vivo. Mãe Menininha não era da umbanda, mas ela entendia; ela entendia do keto, do angola, do jeje, do xambá e da umbanda, pois ela passou por esses processos todinhos.

Depois que eu fiz Valdivino, ele passou, assim, uns 10 a 15 anos com contato, depois eu vim embora para cá, pra Campina, e ele foi embora não sei pra onde, pra banda, parece, do Valentina, sei não, não sei onde ele mora hoje. E, aí, pronto, eu não o avistei mais nunca. Mas ele sempre me respeitou, me deu a bênção, onde ele me encontra, ele dá a bênção assim.

Catimbó eu conheci, quer ver. Eu tinha 15 anos quando eu conheci um catimbó mesmo. Aqui na Paraíba, eu só encontrei uma velha, que era Maria Félix, o nome dela, era em Itabaiana, essa aí, era... você pode dizer, era catimbozeira mesmo, legítima. Não tinha Maria do Acais, não tinha nada pra botar ela pra trás, porque Maria do Acais ela era uma criatura boa, mas ela era muito demorada nas coisas. E essa outra não, você fosse lá e dissesse que queria que fulano voltasse pra mim, ela dizia:

— Vai embora que quando você chegar, ele tá sentado na porta.

Era mesmo que tá vendo. Agora ela era bruta, cavalo, jumento quadrada.

Uma vez, eu fui com uma mulher do Recife na casa dela; quando ela avistou assim de longe, ela disse:

— Pia, lá vem um viado e uma rapariga sem vergonha.

Aí, essa Maria que foi comigo disse:

— Dona Maria, eu levo dinheiro.

Eu já tinha dito antes que a catimbozeira era louca por dinheiro.

Na mesma hora, mudou:

— Venha minha filha, chegue mulher, venha meu amor.

Num instante ela mudava de assunto, mas era perigosa, perigosa, perigosa. Eu tinha um amigo aqui, não sei se Afonso conheceu, conheceu! Titonho. Pois, pronto, Titonho. Eu conheci essa velha por causa de Titonho, foi quem me levou lá; ele trabalhou pra um pessoal por muitos anos, e lá botaram ele pra fora, puseram uma mixaria na mão dele, aí, ele doido por um trabalho, foi nessa catimbozeira, e eu fui com ele. Quando ela nos viu, disse logo de longe:

— Lá vem dois viados que não vale um tostão.

Titonho gritou logo:

— Eu levo dinheiro.

— Venha meu amor, chegue, venha logo meu amor, tá demorando muito meu amor, venha.

Olha, falou em dinheiro era... Aí, ele falou com ela, ela disse:

— Ali debaixo daquela mesa tem uma panela de barro e tem um sapo amarrado com uma fita vermelha, traga ele aqui. Ela fez assim nas costas do sapo (bateu, palmadinhas cruzando), e disse:

— Ali tem uma panela com leite, bote ele dentro, e vá pra casa que eles já tão esperando na sua porta por você.

Quando a gente chegou — a gente achou que era uma brincadeira —, tava a mulher e o homem assentado no batente da porta esperando por ele. Muito boa catimbozeira.

O senhor me pergunta se eu conheci um centro espírita chamado Cavaleiros de Cristo lá em João Pessoa? Olha, eu nunca nem ouvi falar nisso. Espera aí, Madrinha Dinda, na Amaro Coutinho, no Varadouro?

Ah, conheci, tá vendo como é a coisa. Conheci demais, depois ela veio morar lá no Manaíra. Eu conheci demais, mas nunca fui lá não. Naquela época, eu tava no auge da safadeza atrás de homem de noite na rua, a noite toda, eu ia lá pra centro, eu queria era homem, não queira saber de danado de Centro nenhum.

Disto eu lembro: Carlos Leal fazia umas amostras de umbanda no Teatro Santa Roza. Mas não participei de nenhuma, porque na noite, quando ele foi fazer, eu também fui apresentar aqui na televisão em Campina Grande, aí, não deu pra ir. Eu fui apresentar o meu terreiro. A gente dançava, tocava, o que se faz num toque, só pra mostrar pela televisão, para o povo conhecer. Naquela época, a gente fazia muito isso; eu ainda fiz umas cinco vezes, só não me lembro bem que ano foi.

O meu terreiro na barreira do Cabo Branco tinha muita gente. De filho de santo mesmo, eu tinha uns trinta e cinco girando; e gente assistindo, não podia contar. Já depois que eu vim pra Campina e voltei pra João Pessoa, o terreiro da Monteiro Lobato tinha poucos filhos.

Muita coisa mudou de lá pra cá. A religião de hoje é mais moderna, agora, quando eu comecei, era mais difícil. Não é que seja diferente, nada, porque cada um, moço, trabalha da maneira que quer, da maneira que sabe: ele trabalha de um jeito, ele trabalha de outro, cada um que trabalha da maneira que entende.

Hoje, eu já não tenho mais terreiro, não dou mais toque, mas atender cliente é direto. Agorinha mesmo, recebi o telefone de uma menina que é do alto sertão. Ainda faço filho também, mas é fora, nos terreiros deles mesmos. Aqui, em Campina, tinha só um filho com terreiro aberto, que aliás só me deu trabalho. Esse só me deu trabalho, mas assim mesmo Jesus levou, e tá lá pro céu ou pro inferno, sei não onde tá, e era muito bom no começo, Pedro Chupeta, o nome dele. No começo, seu moço, era

um pai de santo indo e voltando, o que ele dissesse era resolvido na hora. Mas, depois, meu filho, botou a beber, morreu de cachaça. Eu fiz ele no nagô, era a nação dele.

Era noite de São João, eu tava no parque do povo, ele veio e me disse: — Meu pai, eu vou dar um abraço no senhor e um adeus, porque eu vou morrer hoje.

A noite todinha, esse homem bebeu uns dez litros de cachaça que não pôde nem ir pra casa. Tava indo, no meio do caminho tirou toda a roupa, fez uma trouxa e botou na cabeça, de tão bêbado que tava. Aí, ele disse que quando chegasse em casa, só ia dar tempo mesmo de entrar. Pois, justamente, quando ele chegou em casa que entrou, caiu na porta do salão, quando viraram ele, ele já tava morto. Mas ele trabalhava muito bem no começo, muito bem mesmo. Pessoal dizia assim:

— Mas, pai Moisés, aquele seu filho é muito catimbozeiro, porque ele resolveu meu problema entre vinte e quatro horas.

Ele era bom, bom mesmo.

Eu fiz também mãe Nila no nagô, depois ela passou para o candomblé.

O senhor quer saber sobre meus clientes? Sobre o trabalho que faço pra eles? Me diga uma coisa, o senhor acha que eu vou dizer o segredo do povo, é? Não. Isso aí não pertence a livro não. Olha, eu tenho pessoas famosíssimas. Tem políticos. Tem ator, tem cantora e cantor, tem muita gente. Eu tô pra ir pra uma viagem em Brasília pra dar comida ao santo de três filhas que tenho lá. Eu ainda viajo, só não viajo mais porque pra mim pegar um avião sozinho sem ver direito, não dá, tem que ir uma pessoa, aí fica difícil, né, pra pessoa pagar duas passagens de avião; quatro, ida e volta.

A minha vida hoje é essa que o senhor está vendo. Tem João que me acompanha, mas ele é meio doidado, ele que toma conta de tudo, mas também, tem razão, ele não pode tá só cuidando de mim. E tem Quito que tá dormindo, esse é o motorista, esse é bom demais pra mim, cuida de mim como criar uma criança, sabe. Foi meu amor, mas, hoje, não é mais. Nós começamos namorar faz muito tempo. Esse é muito bom pra mim, esse menino, muito, muito bom, muito bom. Ele pergunta, cadê a gorduchinha que não veio mais aqui; a gorduchinha é Afonso.

A poi, volte mais vezes que eu vou ficar bem descansado pra contar mais algumas coisas. Tem a vida de Nila todinha pra lhe contar. Tenho a história de uma filha minha de santo que depois de quinze anos que ela fez o santo, foi embora. Uma filha biológica dela era evangélica, aí deu um problema comigo horroroso, foi preciso eu falar sério com ela, porque ela queria as fotografias da feitura da mãe, tudinho, pra rasgar. Eu disse: — Olhe, tá aqui, mas você não leva daqui nem que você revire o seu tabaco.

# 4

## HOMENS VELHOS E MULHERES VELHAS DOS SANTOS: UM CAMPO EM FORMAÇÃO

*Giovanni Boaes*

Escolhi esses três personagens para compor este livro dentro de um conjunto mais amplo de homens e mulheres velhos dos santos, levantado durante minhas pesquisas sobre o campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa. Algo próximo a duas dezenas de nomes catalogados. Formam uma rede ou configuração que, se mais bem trabalhada, iria se ampliar significativamente.

Ao seleccionar apenas os três, a escolha não foi prévia e racionalmente definida como se eu estivesse seguindo um roteiro de causas, efeitos e justificativas. No *corpus* de entrevistas e depoimentos, creio que todos têm relevância para se compreender um pouco da época em que viveram. Vários elementos podem ser extraídos de todas elas como pistas (indícios) da estruturação do campo (ou subcampo) religioso afro-brasileiro na Paraíba. Contudo as três narrativas eram as que estavam acabadas em dois sentidos: (i) já estavam editadas e (ii) não poderia mais ampliá-las com novas entrevistas, pois os três já haviam falecido.

Entrevistei e ouvi falar sobre homens e mulheres velhos dos santos (alguns vivos, outros falecidos), nascidos entre as décadas de 1920 a 1940, ou seja, personagens que, nas décadas de 1960 e 1970, estavam no auge da vida adulta — como disse pai Cardoso: naquela época, sentia-se como um touro. A pretensão é sistematizar tanto as entrevistas quanto os depoimentos de terceiros (recurso utilizado para reconstruir a

história dos velhos pais e mães de santo falecidos) que ainda restam e, a partir daí, apresentar mais volumes deste livro.

A seguir, apresento alguns nomes dessa lista, na qual incluo não só homens, mas também mulheres velhas dos santos, como prévia dos próximos volumes.

### **SEBASTIÃO FERREIRA DA SILVA**

Conhecido como Sebastião Gama. Falecido. É um nome muito presente na memória dos velhos e velhas praticantes. Lembrado como o dono do primeiro terreiro de João Pessoa, no sentido de realizar toques e iniciar filhos. Todos falam sobre ele com grande respeito; considerado um grande pai de santo (embora ninguém se refira a ele como pai Sebastião). Conforme Mãe Marinalva:

Assim como a Torre, Cruz das Armas foi um bairro que abrigou muitos terreiros da década de 1960 para frente. Entre eles, um dos mais importantes foi o de Sebastião Gama que se localizava na Rua Luiza Carneiro. Nós dois fomos os primeiros a bater tambor nesta cidade [...]. Era um preto que tinha bastante conhecimento e gostava muito da Jurema, não era muito amante de orixá. (informação verbal).<sup>1</sup>

Segundo José Eufrazino Gomes (pai Zé Bambolê), “até onde se lembra”, o terreiro de Sebastião Gama é o mais antigo de João Pessoa. Sobre Sebastião, diz:

O negro era tampa, trabalhava na magia. Não era umbanda, era magia mesmo. Se ele dissesse assim, vou virar este copo, este copo virava e se quebrava. Era um caboclo, um crioulo; na boca do homem não tinha um dente

---

<sup>1</sup> Trecho de entrevista realizada com mãe Marinalva em 27 de novembro de 2011.

branco, tudo era ouro. Quando o homem ria, você via o foco dentro da sua boca. Não sei se ele era paraibano, acho que era. Era feito no santo, porque mostrava as fotos na parede. Foi feito no Recife. Eu digo que Bastião era da magia porque ele foi recolhido dentro de um caixão de defunto e todas as obrigações dele foram feitas dentro de um caixão de defunto na casa do pai de santo dele. Ele fazia jurema também, esse pessoal só trabalha com jurema. Dos filhos dele que conheci, lembro de Beto do Timbó que faleceu há pouco. (informação verbal).<sup>2</sup>

Segundo Pai Cardoso, ele era praticante de umbanda, filho de Oxum Pandá. É da época de Cleonice (uma nagozista, disse ele), Maria Grande e Zefa Corcunda. Quando chegou à Paraíba, Sebastião Gama já tinha barracão aberto na Rua Cruzeiro do Sul. Era homossexual apesar de ser casado. E acrescentou: “Ele era um macumbeiro tampa, muito conhecido dentro da Paraíba. E a maioria dessas mãezinhas de santo que tem por aqui, passaram pelas mãos de Sebastião Gama. Hoje, arranjam outros pais e esqueceram dele” (informação verbal).<sup>3</sup>

Para Penha de Oyá (informação verbal)<sup>4</sup>, Sebastião Gama era filho de Santo de Zefa Olho de Louça do Recife, a mesma mãe de santo de Manoel Madeira em cujo terreiro Sebastião girou algum tempo.

### **MARINALVA AMÉLIA DA SILVA**

Conhecida como mãe Marinalva. Ela tem um destaque importante nas minhas pesquisas sobre o campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa, pois a partir de sua narrativa localizei outros pais de santo, e obtive informações para iniciar um roteiro de entrevista. A sua história

---

<sup>2</sup> Trecho de entrevista realizado com pai Zé Bambolê em 31 de agosto de 2011.

<sup>3</sup> Trecho de entrevista realizada com pai Cardoso em 15 de maio de 2012.

<sup>4</sup> Trecho de entrevista realizada com mãe Penha de Oiá em 20 de novembro de 2011.

está registrada em livro que organizei: *Umbanda, missão do bem: minha história, minha vida* (SILVA, 2013).

Ela nasceu em 1935 no interior da Paraíba, morou na Bahia, e, em 1960, mudou-se para João Pessoa, abrindo o terreiro na enseada do Cabo Branco, onde fazia toques clandestinamente até a promulgação da Lei 3.443/66 (PARAÍBA, 1966).

É considerada pela comunidade de santo como uma das mães de santo mais antigas da cidade ainda em atividade. Diz que foi a primeira a abrir terreiro em João Pessoa, fazendo giras, tocando bombos e iniciando filhos de santo. No seu livro, relembra vários nomes de velhos pais e mães de santo da cidade. Para conhecer sua história e os indícios da história do campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa, a leitura do seu livro é importante.

### **SEVERINA CHICO DIABO**

Também chamada Mãe Biu. Seu nome era Severina Félix Pereira. Nasceu em 1920, faleceu em 20 de setembro de 1979 aos 59 anos de idade conforme atestado de óbito ao qual tive acesso. É unanimidade, entre os praticantes mais velhos, que ela foi uma grande catimbozeira. Dona de “fumaçadas” poderosas. Para alguns, o seu nome já dizia tudo.

Conforme constatei a partir “do que se diz por aí”, ela teve sua formação religiosa dentro das mesas de jurema, e só tardiamente, com as exigências (atestado de feitura, um pai de santo) da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba (FECAEP), teve necessidade de se iniciar no “orixá”, e por esse motivo, ligou-se a um pai de santo. Disse

pai Osias: “... ela tinha que ser preparada para dar um diploma, um *iaô*, um *decá*...” (informação verbal).<sup>5</sup>

Para compor esta pequena narrativa sobre Severina Chico Diabo, vali-me da entrevista realizada com Mãe Sônia e Pai Osias (em 21 de maio de 2012), os responsáveis pelo terreiro deixado por ela. Marido e mulher. Ela é filha biológica de Severina, e ele foi seu filho de santo.

Mãe Sônia disse que, quando nasceu, a sua mãe já vivia na vida espiritual. Severina era uma mulher muito bonita e vaidosa, filha de um pernambucano com uma paraibana. Na espiritualidade, era filha de Iansã com Oxum.

Sua história na religião começou em Santa Rita, onde passou sua infância e juventude, e onde teve contato com juremeiros antigos daquela cidade. Muito nova, mudou-se para João Pessoa. Sua família era muito católica, devotados. A própria Severina participava da comunidade católica, chegou a cantar no coral da igreja de Santa Rita. Ainda criança, começou a ter crises de mediunidade, “se manifestar dentro de casa”. Por causa disso, foi levada ao Acais para “tirar teima” (espécie de prova espiritual para saber a veracidade da mediunidade) com famosas catimbozeiras que lá residiam.

A sua formação, portanto, foi na jurema, e era uma catimbozeira muito boa. “Suas fumaçadas eram tiro e queda”. Fez-se no “orixá” tardiamente com Pai Nelson, e quando ele morreu, passou para Bibi da Sapucaia, o seu último pai de santo.<sup>6</sup> Ela tinha muitos filhos de santo, mas a maioria já morreu. Descendente de sua linhagem só há o terreiro que pai Osias e mãe Sônia tomam conta. Supostamente inaugurado por volta de 1930,

---

<sup>5</sup> Trecho de entrevista realizada com pai Osias, em 21 de maio de 2012.

<sup>6</sup> Tentei perguntar de onde eram os pais de santo, mas muito rapidamente Pai Osias mencionou “de Recife”. Não insisti e deixei para entrar nessa questão em uma eventual próxima entrevista.

continua no mesmo lugar, com o mesmo nome: “Templo Religioso Santa Bárbara”, conservando ainda muitos dos objetos que pertenceram à Severina. Segundo Mãe Penha de Oyá, Pai Dudu de Bayeux, depois que se desligou de Gilberto de Ogum, passou a ser filho de santo de Severina.

Em suma, tudo indica que Severina foi muito conhecida e respeitada na época em que a umbanda se afirmava na cidade. Pai Osias e mãe Sônia disseram que Valter Pereira (presidente da FECAEP de 1981 até 2011) e sua esposa começaram sua história na religião no terreiro de Severina. Foi ela também quem abriu as Mostras de Umbanda realizadas por Carlos Leal. Também, antes de 1966, sofreu bastante perseguição da polícia, e seu terreiro chegou a ser abordado algumas vezes.

### **MANUEL MADEIRA, ZÉ EMILIANO E MÃE PENHA DE OIÁ**

Os dois são citados por quase todos os entrevistados como antigos, porém se sabe pouca coisa sobre eles, a não ser que eram nagozistas e que “bebiam muito”. Tinham terreiros separados no bairro da Torre.

A pouca informação que consegui foi com mãe Penha de Oyá (entrevista realizada em 20 de novembro de 2011), filha de santo de Manuel Madeira. Chama-se Maria da Penha da Silva, filha de Iansã com Ogum. Nasceu em 10 de setembro de 1936.

Aos vinte e poucos anos de idade, como a maioria dos entrevistados, ela foi levada para a religião por questões de saúde — por recomendação de um médico. Pai Manuel Madeira — mãe Penha disse que antigamente não se chamava “pai de santo”; chamava-se “padrinho” e “madrinha” — foi quem a acolheu no seu terreiro no bairro da Torre, localizado numa baixa próxima ao Rio Jaguaribe na avenida Beira-Rio. Em 1960, aproximadamente, recebeu de Manuel Madeira um *bori* para restabelecimento da

saúde. Diz ela que, naquele tempo, Manuel já tinha idade bastante avançada, por volta dos noventa anos. Depois disso, transcorridos dois anos, recebeu o *iaô*, e em mais cinco anos, teve a coroação de Iansã. Permaneceu no terreiro por 14 anos até que ele adoeceu, e como consequência, entregou aos filhos os seus assentamentos, pois iria fechar o terreiro.

Pelos meus cálculos, isso deve ter acontecido por volta de 1975. Depois da morte de Manuel Madeira, mãe Penha se tornou mãe pequena do terreiro da finada Mãe Isaura, sua irmã de santo, no bairro dos Novais. Quando seu marido faleceu, permaneceu com seus assentamentos em casa, sem se vincular a nenhum terreiro. Novamente por causa de doença, procurou pai Dudu e mãe Joana (segundo ela, ele foi filho de Gilberto de Ogum, mas quando chegou ao seu terreiro eles já eram intrigados, e Pai Dudu havia se tornado filho de Severina Félix). Com Pai Dudu, iniciou-se na Jurema como tinha que ser, pois pai Manuel, apesar de fazer jurema, não lhe dava muita importância. Um ano depois, pai Dudu faleceu, e mãe Joana foi quem renovou o seu “*orixá*”, passando a ser sua mãe de santo. Depois que Mãe Joana adoeceu, procurou vários pais de santo, findou por receber *decá* com Pai Afonso (candomblé angolano), mas mãe Joana esteve presente em todo o ritual. Depois de um ano que recebeu *decá*, mãe Joana faleceu.

Mãe Penha afirmou que Manuel Madeira era filho de santo da finada Zefa Olho de Louça do Recife. Ela, frequentemente, estava presente no terreiro, e o rito que desenvolvia era “umbanda com nagô”.

Dos filhos de Manuel que ainda estão vivos, mãe Penha lembra apenas de mãe Otacília que tem terreiro no bairro do Cristo. Lembra também que Zé Emiliano (que foi seu padrinho de feitura) era muito amigo de Manuel. Os dois bebiam muito, e Manuel ficou doente por causa de bebida.

### **GILBERTO CARDOSO DA SILVA**

Conhecido como Gilberto de Ogum. Conforme dizem vários pais de santo, confirmado por pai Moisés, ele foi seu filho de santo iniciado na umbanda com nagô. Abriu terreiro no bairro de Tambaú por volta de 1962, fechando-o em seguida, para depois de algum tempo o reabrir na ladeira do Varjão, onde foi assassinado, por volta de 1976.

Teria sido pai de santo de nomes importantes dentro de João Pessoa, como pai Dudu, pai Tatinha e Gilberto da Pedra. Segundo pai Cardoso, ele era homossexual, não tinha esposa, e quem o matou foi um de seus amantes. Era natural de Areia. A versão mais comum, entretanto, diz que era casado com uma advogada e mãe de santo chamada Valdira (outra figura importante, dona de terreiro em Tambaú); sua sogra era dona de cartório em Santa Rita. Uns dizem que foi morto por causa de dívida, outros, como Mãe Marinalva, que o conhecia e frequentava seu terreiro, dizem que foi morto porque “mexeu” com filha alheia. No seu livro, Mãe Marinalva relata que Gilberto, perto de ser assassinado, trouxe uma mãe de santo do Rio de Janeiro para iniciá-lo no candomblé. Conta, com muitos detalhes, a ocorrência do assassinato e o ritual de sacudimento do *egun*, realizado por ela (SILVA 2013).

### **MÃE BEATA E MÃE SOLEDADE**

A primeira — Maria Barbosa de Souza — foi uma mãe de santo muito conhecida, e ainda hoje, suas qualidades espirituais são ressaltadas. Nasceu em 1922, e morreu em 1989. Seu Terreiro (conforme consta na capa de caderneta de sócio, a qual tive acesso por intermédio de pai Afonso) foi fundado em 13 de dezembro de 1966, com o nome Centro Espírita de Umbanda Mãe Iemanjá. Na Estatística do Culto Espírita (BRASIL, 1973a, 1973b,

1973c), o seu terreiro agrupa maior número de adeptos nos três anos consecutivos. Enquanto a média era de 40 por terreiros, o seu agrupava 212.

Segundo mãe Soledade (entrevista realizada em 9 de maio de 2012), filha de santo de mãe Beata, nascida em 1943, quando a conheceu, ela morava no bairro da Torre e ainda não tinha terreiro, fazia jurema em um quartinho na sua casa. Quando mãe Soledade tinha 19 anos (1962), mãe Beata abriu o seu primeiro terreiro. Por questões de saúde, mãe Soledade passou a frequentá-lo. Segundo ela, mãe Beata era filha de santo de Sebastião Gama, assim como outras pessoas importantes da época: Zefa Corcunda e Maria Grande. Disse: “Daquele povo por ali tudo ele foi pai de santo” (informação verbal).<sup>7</sup> A mãe pequena de Beata era mãe Eurides. Mãe Beata era casada com João que, possivelmente, era investigador de polícia.

No seu terreiro, ela praticava umbanda com nagô conforme aprendeu com Sebastião Gama. Depois passou para nação, candomblé angola, antes, porém, ligou-se a um pai de santo do Recife. Conforme pai Afonso,<sup>8</sup> que conviveu durante muitos anos com mãe Beata, essa mudança se deu quando ela recebeu dois “*decás*”: um de pai Cecílio da Bahia (rito angola) e o outro de pai Talaginã, também baiano. Contudo, apesar destas confirmações no candomblé, mãe Beata continuou desenvolvendo rituais umbandistas. Creio, pelas indicações de que, naquela época, não havia a preocupação que existe hoje em diferenciar e separar a umbanda do candomblé, eles estavam mais interessados em conseguir “diplomas” para apresentar à Federação. Segundo mãe Soledade, sem licença ninguém podia trabalhar sossegado:

---

<sup>7</sup> Trecho de entrevista realizada com mãe Soledade em 9 de maio de 2012.

<sup>8</sup> Trecho de entrevista realizada com pai Afonso em 17 de junho de 2011.

A gente ia tirar a licença, chegava lá dizia [o nome] da entidade, ele [Carlos Leal], primeiro abria um livro e via se existia aquela entidade. Depois, fazia um teste. A gente tinha que arriar pra ele ver. Arriei a cabocla e o mestre. O teste era feito com cana [cachaça], dava uma garrafa de cana pro mestre beber. Ele dava licença pra mesa branca para quem não tinha jurema assentada, mas também, só podia fazer mesa branca, nem jurema de chão podia. Pra receber a carteira de juremeiro não precisava [necessariamente] de um pai de santo, mas tinha que passar pelo teste. No orixá, ele não fazia teste porque era preciso um pai de santo pra assinar. (informação verbal).<sup>9</sup>

Mãe Soledade contou que mãe Beata era uma grande médium. Certa vez, incorporou o espírito de uma pessoa assassinada e descobriu quem a assassinou, o caso foi parar na justiça. Como mãe de santo não tinha igual. Era responsável e cuidava muito dos seus filhos. Para iniciar alguém, submetia-o a testes: mandava o filho incorporado dar uma consulta a alguém desconhecido, e ficava observando e ouvindo tudo para saber se tinha fundamento. Era bem relacionada com os outros pais de santo, sempre era convidada por Valdivino para participar dos toques no seu terreiro, e ela ia com seus filhos de santo. Naquela época, disse mãe Soledade, não se usava saia armada, era roupinha de manga parecendo beatas de igreja. Também não existia nação (keto, moçambique, angola, jeje), era só umbanda.

Mãe Beata era uma pessoa muito humilde — disse ela —, era lavadeira de roupa, lutou muito e subiu na vida, foi o santo quem lhe deu. Cuidava de quem precisava, e sua casa vivia cheia de clientes importantes.

---

<sup>9</sup> Trecho de entrevista realizada com mãe Soledade em 9 de maio de 2012.

## **CENTRO ESPIRITISMO UMBANDA “PAI TERTULIANO”: MÃE NANINHA E IRMÃO TRAJANO**

Esse Centro é contemporâneo e vizinho do terreiro de Mãe Beata. Foi fundado 04 de agosto de 1963 por mãe Naninha — católica fervorosa — e irmão Trajano, tenente do Exército Brasileiro.

Conforme conta Ramos (primeiro secretário do Centro)<sup>10</sup>, Mãe Naninha era uma beata de igreja, carola. Mas houve um dia em que incorporou pai Tertuliano (preto-velho), e ele mandou que ela comesse os trabalhos no espiritismo. Segundo disse Ramos, a umbanda praticada no Centro não foi trazida do Rio de Janeiro. Mãe Naninha, que não sabia nada de umbanda, recebeu os ensinamentos do próprio pai Tertuliano. Contudo fiquei sabendo por terceiros que Trajano, tenente do exército, havia passado uns anos no Rio, e não tendo gostado de lá, voltou para João Pessoa (ele era do sertão da Paraíba). Ainda segundo Ramos, mãe Naninha e irmão Trajano foram ao Recife em busca de ensinamentos na umbanda, e lá mantiveram contato com João Bola que os instruiu.

O Centro se tornou famoso, e mãe Naninha ficou muito conhecida e querida, não só no bairro do Cristo, mas em toda a cidade. Segundo mãe Soledade, que a conheceu, “vinha muita gente de todo canto pra ela curar. A casa parecia um hospital, até internamento tinha lá” (informação verbal).<sup>11</sup> Quando ela morreu, “o bairro do Cristo inteiro foi ao seu enterro” — disse-me uma antiga moradora do local. Irmão Trajano morreu alguns anos após mãe Naninha.

---

<sup>10</sup> Entrevista (conversa informal) realizada em 12 de maio de 2012 com Ramos (nome fictício), secretário do Centro Pai Tertuliano. Por se tratar de um centro de “umbanda branca”, a sua organização difere da organização de um terreiro. Não há pai ou mãe de santo, há uma presidente, auxiliada por um secretário.

<sup>11</sup> Trecho de entrevista realizada com mãe Soledade em 9 de maio de 2012.

Com a morte dos dois, a direção do Centro passou para dona Maria e seu esposo, seu João. Dona Maria foi empregada doméstica de mãe Naninha, e dela herdou a casa e o cargo.

Parece haver no Centro uma política de fechamento, o que dificultou muito a realização de entrevistas com os/as membros/as do Centro. Dessa forma, as informações que apresento aqui vieram de conversas tecidas antes ou depois das sessões das quais participei. Em uma delas, dona Maria manifestou o receio de que fossemos colocar as informações na internet. Disse: “O centro é muito visado, porque é o único desse tipo em João Pessoa, talvez da Paraíba.”

A estrutura física do Centro se assemelha a uma igreja católica. Atravessando a grande porta que dá acesso ao salão, deparamo-nos com uma meia parede, sobre a qual se encontram os bustos de mãe Naninha e irmão Trajano. Em seguida, vemos as fileiras de cadeiras de plástico branco dispostas em dois grupos: da esquerda reservado às mulheres e o da direita reservado aos homens. Separando a assistência do salão principal, há uma parede baixa com uma entrada estreita. No salão, encontram-se uma espécie de altar e nichos de algumas entidades (como pai Tertuliano). Nesse espaço, acontecem os rituais: onde o corpo mediúnico se reúne e se fazem as consultas. Podemos divisar algumas portas nas paredes do salão, umas dão acesso ao quintal (onde fica a casa de Exu) e outras aos demais cômodos.

Para a assistência, dirigem-se regras. Silêncio absoluto, concentração e respeito. As mulheres devem usar saia ou vestido, e os homens, obrigatoriamente, devem usar calça comprida. Caso algum desavisado não venha nos trajes apropriados, o Centro dispõe de algumas saias e calças para esse fim.

O ritual é muito parecido com o ritual de umbanda a que assisti em São Paulo, e ao modelo apresentado nos livros como “umbanda carioca” (ORTIZ, 1999). Inicia-se com uma palestra sobre caridade, bondade, espiritualidade. São lidos trechos dos evangelhos espírita e católico. Senhas são distribuídas para as consultas. O corpo mediúnico se reúne em círculo, mas não há gira (deslocamento em círculo), apenas balanceio do corpo e, algumas vezes, palmas. Com os cânticos iniciados, é feita a defumação da casa, dos médiuns e da assistência. Em seguida, uma senhora conduz um frasco com um líquido cheiroso (jurema) para ser passado no corpo dos presentes. Tanto a defumação quanto o uso da jurema se iniciaram com os homens; as mulheres forram as derradeiras. Os médiuns começaram a incorporar, e depois de darem consultas e passes aos seus auxiliares (cambones), começaram as consultas ao público. Concluída a consulta, o consulente é levado ao herbanário, onde avia a receita passada pela entidade: velas, ervas, banhos etc., mediante pagamento. Normalmente são sete banhos, sete velas de sete dias, com a recomendação de voltar sete, nove ou mais vezes às sessões para receber passes.

Percebi que além das consultas, há trabalho de desobsessão, e que os exus e pombagiras que ali incorporaram foram doutrinados e despachados. Vez ou outra, alguém da assistência se manifesta e vai por sua conta para o salão, lá permanece fazendo evoluções até desincorporar e voltar para o seu lugar.

Nesse Centro, não há giras, não há atabaques, nem iniciação e nem pai de santo. A hierarquia se compõe por uma presidenta e seus secretários. Não há iniciação com recolhimento, sacrifícios, uso de cachaça e cachimbo nos rituais (pelo menos explicitamente). Tratam-se por “irmão” e “irmã”. Ramos disse que a umbanda deles é diferente das outras

umbandas que existem na cidade, e afirmou que nunca se filiaram a nenhuma federação porque não têm nada a ver com elas.

Terminada a sessão, consegui conversar rapidamente com irmão João (esposo de dona Maria), ainda convalescendo de um câncer de próstata. Era sargento reformado da polícia.<sup>12</sup>

Conheceu mãe Naninha em 1956. Na época, ela já trabalhava (como médium) na sua casa no bairro do Cristo —, pois o atual Centro ainda não havia sido construído. Conheceu-a em Cruz das Armas. Ela chegou perto dele, e lhe disse que haviam roubado a sua bolsa. Disse também que era esposa do tenente Trajano do Exército. Irmão João, que à época era policial, foi atrás da ladra. Chegando à casa da jovem, não a encontrou. No mesmo tom áspero de voz com que foi recebido pela mãe da jovem, intimou-a a comparecer à delegacia imediatamente. Lá, vendo a menina, mãe Naninha disse que não fazia questão do dinheiro, queria apenas a chave para entrar em casa. Mas a chave, ela havia jogado fora.

A partir daí, João, o policial, começou a frequentar a casa de mãe Naninha. Na primeira visita, foi tomado por um espírito obsessivo. Disse ele: “Eu não sabia o que tinha, os dons que Deus havia me dado.”

O Centro Pai Tertuliano, conforme me disseram algumas pessoas que moram nas suas proximidades, no tempo de mãe Naninha, era muito movimentado. Nas festas de Iemanjá, saiam três ônibus lotados rumo à praia. Ela era bem relacionada com os pais de santo da cidade, e muitos deles frequentaram o seu Centro. É possível localizar em jornais da época matérias referentes às festas que aconteciam no Centro de mãe Naninha.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Ambos já faleceram.

<sup>13</sup> Ver matéria publicada no Jornal Correio da Paraíba (IBEJ), 1966).

## **CARLOS LEAL RODRIGUES**

As informações que apresento sobre Carlos Leal são oriundas basicamente de entrevistas com seus familiares, complementadas com informações de pais de santo e alguns documentos.

Era filho de família importante em João Pessoa, os Leal Rodrigues, de advogados, médicos e cargos superiores da Igreja Católica. De origem bastante religiosa, o jovem Carlos Leal foi seminarista, e sua mãe queria que ele se ordenasse padre. Para se livrar desse fardo, fugiu de casa aos 14 anos de idade para o Rio de Janeiro, onde, segundo mãe Ceiça (viúva de Carlos Leal)<sup>14</sup>, sofreu muito pelas ruas até que foi acolhido por uma tia chamada Iaiá. Por lá, estudou e ingressou na Marinha. Em uma de suas viagens, o navio foi a pique e a tripulação ficou à deriva. No desespero, com fome e sede, Carlos Leal fez uma promessa a Nossa Senhora da Penha que, se fossem salvos, ele se casaria com a primeira moça pobre que encontrasse, e a primeira filha ou filho que nascesse do matrimônio receberia o nome de Penha, se fosse mulher, e Pedro se fosse homem. Nisso desmaiou, e quando despertou estava em terra. Cumpriu a promessa e se casou com uma moça pobre chamada Creuza, com quem teve uma filha que se chamou Penha. Essa moça frequentava a Tenda Espírita Caboclo Mirim, e, por seu intermédio, Carlos também passou a frequentá-la, e lá desenvolveu sua mediunidade dentro da umbanda. Seus “irmãos de fé”, percebendo outros dons de Carlos, encaminharam-no a uma mãe de santo chamada Hilda Castelones para ser iniciado no “orixá”. Diz mãe Ceiça que, infelizmente, não há mais as fotos de sua obrigação, pois foram extraviadas com o acervo da federação, após a sua morte. Entendi que a

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada com Maria da Conceição Farias (nascida no Recife em 1949) em 19 de maio de 2012.

referência a essas fotos é uma maneira de dizer que ele realmente era feito, pois corre boatos entre os pais de santo mais antigos de que ele não tinha iniciação, pois ninguém sabia quem era seu pai ou mãe de santo.

Ao regressar a João Pessoa, não se ligou a nenhum pai de santo. Quando queria cortar (oferecer sacrifícios) para seus santos, trazia o pessoal do Sítio de Pai Adão: Manoel Papai, Zé Romão e Lídia Alves. Foi ele quem deu entrada ao povo do Sítio em João Pessoa, diz mãe Ceiça.

Carlos Leal faleceu em 19 de setembro de 1981 aos 52 anos de idade, conforme consta em seu atestado de óbito. Vítima de acidente automobilístico ocorrido na BR 230, quando voltava de uma festa que aconteceu em um terreiro na cidade vizinha de Bayeux. No carro, acompanhavam-no a sua esposa (mãe Ceiça) e seu filho mais novo, Marcos Leal. Apenas ele faleceu.

O seu terreiro funcionava no Bairro dos Expedicionários (Terreiro de Xangô Caô), onde hoje reside sua viúva, que ainda mantém um pequeno centro, cultuando a jurema e guardando o que sobrou do legado de Carlos Leal.

Foi articulador da primeira federação dos cultos no estado da Paraíba, a FECAEP, tornando-se o seu primeiro presidente. Permaneceu no cargo de 1966 a 1981. Segundo mãe Ceiça, foi ele quem convidou os pais de santo de Recife para conhecer mais a umbanda destas paragens e para “fazer” filhos de santo em João Pessoa. Destacou a vinda de Pai Gerônimo e Malaquias da tradição nagô de Recife. Aqui eles iniciaram, entre outros, Maria Traçadora e Cleonice.

Segundo ela, é de onde vem a mistura com a umbanda, pois antes disso aqui só havia umbanda branca e jurema. Mas como se pode ver no recorte abaixo, a Federação estendeu o convite a outros pais de santo de Recife, como Pai Edu, que como sabemos praticava “umbanda com

nagô”, embora tivesse incursões pelo Sítio de Pai Adão. Além do mais, a presença de Mario Miranda<sup>15</sup> em João Pessoa desde o início dos anos 1960, antecede a iniciativa de Carlos Leal.

Imagem 1 — A vinda de pai Edu a João Pessoa



Fonte: Jornal Umbanda no Lar, Ano 1, n. 1, 1977, p. 8.

A relação de Carlos Leal com os políticos da cidade parecia intensa, e era marcada pela amizade. Fato que pode ser retratado pela ligação de João Agripino com seu terreiro. Carlos Leal lhe dava consultas, guias, amuletos etc. Certa vez, incorporado, disse-lhe que ele era da umbanda. Com isso, o então candidato ao governo lhe prometeu que, se fosse eleito, liberaria a umbanda na Paraíba. Conforme mãe Ceíça, Carlos Leal

<sup>15</sup> Mario Miranda, conhecido como Maria Aparecida, é um famoso pai de santo recifense, bastante citado pelos velhos e velhas mães de santo de João Pessoa, a exemplo de pai Cardoso, mãe Marinalva e pai Moisés, de quem — deste último — ele foi o primeiro pai de santo. É bem conhecido por ter difundido a nação moçambique na cidade, sendo pai Gilberto da Pedra seu maior representante, cujo terreiro (Palácio de Xangô Alafim) está localizado no bairro de Cruz das Armas, ao lado de onde funcionou o terreiro de pai Cardoso.

fez seus trabalhos na jurema para ajudar na eleição. Ele foi eleito, e cumpriu o prometido com a promulgação da Lei Estadual 3.443 de 1966. A partir daí, Carlos Leal se empenhou em criar a FECAEP. Mobilizou pais de santo, formou a diretoria, criou o estatuto e se tornou o seu primeiro presidente, sendo João Agripino o presidente de honra, que, inclusive, chegou a participar de algumas reuniões.

Imagem 2 — Visita de João Agripino à FECAEP

# Ministro Agripino visitou a Federação dos Cultos Africanos

O Ministro João Agripino Filho, ex-governador da Paraíba, durante sua gestão encaminhou à Assembleia Legislativa do Estado o ante projeto e foi o autor da sanção da Lei nº 3.443, de 06 de novembro de 1966, que permitiu a prática dos Cultos Africanos, inclusive, criando, no artigo 5º, a Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba.

Nos festejos de comemoração dos dez anos de existência da Federação, com intensas atividades em toda a área paraibana, o "Libertador da Umbanda" foi um dos convidados especiais às solenidades comemorativas.

As referidas solenidades constaram de almoço, prestação de contas das atividades da Diretoria da FCAP e, como ponto de encerramento, culto à invocação dos poderes benévolos, na sede da Federação, em João Pessoa.

O Ministro João Agripino, acompanhado de familiares, tendo, na entrada do Templo recebido as bênçãos da Entidade Mãe do Universolamanjá, sendo, acolhido, também por centenas de irmãos que o homenagearam com o oferecimento de uma "aklé" (símbolo cabalístico de Iemanjá, só concedido aos grandes benfeitores) e um culto invocativo de preces e cânticos cabalísticos às Entidades da Umbanda.



*Ex-Governador João Agripino chega a sede da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba, acompanhado de familiares, para assistir às solenidades comemorativas dos seus dez anos de fundação.*

Fonte: Umbanda no Lar, ano 1, n. 1, 1977, p. 1

Como presidente da federação, foi muito atuante e enérgico. Procurou criar uma imagem positiva da religião, tentando aglutinar sob a denominação de “cultos africanos” todas as denominações existentes na

cidade (predominantemente o nagô, a umbanda e a jurema). Ajudou muitos pais de santo a construir seus terreiros. Mãe Ceíça cita os casos de mãe Marinalva, Cleonice, Zefa Corcunda e mãe Beata.

Segundo Marcos Leal, filho biológico de Carlos Leal, o seu pai era um grande líder que se destacava nacionalmente. Como exemplo, referiu-se ao Censo de terreiros (BRASIL, 1973a, 1973b, 1973c) que foi feito em todo território nacional, destacando que enquanto em Pernambuco contabilizaram apenas 20 terreiros, na Paraíba, foram catalogados mais de duzentos por Carlos Leal. Atribui essa diferença ao empenho de seu pai, pois não acredita que em Pernambuco existissem menos terreiros que na Paraíba. Sua preocupação em organizar e divulgar a umbanda o levou a procurar apoio em vários órgãos públicos (destaque para os órgãos do turismo), recebendo deles auxílio para a realização das festas de Iemanjá.

Por sua iniciativa, foram criados programas radiofônicos voltados para a religião (ele era o locutor), um jornal (Umbanda no Lar que só teve dois números publicados), as Mostras de Umbanda no Teatro Santa Roza, as exibições de terreiros em escolas e outros lugares. Organizou, segundo mãe Ceíça, congressos trazendo pessoas de Recife, Maceió e Fortaleza.

As Mostras de Umbanda aconteceram no Teatro Santa Roza, dois anos seguidos (1971 e 1972), sendo que em cada noite havia apresentação de um terreiro. A influência de Izete Farias foi importante para a realização desses eventos. Ela foi uma mãe de santo conhecida na cidade, destacava-se como cantora da Rádio Tabajara e professora de dança do Teatro. Todos os pais ou mães de santo antigos da cidade com quem conversei participaram dessas Mostras. Entre outras, essa era uma estratégia que Carlos Leal encontrou para divulgar a religião e, ao mesmo tempo, arrecadar dinheiro para construir o prédio da federação (embora as taxas fossem simbólicas). Na inauguração do hotel Tambaú, Carlos

Leal levou os seus filhos de santo para girarem na solenidade. Também, na época, havia uma boate circo na Epitácio Pessoa que fazia parte do roteiro turístico da cidade, lá, os terreiros foram levados por Carlos Leal para se apresentarem. As escolas também foram alvo dessas apresentações. Segundo Marcos Leal, essa era uma forma de propagar a religião e, pelo esclarecimento, diminuir o preconceito.

Imagem 3 — Divulgação do programa radiofônico da Umbanda



Fonte: Jornal Umbanda no Lar, ano 1, n. 1, 1977, p. 4

No recorte acima, podemos sentir a abrangência das ações e interações da FECAEP extrapolando os limites do estado. Havendo programas no Rio de Janeiro e em Brasília.

Com suas ações, a FECAEP, que era filiada à Confederação Espírita de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros, inseriu-se no contexto nacional, e Carlos Leal ficou conhecido como seu arquicancelário, denominação que recebeu de outros chefes da religião, segundo Marcos Leal, por causa da sua enérgica atuação e capacidade única de "abrir as cancelas" para a religião.

Carlos Leal ficou bastante conhecido por meio de matéria veiculada na revista O Cruzeiro (TORRES, 1975), na qual relata a descoberta do

cemitério dos mestres da jurema. Outro feito seu de destaque foi a tentativa de comprar o velho pé de jurema dos mestres do Acais. Propôs o tombamento do Sítio do Acais, fez planos para construir um cemitério da jurema, e produziu textos para divulgação sobre a jurema. Segundo Marcos Leal, o sonho de seu pai era transformar Alhandra em um centro cultural. Foi membro do Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda (CONDU), fundado na cidade do Rio de Janeiro. No dia 26 de agosto de 1978, Carlos Leal, na condição de conselheiro, fez exposição sobre o “culto da jurema” na Segunda Convenção Nacional do CONDU:

A programação prossegue com o tema “Culto de Jurema” em exposição do Conselheiro CARLOS LEAL RODRIGUES (PB). O orador estabelece de início um panorama geral da religiosidade no seu Estado com 4.332 templos em funcionamento, sob a orientação da Federação dos Cultos Africanos que preside. Existe em cada cidade do interior do Estado uma sede da Federação. Em convênio com o Mobral funcionam 22 escolas. O registro dos Templos – denominação que substitui “terreiro” – é gratuito; nenhum registro ou publicação correspondente no Diário Oficial é feito sem autorização da Federação. Informa o Conselheiro CARLOS LEAL RODRIGUES que acaba de obter idênticas condições legais no Estado de Pernambuco. Refere-se aos programas radiofônicos por ele organizados visando a divulgação doutrinária e que são mantidos não em seu nome, mas como atividade da Federação. Expõe pormenorizadamente as características do Culto de Jurema e responde às perguntas formuladas sobre o Culto e seus Mestres. BISNEIR MAIANI indaga se o orador considera como Umbanda o Culto de Jurema. CARLOS LEAL responde afirmativamente declarando que não concorda com a divisão de cultos e que a Jurema é também Umbanda porque é manifestação divina. Ao término da exposição, reportando-se ao que acabava de ouvir, o Conselheiro JOSÉ RAIMUNDO DE CARVALHO (RJ) lembra que em outros Estados o índio está muito esquecido e solicita que, paralelamente aos cursos de cultura iorubana, sejam promovidos cursos de língua

e cultura tupi-guarani. (CONVENÇÃO NACIONAL DO CONSELHO NACIONAL DELIBERATIVO DA UMBANDA, 1978).

Nos agradecimentos do livro de José Paiva de Oliveira ([ca.1980], p. 27), o nome de Carlos Leal figura na lista dos “Babalorixás e Yalorixás Baluarte no Brasil”. Na parte consagrada à jurema da Paraíba, depois de repetir o lugar comum sobre Alhandra como o berço da jurema, estampa o retrato de Carlos Leal, com destaque para o texto subscrito.

Imagem 4 — Carlos Leal



**O babalorixá Carlos Leal Rodrigues, embaixador do culto de Jurema no Brasil, conhecedor profundo da Jurema na Paraíba. É hoje conhecido como o maior juremeiro no Brasil.**

Fonte: Oliveira ([ca. 1980], p. 40)

Segundo Marcos Leal, Eduardo Fonseca Júnior, fundador da Sociedade Yorubana Teológica de Cultura Afro-Brasileira no Rio de Janeiro, foi filho de santo de Carlos Leal na jurema. Era praticante de umbanda no Rio de Janeiro, e, certo dia, recebeu uma entidade que se identificou como mestre de jurema, nascido na cidade de Alhandra. Ela lhe pediu que procurasse sua terra. Eduardo aprontou uma mochila, colocou-a nas costas e partiu para João Pessoa. Aqui chegando, conheceu Carlos Leal. Tornaram-se amigos, e, juntos, foram até Alhandra. Carlos o preparou na jurema, e Eduardo se assumiu como juremeiro. Segundo mãe Ceiça, depois que Carlos morreu, Eduardo afirma que na Paraíba não há mais catimbozeiros, apenas “acendedores de cachimbo”. Conforme conta Marcos, a entrada de Carlos no CONDU aconteceu por intermédio de Eduardo.

Destacou ainda que mãe Rita Preta de Santa Rita (juremeira conhecida) foi filha de santo de Carlos Leal. Acrescentou que Carlos foi responsável por trazer à Alhandra a famosa mãe de santo Olga do Aleketo e o pai de santo José Paiva, autor do livro citado anteriormente (OLIVEIRA, [ca. 1980]).

Com a morte de Carlos Leal, a federação ficou a cargo de mãe Ceiça, pois o vice-presidente, Emídio do Oriente (que residia em Campina Grande) se recusou a assumir o cargo. Mãe Ceiça, não se sentindo apta, levou a questão para a assembleia, que decidiu formar uma junta governativa provisória composta pelo capitão Hamilton (filho de santo de mãe Beata), pai Dudu de Bayeux e Valter Pereira (nessa época, Valter era dono de uma casa de venda de produtos de umbanda chamada Cabocla Jupira). Depois de três meses, foi feita eleição, e Valter Pereira foi eleito, reelegendo-se sucessivamente até sua morte em 2011. Segundo contam, depois da morte de Carlos Leal, a FECAEP não teve a mesma atuação, e

vale destacar que, em parte, isso se deveu ao surgimento de outras federações que passaram a concorrer entre si.

### **VALDIVINO MORAIS DE LIMA**

Também conhecido como tenente Valdivino, é uma figura importante porque, pelo que tenho sido informado, foi um dos que mais iniciou filhos na cidade. Uma grande parcela da nova geração de pais de santo carrega alguma herança da linhagem dele. Foi iniciado por pai Moisés na umbanda com nagô. Na época, já era tenente da polícia. Seu terreiro funcionou, primeiramente no bairro dos Expedicionários, próximo ao de Carlos Leal, depois foi transferido para o bairro de Mangabeira. Conforme dizem, hoje não tem mais terreiro, e vive em Pedras de Fogo, município do interior paraibano. Dizem também que se encontra em processo de senilidade bastante avançada (tudo indica que tenha nascido em 1940, aproximadamente).

Ele iniciou pessoas que se tornaram importantes e reconhecidas na religião, responsáveis por ampliar os quadros de adeptos na cidade desde 1961. Saíram da sua linhagem: Maria do Peixe (falecida), Ivonete (falecida), Luís Tibúrcio (falecido), Lindalva (falecida), Olívia, Severino Ramos e muitos outros.

Sobre ele, Mãe Marinalva registra no seu livro:

Valdivino deve ser cinco ou seis anos mais moço que eu. Ele ainda está vivo, mas dizem que já está caducando. Foi o pai de santo das finadas Maria do Peixe e Ivonete de Mandacaru. Quando o conheci, ele morava nos Expedicionários e vivia completamente obsedado. Saía da sua casa a pé, carregando a estátua de Nossa Senhora da Conceição embaixo do braço, ia até à praia, dava banho na imagem e voltava.

Aconteceu que ficou doente a ponto de morrer, então alguém disse que ele precisava ser iniciado na religião. Procuraram Moisés, mas Valdivino não queria de jeito nenhum fazer o santo porque ele era gay. Mas a doença foi piorando e ele acabou cedendo. Moisés o recolheu e fez o seu santo [...].

Aos poucos, Valdivino, que é filho de Ogum Toperinã, foi crescendo como pai de santo e fez muitos filhos em João Pessoa (SILVA, M., 2013, p. 64-65).

### **OSVALDO BELARMINO DA SILVA**<sup>16</sup>

Nasceu em 1930. Zelador do Centro Espírita de Umbanda do Caboclo do Tupyara, fundado em 07 de março de 1944, atualmente situado no Bairro do Castelo Branco, onde também reside o seu titular. Ex-presidente da Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros do Estado da Paraíba. Religioso há mais de 60 anos, e teve seu terreiro filiado à FECAEP assim que foi fundada. Casado e aposentado vive apenas com sua esposa. Não tem muitos filhos de santo importantes, sua importância maior se dá como testemunha, e pela posição que ocupou na Cruzada.<sup>17</sup> Diz que quando abriu seu centro, fazia apenas a umbanda, depois se tornou umbanda com nagô. Possui iniciação apenas na jurema, e sua última renovação foi em 1995 com mãe Penha de Oiá (filha de santo de Sebastião Gama).

### **PAI DUDU E MÃE JOANA DE BAYEUX**

Sobre eles, levantei pouca informação. Ele foi iniciado por Gilberto de Ogum, com quem se desentendeu, procurando em seguida mãe Beata

---

<sup>16</sup> As informações que apresento sobre ele foram colhidas por jovens pesquisadores integrantes de pesquisa de iniciação científica nos anos de 2006 e 2007. Agradecimentos a Stênio Soares e Ivana Bastos.

<sup>17</sup> Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros da Paraíba, fundada em 9 de janeiro 1972 por um grupo de adeptos (incluindo pais e mães de santo) descontentes com a atuação da FECAEP.

par ser sua mãe de santo. Mãe Joana também passou pelas mãos de Gilberto de Ogum. E parece que quando nova recebeu um *bori* no Rio de Janeiro. Por último, recebeu um *decá* de um pai de santo do Recife. Conta-se que no dia, o seu barracão pegou fogo. Os dois já faleceram, e o terreiro ainda funciona em Bayeux, município integrante da Grande João Pessoa. Os dois foram responsáveis pela iniciação de grande contingente, tanto em Bayeux como em João Pessoa.

### **JOSÉ EUFRASINO GOMES**<sup>18</sup>

Mais conhecido como Zé Bambolê. Nasceu em 1944 em Mulungu de São José, distrito de Campina Grande. Criou-se em João Pessoa, para onde veio com 9 anos de idade. Nessa idade, já frequentava as mesas de jurema, os curadores, por causa de sua mediunidade. Naquela época, disse, ninguém sabia o que era umbanda.

Em João Pessoa, passou a frequentar terreiros da cidade. Conheceu Sebastião Gama, com quem queria fazer o santo, mas não pode porque era menor de idade. Ligou-se ao terreiro de pai Moisés, sem, contudo, ter passado por iniciação. Aos 18 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, e foi lá que se iniciou, aproximadamente aos 22 anos de idade. Foi iniciado por uma baiana chamada mãe Amália, no rito angola, embora fosse muito misturado. Depois disso, separou-se de sua esposa e voltou para João Pessoa para abrir o seu terreiro, trazendo consigo o rito angola.

Na cidade, procurou outro pai de santo para retirar a mão fria de sua cabeça, pois mãe Amália havia falecido. Ligou-se a João da Mortuária, com quem se “enquizilou”<sup>19</sup> em seguida. Abriu terreiro na barreira

---

<sup>18</sup> Entrevista realizada em 31 de agosto de 2011.

<sup>19</sup> Desentenderam-se, o que o levou a se afastar dele.

do Cabo Branco em 1978, onde permaneceu por 3 anos. De lá, mudou-se para o Bairro São José, onde permanece até hoje.

Conta que quando mudou para o bairro, lá havia aproximadamente cinco terreiros, e mais ou menos três terreiros no bairro vizinho: Ma-naíra. Aos poucos foram desaparecendo, restando apenas o seu. Afirma que por causa da diferença do seu rito, quando foi pedir licença na FECAEP, foi barrado por Carlos Leal porque ele não poderia abrir uma casa dedicada a Omulu (seu *olori*), pois, na Paraíba, ele era visto como exu. “Briga vai, briga vem, Carlos Leal cedeu mediante documento assinado por mãe Amália comprovando a feitura: adoxado, pintado e catulado para Omulu” (informação verbal).<sup>20</sup>

Quanto a seus filhos, afirma que não são muitos, e nenhum deles mais tem terreiro aberto.

\*\*\*

A lista que acabei de apresentar não é exaustiva, há outros nomes que poderiam ser incluídos nela<sup>21</sup>, a exemplo de alguns que, apesar de hoje se ligarem ao candomblé, tiveram vivência expressiva na umbanda durante suas décadas de ouro (segunda metade de 1960, 1970 e 1980), como mãe Renilda de Oxossi, Pai Gilberto da Pedra (nação Moçambique), mãe Zetinha (representante do nagô pernambucano em João Pessoa, cujo terreiro está ligado ao Sítio de pai Adão), entre outros. Porém a intenção não era esgotar todas as informações neste primeiro volume, o

---

<sup>20</sup> Trecho da entrevista, *idem*.

<sup>21</sup> Por exemplo: Mãe Maria do Peixe (falecida), cujo terreiro frequentei por 4 anos; Pai Biu Tutano, Pai Afonso, com os quais já realizei uma primeira entrevista; Mãe Olívia, cujo terreiro visitei algumas vezes, entre outros.

mais querido é oferecer a pesquisadores interessados no assunto pistas úteis, e preparar o terreno para os próximos volumes.

Diante das informações apresentadas, a que conclusões prévias podemos chegar sobre o campo religioso afro-brasileiro na Paraíba? Não se trata exatamente de conclusões, são mais indicações, hipóteses, sugestões. São “apontamentos” — no sentido de estar “apontando” para algumas direções.

A primeira delas é que sob a égide da umbanda o campo foi tomando propriamente o formato de campo, criando seus elementos: o capital a ser buscado e disputado, a burocratização e hierarquização de funções, o que levou à criação de um quadro capaz de estabelecer a diferença entre um polo dominado e um polo dominante, dando vazão ao estabelecimento da *illusio*. Assim foram se definindo objetivamente padrões e chamados à ordem para as chamadas religiões afro-brasileiras em todo o estado da Paraíba.

Nesse processo, a FECAEP, bastante representada pelas ações do seu presidente, Carlos Leal, teve papel crucial. A partir de 1966, ano de sua fundação, a FECAEP passou a fiscalizar, organizar, promover e distribuir certificados para os terreiros. Para isso, a partir da Lei Estadual 3.443/66, criou certas exigências, algumas delas bem severas conforme nos mostra o estudo de Santana (2018), a ponto de se perceber que a perseguição que antes se operava pela polícia, passou a ser operada pelas federações (com a ajuda da polícia). É pertinente destacar que a Lei 3.443/66, apesar de ser festejada como o marco da liberação da religião na Paraíba (o que de fato é), também proporcionou a perseguição, pois o artigo 2º determinava que o funcionamento dos cultos deveria ser “autorizado pela Secretaria de Segurança Pública”, mediante a constatação de que os praticantes não tinham registros criminais, eram idôneos

moralmente e gozavam de sanidade mental atestada por laudo psiquiátrico. E o artigo 5º atribuíu à FECAEP o direito de disciplinar o exercício dos cultos no estado (PARAÍBA, 1966). Cabe ressaltar que a criação da FECAEP se diferencia do surgimento de outras federações do gênero no país a fora. Por exemplo, em São Paulo (NEGRÃO, 1996), as primeiras federações, surgidas em 1953, não foram tuteladas pelo Estado, emergem das fileiras do movimento umbandista — por outro lado, pode-se dizer que a existência da tutela do Estado no caso da Paraíba, não implica dizer que antes da promulgação da referida lei não tenha existido mobilização, reivindicações e organização do povo de santo em busca de seus direitos. Essa possibilidade foi insinuada, ainda que não desenvolvida, em algumas entrevistas. No geral, a insinuação se compõe de duas partes: a que atesta a perseguição e, ao lado desta, a que opta por cooptar/convencer o então candidato João Agripino a atuar em favor da liberação dos cultos afro-brasileiros. Nas narrativas, essa ação aparece como ato isolado de cada pai ou mãe de santo entrevistado. Não há menções explícitas a movimentos coletivos do povo de santo contra a perseguição ou em busca de reconhecimento. Esse é um “apontamento” importante a ser investigado, pois acredito que haja elementos de ativismo social anteriores à promulgação da Lei 3.443/66 que serviram para sedimentá-la.

Uma das exigências que foi crucial para definir as influências que o campo receberia se expressa na principal função da FECAEP. Para que ela autorizasse a abertura e funcionamento dos terreiros (“templos” como Carlos Leal queira que fossem chamados), os requerentes precisariam demonstrar, inquestionavelmente, que tinham sido iniciados por um pai ou mãe de santo reconhecida. Na falta desse ou dessa, era preciso buscá-lo/a, de preferência em Recife.

Os dados que juntei mostram que a FECAEP (provavelmente isso se aplique às outras federações da Paraíba) expedia no mínimo três tipos de licença: da mais simples à mais complexa. A primeira era para realização de mesa branca. Nesse caso, não havia muitas exigências, o requerente conversava com Carlos Leal e seus secretários, que decidiam se ele estava apto a realizar tais mesas. A mesa branca se assemelha muito às reuniões espíritas (kardecistas), está destituída da gira, dos batuques, das bebidas etc. O/a licenciado/a não poderia realizar atividades das outras duas categorias.

A segunda era a licença para os trabalhos de jurema. Nesse caso, o processo era diferenciado, pois, além da entrevista com a comissão, o/a postulante deveria passar pelos chamados testes das entidades (testagem da incorporação para verificar se era autêntica e testagem do poder das entidades). Uma vez aprovado/a, poderia realizar as sessões de jurema, e seria reconhecido junto à Federação como juremeiro/a. O/a licenciado/a poderia realizar as mesas brancas, mas não poderia realizar as atividades referentes aos orixás.

A terceira licença, a mais complexa, dava ao postulante o título de pai ou mãe de santo, e para obtê-la era necessário que outro pai ou mãe de santo subscrevesse o pedido de certificação, atestando que o/a postulante havia passado por uma iniciação completa (feitura de santo). Uma vez obtida a licença, o/a licenciado/a poderia realizar atividades envolvidas nas três categorias: mesa branca, jurema e orixá.

Além do poder disciplinador, Carlos Leal soube se valer muito bem da popularidade nacional que a umbanda gozava naquela época; popularidade que foi encetada e favorecida pela intensa atividade organizativa derivada do movimento federativo (NEGRÃO, 1996, p. 88), com o qual Carlos Leal estava sintonizado. Fez campanhas de divulgação

não só na Paraíba, mas em território nacional: programas de rádio, mostras de umbanda, apresentações em escolas e pontos turísticos, organização e manutenção periódica da festa de Iemanjá etc. Manteve aproximação com políticos importantes, estabeleceu intercâmbios com pais e mães de santo de outros estados brasileiros, trazendo-os para realizar eventos na cidade. Ele mesmo se inseriu no cenário nacional por meio do CONDU, e alguns umbandistas chegaram a considerá-lo: “o maior juremeiro do Brasil” (OLIVEIRA, [ca. 1980], p. 40). Como diz Negrão (1996, p. 92), na década de 1960, o movimento umbandista (por meio da organização federativa) buscava “dar à Umbanda uma estrutura nacional unificada e centralizada, um código ético-doutrinário calcado na moralidade cristã e na ordem vigentes e um ritual padronizado”. Tudo indica que Carlos Leal — o “arquicancelário”, como era chamado — foi o principal porta-voz desse ideal na Paraíba.

Até 1972, quando surgiu outra federação em João Pessoa — a Cruzada Federativa de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros da Paraíba (SOARES, 2007, p. 43) —, a FEACAEP era o único órgão que representava os praticantes das religiões afro-brasileiras, por isso, sua legitimidade não estava ameaçada. Depois do surgimento da primeira federação dissidente na cidade — em Campina Grande, o ex-vice-presidente da FEACAEP, Cícero Tomé já havia criado outra federação em 1968 (SANTANA, 2018, p. 91) —, seguida por uma terceira, quarta, quinta etc., houve certo redirecionamento das linhas de força dentro do campo, dividindo o “movimento”, gerando fortes tensões, denúncias e obrigando os líderes de cada federação a reformular ou criar mais regras para disciplinar o comportamento dos associados.

Mais à frente, começaram a chegar os primeiros terreiros de candomblé, orientados por outras propostas, como a do antissincretismo e

da pureza africana, o que vai afetar significativamente a hegemonia umbandista. Por outro lado, com a morte de Carlos Leal em 1981, a FECAEP parece ter se tornado menos atuante. Gradativamente, as federações vão perdendo força em nome da liberdade religiosa contra a intolerância. Hoje, elas ainda existem e funcionam — novas continuam sendo criadas —, mas não do mesmo modo em que ocorreu nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

As poucas informações que trouxe sobre Carlos Leal indicam que, dada a sua importância e expressividade para o campo religioso afro-brasileiro na Paraíba, a sua história deveria ser mais bem investigada. A sua viúva e seu filho Marcos Leal dispõem de rico material, tanto físico quanto na memória.

Outra consideração importante a se fazer é que, para os velhos e velhas praticantes da umbanda com nagô na cidade, o discurso atual contra o sincretismo, sobre a falta de pureza, a separação precisa entre o que é africano e aquilo que é brasileiro não tem ressonância em suas falas. É reiterativo deles se ouvir que “antes, na Paraíba, não existia candomblé, nação, tudo era umbanda”. Outros se referiram ao fato de que o que hoje se chama de “pai ou mãe de santo”, antes da época da FECAEP, era chamado “padrinho” ou “madrinha”. As designações diferenciadas (pai de santo, mãe de santo, babalorixá, ialorixá) acompanharam a institucionalização do culto e a estruturação do campo.

Pai Moraes, pai Cardoso e pai Moisés não hesitaram em se dizerem católicos, o que demonstra que a separação gerada pelo movimento contra o sincretismo não os atingiu diretamente. Para eles, a umbanda que praticavam não poderia prescindir dos elementos católicos, e não parece fazer muito sentido querer saber se a sua religião era africana, de matriz africana, indígena, afro-brasileira ou brasileira. No primeiro

plano, dizem-se católicos, algo que dificilmente se pode esperar das novas gerações.<sup>22</sup>

A mudança de perspectiva que irá afetar as novas gerações é contemporânea da chegada do candomblé à cidade, o que facilitou a entrada de ideias e reivindicações de um movimento — gestado em outras partes do Brasil: Bahia e Sudeste — mais consciente e politizado contra o colonialismo e o sincretismo, também conhecido como movimento de africanização ou reafricanização, dessincretização etc. (CAPONE, 2004; GONÇALVES, OLIVEIRA, 2011; PRANDI, 1991; SILVA, V., 1999; TEXEIRA, 1999). Mas, como podemos ver nas falas dos coautores deste livro e de vários outros e outras velhas praticantes, a perspectiva antiga ainda não desapareceu.

A forma como essas novas ideias chegaram à cidade e como afetaram o desenho do campo é um assunto digno de investigação, e está intimamente relacionado ao terceiro período de estruturação do campo afro-brasileiro na Paraíba (periodização apresentada na introdução deste livro), ou seja, o período em que começam a se multiplicar os terreiros de candomblé, tema ao qual espero dedicar um volume específico.

Também digno de nota, à guisa de considerações finais, é a relação íntima que os homens e mulheres velhas dos santos teciam com os

---

<sup>22</sup> Um aspecto importante que deriva dessa questão e que deixei de fora deste livro, com a pretensão de trabalhá-lo em outro volume, é a problemática étnico-racial. Da lista dos velhos pais e mães de santo que cataloguei, nenhum é declaradamente preto ou mesmo negro. Tudo indica que o vínculo das religiões afro-brasileiras com a negritude era muito tênue ou inexistente no estado naquela época. Isso explica o fato de — apesar de reconhecerem o valor (cultural) que a África representa para a umbanda — os velhos pais e mães de santo não questionarem a “brasildade” da sua religião. Outro aspecto que reforça essa hipótese pode ser visto na ausência de discursos ou práticas sobre o assunto (relações étnico-raciais) difundidos e ou implementados pela FECAEP nas décadas que sucederam a sua fundação. Dessarte, podemos afirmar que o campo religioso afro-brasileiro na Paraíba ganha suas feições, pelo menos nas décadas iniciais, tendo como pano de fundo o mito da democracia racial. Para estudos posteriores, é pertinente averiguar como essa situação foi alterada, especialmente com o fortalecimento do movimento negro em João Pessoa.

políticos. Uma relação que, geralmente, ocorria no plano velado, escondido, formando arranjo do tipo clientelização-clientelismo. O pai de santo via no político um cliente importante; o político via no outro um vendedor de serviços mágicos e potencial cabo eleitoral. Para os pais e mães de santo, ter algum político importante na lista de clientes é tido como prova de prestígio, mais ainda se ele se tornar filho de santo do terreiro. O exemplo mais evidente é o caso de João Agripino, considerado o libertador da religião por muitos adeptos, por ter assinado a Lei 3.443/66. Cada pai ou mãe de santo que entrevistei tinha uma história para contar sobre ele, geralmente contava que ele era frequentador do seu terreiro, seu filho de santo, foi a si que ele prometeu, se eleito fosse, liberar a umbanda no estado. Mãe Ceíça afirmou que João Agripino era frequentador e filho de santo de Carlos Leal, que foi este que fez trabalhos na umbanda que o elegeram sob a promessa de que a umbanda seria liberada. Pai Cardoso também disse que João Agripino frequentava seu terreiro, e que também trabalhou para sua eleição. Mãe Marinalva também alegou que ele frequentava seu terreiro e foi seu filho de santo. O fato é que João Agripino mantinha proximidade com os umbandistas, e a relação não era tão escondida. O *Jornal Umbanda no Lar* (1977) registrou a visita de João Agripino (já não era mais governador do estado) à FECAEP, provavelmente por ser, conforme disse mãe Ceíça, o seu presidente de honra.

Era prática da FECAEP homenagear políticos nos eventos públicos da religião, como a festa de Iemanjá. Em 1966, ano da lei 3.443, o jornal *Correio da Paraíba* (IBEJI, 1966) — antes da promulgação da lei, mas depois da mensagem enviada por João Agripino à Assembleia comunicando o propósito de liberação dos cultos africanos — registra a presença do sr. Luiz Carlos Florentino, chefe da Casa Civil do

Governador, na festa de ibejis no terreiro de Gilberto de Ogum, onde foi ovacionado com muito entusiasmo.

Pai Cardoso apresenta uma lista de governadores paraibanos e outros políticos que frequentavam o seu terreiro, especialmente na época das eleições. Como ele disse, todos sabiam que ele era um bom cabo eleitoral. Nesse sentido, os políticos procuravam os pais de santo no período de eleição a fim de obter dois tipos de serviço: o espiritual-mágico e os votos dos adeptos e familiares. Um complementando o outro. De lá para cá, isso não mudou muito. O que menos eu esperava, entretanto, se verifica na história de pai Cardoso: a sua relação de proximidade e clientelização com Pedro Gondim, governador que ganhou fama por perseguir a umbanda (enquanto João Agripino é celebrado como o herói, Pedro Gondim é visto como o vilão). Foi durante seu governo (1958-1966) — todos os velhos praticantes que entrevistei foram unânimes sobre isso — que terreiros foram invadidos, pais de santo perseguidos, presos e maltratados. Como narra pai Cardoso, Pedro Gondim frequentava seu terreiro como cliente, e no processo eleitoral que o reelegeu ao governo da Paraíba em 1961, ele foi requisitado para fazer os trabalhos espirituais a fim de lhe dar a vitória.

Depois de eleito, Pedro Gondim se tornou amigo de pai Cardoso, e como agradecimento lhe ofereceu o cargo de diretor do porto de Cabedelo, oferta que foi rejeitada pelo pai de santo por não se sentir capacitado para a função, pois não sabia ler e escrever. O governador, então, substituiu a oferta por um emprego no palácio do governo como servente, o que nunca se concretizou. Mas se Pedro Gondim não cumpriu a promessa, outro governador, também seu cliente, o fez: Ernâni Sátiro (sucessor de João Agripino, governou a Paraíba de 1971 a 1975) lhe deu a gerência do restaurante da AFRAFEP.

Pai Moraes também exemplifica bem a relação que os pais de santo mantêm com políticos. No mesmo dia em que o entrevistei, um político do alto escalão estadual — “o terceiro homem mais importante da Paraíba” — passaria por uma limpeza espiritual no seu terreiro. Esse político era seu cliente há longas datas, e como disse pai Moraes, já o havia elegido (ou seja, feito trabalhos espirituais-mágicos para o eleger) duas vezes.

E, finalmente, podemos pensar um pouco sobre a importância que outros lugares exerceram sobre o campo afro-pessoense e, em sentido mais geral, paraibano.

Não resta dúvida de que a definição da umbanda em João Pessoa recebeu influências externas. Os três exemplificam, por meio de suas experiências, o papel que Recife desempenhou como influência em João Pessoa. Foi uma referência. Os velhos pais de santo, tudo indica que por necessidade imposta pelos novos quadros institucionais e burocráticos capitaneados pela FECAEP, iam a Recife em busca de pais de santo. Como foi o caso de Sebastião Gama, Severina Félix, Manuel Madeira e dos três coautores deste livro.

Além de Recife, Maranhão, Rio de Janeiro e Bahia também são citados. Dentro da Paraíba, as referências se voltam para Santa Rita, Bayeux e Campina Grande. Fiquei surpreso por não ter encontrado referências ao Rio Grande do Norte que também possui vasta atividade no campo das religiões afro-brasileiras.

São muitas as formas como as influências operam: diretamente pela ida e vinda das pessoas; pelo contato com outras experiências, estabelecendo valências e criando configurações e interdependências; pelo deslocamento de produtos, símbolos, ideias etc.; por meio dos canais dos meios de comunicação de massa. Sobre isso, registro que vi em

alguns acervos particulares de pais e mães de santo discografia de umbanda produzida no Sudeste brasileiro, (um LP de pai Edu do Recife, destacava-se por ser o único do Nordeste). Muitas das músicas (pontos) que são cantadas nos terreiros hoje, e considerados como originais da jurema, chegaram na onda da umbanda, alimentada por uma indústria cultural gravada em discos. Na década de 1970, era moda se ouvir músicas de terreiro cantadas por Clara Nunes, Ruy Maurity, Martinho da Vila, Os Tingoãs entre outros. Também, fazendo parte do acervo de alguns deles, encontrei exemplares de literatura umbandista produzida no Sudeste do Brasil.

Outro aspecto que deve ser observado no estudo da formação do campo em João Pessoa é o papel que o espiritismo kardecista desempenhou. Creio que, assim como foi demonstrado por Negrão (1996) ao estudar a formação do campo umbandista em São Paulo, ele faz parte do *continuum* que envolve as denominações afro-brasileiras. Alguns pais de santo mencionaram o Centro Cavaleiro de Cristo como um centro kardecista dirigido por uma certa madrinha Dinda, o qual era muito frequentado pelos praticantes de outros tipos de espiritismo. Vale a pena investigar essa influência, que, creio, tenha sido mais evidente no primeiro período de formação do campo.

Em suma, o que trago neste livro (primeiro volume de uma série) sobre o campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa/Paraíba, considerando os dados das pesquisas que tenho feito, são, reitero, apontamentos. Talvez a riqueza maior esteja nas vozes dos entrevistados, aqui apresentados como autores do que eles próprios construíram.

Os apontamentos trazidos por este livro sugerem a existência de um contexto ou configuração em que viviam os velhos homens de santo (e mulheres), no qual praticavam a religião sob o preconceito e a

discriminação, traduzidos em formas de perseguição, que apesar de serem severas em alguns momentos, na maior parte do tempo, eram difusas, permitindo que a crença nas entidades africanas, brasileiras e ocidentais fosse a ocupação principal. Viviam a religião de maneira a direcioná-la aos próprios praticantes e para seus clientes. Mas, a partir de certo momento, outra entidade passa a modular a crença e a dividi-la de forma indelével. Trata-se de uma entidade também poderosa, mas de estatuto não-sobrenatural: um campo religioso afro-brasileiro que se formava. Disciplinava seus agentes; criando normas para as interpretações dos ritos, gestos e palavras; também ganhava corpo um sistema de classificação e hierarquização das pessoas. Enfim, elementos de um campo que vão se sedimentando na forma de capital, polos dominados e dominantes, *illusio*, discursos (especialmente o da nacionalidade e da democracia racial — eurocêtricos), tensões, conflitos e negociações.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecleia. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Estatística do culto espírita do Brasil (1967)**. Brasília: Instituto de Imprensa Nacional, 1973a. v. 1.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Estatística do culto espírita do Brasil (1968)**. Brasília: Instituto de Imprensa Nacional, 1973b. v. 2.
- BRASIL. Ministério da Justiça. **Estatística do culto espírita do Brasil (1969)**. Brasília: Instituto de Imprensa Nacional, 1973c. v. 3.
- CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria: Pallas, 2004.
- CONVENÇÃO NACIONAL DO CONSELHO NACIONAL DELIBERATIVO DA UMBANDA, 2., 1978. Rio de Janeiro. **Ata** [...]. Rio de Janeiro: Hotel Flórida, 1978.
- GONÇALVES, A. Giovanni Boaes. Do catimbó ao candomblé: circularidades nas religiões afro-brasileiras na Paraíba/Brasil. In: CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGIA (2010, 2012, 2014), 2014, Habana. **Anais** [...]. Habana: Instituto Cubano de Antropología, 2014. p. 1-20. v. 1. CD-ROM.
- GONÇALVES, A. Giovanni Boaes. **Catimbó/jurema, umbanda e candomblé: o campo religioso afro-brasileiro em João Pessoa**. 2013a. Relatório final. [Pós-doutoramento] — Universidade de São Paulo/Departamento de Antropologia, São Paulo, 2013a.
- GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes. Teatro dos santos: mistificação da possessão nas religiões afro-brasileiras. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de; REBLIN, Iuri Andréas;

SCHAPER, Valério Guilherme; GROSS, Eduardo; WESTHELLE, Vítor. (org.). **Religião, política, poder e cultura na América Latina**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2013b, p. 407-414. v. 1.

GONÇALVES, Antonio Giovanni Boaes. Chica Baiana passeando em terra alheia: presença da mina maranhense em terreiros de João Pessoa. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís, v. 50, p. 04-08, 2011.

GONÇALVES, A. G. Boaes; OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. Identidade, tradição e legitimidade nas religiões afro-brasileiras. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**, Recife, v. 1, n.1, p. 125-140, 2011. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/9>. Acesso em: 20 jan. 2022.

IBEJI também é orixá. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 1. cad., p. 17, 2 out. 1996.

JORNAL UMBANDA NO LAR. João Pessoa, ano 1, n.1, 1977. Publicação da Federação dos Cultos Africanos do Estado da Paraíba.

LAHIRE, Bernard. **Monde pluriel**: penser l'unité des sciences sociales. Paris: Editions du Seuil, 2012.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. **Memória de velhos**: depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: Lithograf, 1997a. v. 1.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. **Memória de velhos**: depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: Lithograf, 1997b. v. 2.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. **Memória de velhos**: depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: Lithograf, 1997c. v. 3.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. **Memória de velhos**: depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: Lithograf, 1997d. v. 4.

- NEGRÃO, Lísias N. **Entre a cruz e a encruzilhada**: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- OLIVEIRA, José Paiva de. **Os mistérios da umbanda e do candomblé**. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, [ca.1980].
- ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PARAÍBA. **Lei 3.443 de 6 de novembro de 1966**. Dispõe sobre os cultos africanos no estado da Paraíba. João Pessoa: Assembleia Legislativa, [1966]. Disponível em: [http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/sapl\\_documentos/norma\\_juridica/2899\\_texto\\_integral](http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/2899_texto_integral). Acesso em: 6 jan. 2022.
- PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1991.
- SANTANA, J. R. S. **Entre o marginal e o legal**: os embates políticos em torno da lei 3.443, de 6 de novembro de 1966. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) — Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2018.
- SILVA, Marinalva A. da. **Umbanda**: missão do bem. Minha história, minha vida. João Pessoa: Ideia, 2013.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Reafricanização e sincretismo: interpretações acadêmicas e experiências religiosas. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson. (org.). **Faces da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. p. 149-57.
- SOARES, Stênio José Paulino. **“Anos da chibata”**: perseguição aos cultos afro-pessoenses e o surgimento das federações. 2007. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- TEIXEIRA, Maria Lina Leão. Candomblé e a (re)invenção de tradições. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson. (org.). **Faces da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. p.131-40.
- TORRES, Edison. A cidade sagrada da jurema. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 58-61, 1975.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**

[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)